

O GUARDIÃO DA MEIA-NOITE

Rubens Saraceni

Inspirado por
Pai Benedito de Aruanda



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O
Guardião
da
Meia Noite

Rubens Saraceni

Inspirado por:

Pai Benedito de Aruanda

APRESENTAÇÃO DO AUTOR

Quando comecei a receber a inspiração para escrever este livro, preparei-me mentalmente, pois Pai Benedito havia me dito:

“Vou historiar uma experiência fascinante de um velho amigo seu, que pagou o preço do desafio às leis eternas do amor e da compreensão”.

Ninguém fica impune quando desafia a Lei e, em consequência, enquanto não purgar todo vício que o conduziu na afronta a Ela, não receberá outra coisa que não o tormento da fúria divina, que o perseguirá por quanto tempo for necessário, até que desperte do pesadelo que está adormecido o seu ser imortal. É uma experiência que está sendo vivida neste instante por milhões de espíritos que não souberam controlar seus instintos mais viciados, e se deixaram se levar pelas falsas aparências das situações que, se vistas com amor e com respeito pelos semelhantes, o levariam ao sétimo céu.

Mas, como não foi isto que aconteceu com o Barão, então contemos a fascinante história do Guardião da Meia-Noite. Fascinante porque nos revela de modo humano, o estranho desenrolar da vida desse personagem que tinha tudo para ser uma vida tranqüila, mas que, infelizmente, pela forma como agiu, provocou seu tormento, mesmo depois de morto seu corpo carnal. O Guardião da Meia-Noite é o personagem real que mais coragem teve ao nos contar sua terrível história. Hoje ele é um dos melhores servidores da luz da Lei. Mas como todos os romances, contos místicos e histórias de Pai Benedito de Aruanda tem por finalidade ensinar-nos algo, espero que esta narrativa possa trazer um pouco de esclarecimento sobre as coisas divinas que se encontram espalhadas nas frases, diálogos e situações vividas pelos personagens, todos humanos e em

constante evolução, que povoam o desencadeamento dramático da história do Guardião da Meia-Noite.



(RUBENS SARACENI)

UM ERRO GERA OUTROS ERROS

Eu estava sentado e meditando sobre minha vida, quando um ente espiritual se aproximou e me saudou:

- Salve, Taluíá!

- Salve, amigo! Como vai?

- Hoje estou ótimo.

- Fico feliz em ouvir isto. Mas porque tanta alegria se era tão calado?

- Houve uma grande mudança em meu modo de ser.

- Como assim? Mesmo a pós a morte, quando resta apenas a alma, ainda há mudanças?

- Sim! Gostaria de ouvir a minha história?

- Claro, nada tenho a fazer no momento. Talvez sua história me ajude em algo. Conte-a, estou ouvindo.

- Bem, você já me conhece há muito tempo, certo?

- Sim, são muitos anos de esforço conjunto dentro da Lei.

- Pois é, mas fique sabendo que eu já fui um grande fora da Lei.

- Como foi isso, meu amigo?

- Tudo começou há duzentos e trinta anos atrás. Eu era um barão, um homem rico e poderoso. Tinha muitas terras, escravos, plantações e muitas parselhas de animais. Eu vivia do transporte da produção de alimentos do planalto até o porto de Santos.

- Como isso era feito?

- Através de carroções com rodas de madeiras, puxados por parselhas de bois ou de burros.

Cavalos não eram bons para este serviço.

- Entendo. Continue, não quero atrapalhar a sua história.

- Bem, eu era o maior transportador da região, por isso era muito bajulado por todos. Se eu não gostasse de alguém, seus produtos se perdiam, pois não chegavam até o porto, para posterior

exportação.

Por isso todos procuravam ser amigos meus. Eu sabia do poder que possuía, e também me aproveitava disso.

Sempre que podia, procurava tirar vantagens da minha posição.

Acabei recebendo título de barão, pois tinha alguma influência na corte real de Portugal.

Quando ganhei meu título de nobreza, fiz uma grande festa para todos os meus amigos.

Estava exultante com a minha nova posição. Os anos foram passando, e eu comecei a pensar:

“Riquezas eu já possuo, e muitas terras também. O que mais pode me interessar? “

- Sim, o que mais?
- Uma mulher, meu amigo.
- Você não era casado?
- Não. Estava com quarenta anos e nunca tinha pensado em me casar.
- Mas até esta idade nunca tinha pensado em mulheres?
- Não é bem assim. Eu tinha muitas escravas, e também mulheres brancas que vinham de Portugal. Conhecia, e muito bem, o prazer da boa companhia feminina.
- Então...
- Sim, achei que devia escolher uma para ser minha esposa.
- Acho isso muito bom!
- Errado, amigo Taluiá. Foi aí que eu cometi o grande erro de minha vida.
- Só porque pensou em se casar?
- Sim. Logo que resolvi fazer isto, comentei com um amigo íntimo a minha intenção de fazê-lo.

Disse-lhe que iria escolher uma moça bonita e preparada para ser minha esposa.

Logo, toda colônia estava sabendo.

Amigo íntimo é bom para isto: você lhe conta um segredo, e logo todos sabem o teu segredo. Só você não sabe que seu segredo já não é segredo, pois corre como um serelepe.

- Isto é verdade. Segredo só é segredo quando apenas um o conhece. Se dois souberem, não o é mais. Vira notícia.

- Vejo que você já revelou algum segredo seu e teve o desgosto de vê-lo virar notícia, não?

- Sim, mas aprendi a lição. Hoje só revelo segredos que desejo ver virarem notícias.

- Faz bem agir assim, pois foi por causa de um segredo que eu me arruinei na vida.

- Você perdeu a fortuna?

- Não, não! É que meu “amigo” começou a espalhar que eu procurava uma esposa. Logo, sem que eu soubesse porque, comecei a receber convites para almoço, jantares e festas. Não tinha mais tempo de ficar em minha casa. E as jovens se insinuavam para mim como rameiras a se oferecerem para quem pagasse melhor.

Como eu não suspeitava de nada e era muito rico, achei que era pelo meu título que se insinuavam. Descobri uma forma especial para me aproveitar disso. Pouco a pouco, comecei a ser íntimo de muitas delas.

- Muito íntimo?

- Sim, muito íntimo.

- Hã, já entendi. Um conquistador de corações apaixonados, não?

- Errado! Corações interessados em minha fortuna e meu título de nobreza, conseguido após eu pagar uma elevada soma a alguém.

- Compreendo.

- Pois bem. Algumas eram realmente belas, meu amigo. E como eram fogosas as raparigas!

Para mim não havia outra vida melhor.

Conseguia provar o gosto de quase todas. Não sabia qual a mais saborosa, mas que importava este detalhe?

Eu era um nobre rico e poderoso, e elas, ovelhas indefesas para as presas de um lobo como eu.

Com o tempo, comecei a me cansar dessa situação. Achava que as mulheres eram todas muito fáceis de seduzir.

Com isso, resolvi não mais me casar. Já pensou o que poderia acontecer em uma de minhas viagens de negócios, deixando-a só por muito tempo?

- E o que fez então?

- Resolvi fazer uma viagem a Portugal. Arranjaria lá, uma esposa. Teria que ser bem jovem, para eu poder educá-la a meu modo.

Quando lá cheguei, comecei minha busca. Encontrei uma jovem muito bonita, um encanto de beleza feminina.

Ainda era muito jovem, tinha quatorze para quinze anos.

Com o auxílio de amigos influentes, fui apresentado ao pai dela. Com toda minha fortuna, não foi difícil arrumar o casamento.

- Quem era ela?

- Filha de um ministro do rei, um visconde.

- Como se chamava?

- Isso não posso dizer-lhe, mas o nome dela aparece nos livros de história de Portugal.

- Entendo. Continue, meu amigo.

- Bom, depois de tudo acertado, nos casamos com grande pompa. Não poupei dinheiro. Era vaidoso também. Até o rei estava em nosso casamento.

Após a festa de núpcias, tentei um primeiro contato com ela, mas devido a sua idade, não foi possível, pois ela era muito tímida. Eu não queria magoá-la, iria conquistá-la aos poucos.

- Louvável sua atitude.

- Certo. Resolvi voltar para o Brasil, teria muito tempo durante a viagem. Dois dias após o casamento, voltei. Ela veio chorando o tempo todo, por causa da separação da família.

Eu procurava uma forma de conseguir torná-la uma mulher feita, mas não havia jeito. As lágrimas caíam todas as vezes que eu a tocava.

Assim, logo desembarcávamos em Santos. Quando chegamos à minha casa, a mais bela do porto, ela acalmou-se um pouco.

Durante a noite, eu forcei um pouco e consegui o meu intento. Mas, qual não foi minha surpresa ao ver que ela não era virgem!

- Como soube disso?

- Simples. Não manchou o lençol branco.

- Só por isto?

- Sim. Se todas aquelas que eu havia possuído sangravam, porque não ela?

- Tudo bem, não precisa se exaltar foi só uma pergunta. E o que você fez? Expulsou-a de casa, ou devolveu-a ao pai?

- Nem uma coisa, nem outra. Achei que se fizesse algo assim, o pai iria se ofender, e eu poderia me complicar na corte de Portugal. Afinal, a família era das mais influentes na Metrópole.

- E o que fez então?

- Falei sobre isso com ela. Disse-me que era virgem antes de casar. Jurou-me isto ante Deus. Eu não acreditei.

Que estúpido eu havia sido! Fui tão longe para achar uma jovem em quem pudesse confiar, e acabei trazendo uma que já conhecia o prazer. E o pior é que eu não podia devolvê-la sem ser humilhado. Além disso, iria provocar a ira da família dela.

Que situação, hein? Não foi um castigo por ter me aproveitado de tantas jovens que pensavam em tornar baronesas?

Foi o que me ocorreu na época. Eu havia sido castigado por meus poucos escrúpulos.

- Então resolveu calar-se e usufruir da beleza de sua esposa, não?

- Errado, amigo. Usufri de sua beleza, porém comecei a arquitetar um plano para vingar-me da traição.

Já que não podia fazer nada, iria me livrar dela.

- Mas ela não era bonita?

- Sim.

- E não era uma boa esposa?

- Sim, era uma ótima esposa, muito delicada e caprichosa com nossa casa.

- Então porque fez isso?

- Sentia-me humilhado. Arquitetei um plano infalível.

- Todos os dias ela ia dormir às oito horas em ponto. Não falhava um dia, era um hábito antigo.

Conversei com um escravo. Era um crioulo.

Ele assustou-se com o que propus.

- E o que você lhe propôs?

- Falei-lhe que eu queria que ela tivesse um filho, mas, como eu não podia dar um a ela, ele seria o macho, tal como fazia com as negras na senzala.

Disse-lhe também que, depois disso, ele seria um liberto.

- E ele aceitou?

- Sim. Quem, na situação dele, não aceitaria? Ainda mais sendo o amo quem o mandava fazê-lo. Exigi que ficasse deitado nu ao lado dela, até que ela acordasse. Deveria ficar em silêncio ao seu lado e, quando ela acordasse, aí sim, a possuiria.

Disse-lhe também que, no escuro, ela não perceberia nada a princípio, e que quando isso acontecesse, já seria tarde. Ele topou.

À noite, por volta das seis horas, eu sai de casa. O escravo estava instruído para entrar no quarto às nove horas.

Deixei com ele o meu relógio, para que soubesse a hora certa.

Fui até uma cantina ao encontro de alguns amigos. Ficamos a conversar até tarde. Por volta das nove horas, convidei-os para passarem em minha casa para bebermos um vinho especial vindo de Portugal.

Quando chegamos, pedi um pouco de silêncio, pois não queria acordar minha esposa, caso ela estivesse dormindo.

Entramos em silêncio, e falei:

- Esperem um instante, que vou ver se ela já esta dormindo.

- Vá, nós o esperamos em silêncio.

Entrei na casa, que era grande, e fui até o nosso quarto. Assim que entrei, dei um grito de espanto e ira.

-Vagabunda! Enquanto estou com os amigos, me traí com meu escravo?

Todos correram até a porta do quarto. O negro pulou nu da cama e encolheu-se num canto. Estava assustado, sem compreender o que havia acontecido de errado naquilo que tínhamos combinado. Minha esposa estava assustada. Assim que gritei, ela acordou e me olhou espantada. A cara de sono ajudou muito meu plano. Um dos meus amigos sacou de uma pistola e atirou no negro, quando ele correu para a janela tentando fugir, tal o medo que sentia.

O tiro foi certo. Varou-lhe as costas na altura do coração, e ele caiu de bruços, no parapeito da janela. Não era isso que eu tinha planejado, não a morte do escravo. Eu só queria desmoralizá-la, mas já que ele estava morto, continuei com o plano. Fui até ela e esbofetei-a várias vezes. Começou a sangrar, estava com os lábios feridos.

Chamei os amigos para a sala, e pedi que saíssem, pois eu estava muito abalado.

- Nós vamos, mas caso o senhor precise de nosso testemunho estamos às suas ordens.

- Poderiam tirar o corpo do negro do meu quarto?

- Sim, nós o enterraremos longe da sua casa e depois falaremos com o capitão da guarda sobre o ocorrido.

- Eu lhes agradeço.

- E o que vai fazer com sua esposa? Não vai matá-la, vai?

- Não, isto não. Vou expulsá-la desta casa hoje. O vigário precisa saber disto, pois vou anular o nosso casamento.

“ Uma afronta dessas deveria ser lavada com sangue! ” - exclamei.

- Não faça isto. O melhor é mandá-la de volta para Portugal, eles que a recebam de volta. Imagine, uma mulher branca, e de família nobre, se deitar com um escravo. Ainda falamos mais um pouco, e depois saíram com o corpo do negro. Minha esposa estava aos prantos, encolhida na cama, beirando á histeria.

Eu ainda a ofendi mais um pouco. No dia seguinte ela iria abandonar aquela casa, falei. Poderia ficar aquela noite, apenas para não ficar ao relento.

- O que ela disse? Ou não reagiu.

- Jurou que não sabia o porquê de tudo aquilo, que não sabia da presença do negro em nossa casa. Jurou, também, que ele não havia tocado nela, pois até a minha entrada no quarto ela estava dormindo.

Eu não lhe dava ouvidos. Ela chegou a me mostrar que estava com todas as suas roupas íntimas. Não lhe dei chance alguma, pois fora eu quem arquitetara o plano.

Nisto, bateram à porta. Um amigo voltara com o capitão e o vigário á minha casa.

Assim que abri a porta, ele me perguntou:

- Você não fez nada com ela, não?

- Já me decidi, não vou sujar minhas mãos com sangue de uma vadia. Vou sair de casa esta noite, amanhã ela vai sair desta casa, não fica aqui nem mais um dia. O vigário entrou no quarto. Pouco depois, voltou dizendo que ela jurava por Deus que era inocente.

- Então, nós não vimos nada? Foi tudo ilusão, não padre? Será que está do lado dela?

- Não ponha palavras em meus lábios, apenas estou repetindo o que ela me falou, barão.

- Vamos, meu amigo, diga ao vigário como estava o negro, quando nós o vimos.

- Sim, vigário, é verdade. Ele estava nu na cama. Suas roupas ainda estão lá, se o barão não as jogou fora.

- Eu não toquei em nada. Vamos ver se ainda estão lá, ou se ela as escondeu também. De fato, as roupas do negro estavam ao lado da cama.

- Vê isto vigário? Acha que cinco pessoas que viram a mesma coisa iriam se enganar?

- Não foi isto que eu quis dizer. Talvez o negro tivesse entrado naquele momento.

- Quer que eu acredite nisto também?

- Sempre há a dúvida.

- Neste caso, não. Eu sempre ia à cantina com os meus amigos e voltava tarde. Quantas vezes não terá me traído?

Eu me mostrava enfurecido.

- Eu vou levá-la para a paróquia por esta noite, amanhã decidiremos o que fazer.

- Para mim está decidido: ela volta para sua família em Portugal! Aqui nesta casa não entra mais, já me decidi.

- Vou sair um pouco. Quando voltar não quero vê-la mais aqui - falei olhando para ela com ódio.

Sai com meus amigos. Já era madrugada quando voltei, ela já não estava mais lá.

Tinha levado somente algumas peças de roupa e nada mais. Nem suas jóias levou. Eu tomei um copo de aguardente e recostei-me numa cadeira de balanço na varanda. “

Consegui me vingar ”, pensei. “Agora ela vai ser o que sempre foi, uma rameira ”.

Acabei adormecendo, depois de um segundo copo de aguardente.

Fui acordado de manhã pelo vigário.

- Ela fugiu, barão! Não sei como, mas ela não estava mais na paróquia hoje cedo.

- Não sabem para onde ela foi?
- Não temos a menor idéia. Acho que ela ficou muito envergonhada por ter sido flagrada com o negro na cama.
- Isto prova o que eu afirmei ontem à noite.
- Onde será que ela se escondeu? O senhor tem alguma idéia?
- Não e também não irei procurá-la.
- Vou ver se a encontro por ai. Não podemos deixá-la jogada num canto qualquer. Poderá cometer alguma loucura, pois ainda é uma criança.
- Para me trair não era uma criança, vigário. Acho que é mais esperta que nós dois juntos.
- Não diga isso, barão. Ela cometeu apenas um deslize.
- Um deslize que me desonrou.
- Bem, isto é verdade. Todos estão comentando sobre o fato. Acho que o senhor será motivo de piadas maldosas por algum tempo. Até mais tarde, barão!

Depois que o vigário foi embora, fiquei pensando no que ele falou: eu não tinha pensado nisto, mas agora era tarde. Teria que me fazer de surdo às risadas dos amigos. Já aparecera a primeira falha no meu plano quando o negro foi morto. Agora a segunda. Precisava estar preparado para quando a família dela soubesse do caso. Mais tarde o vigário voltou à minha casa:

- Não a encontramos em lugar algum, ela desapareceu de vez. Procuramos por todas as estradas, ninguém a viu.

- Estranho. Onde ela terá se enfiado. Será que está escondida em alguma casa?

- Não. Nós procuramos nas casas também, ninguém a ocultou.

- Logo ela aparecerá caso não a tenham ocultado. A fome e a falta do conforto farão com que volte para a cidade.

- Assim espero, barão. Gostaria que nada disto tivesse acontecido, Era tão criança ainda. Não sobreviverá nas selvas e isto me deixa muito triste.

Eu comecei a pensar nisto como mais uma falha. Não tinha pensado nesta possibilidade. E se ela viesse a suicidar-se?

- Vou chamar os empregados para que vasculhem tudo. Haverão de encontrá-la esteja onde estiver. E todos foram procurá-la. A busca se estende até o planalto. Nada, ninguém a tinha visto. Eu fiquei triste por isto. De certa forma eu é quem a havia impelido a isto. A culpa era toda minha. Passaram-se dois meses e nem sinal dela. Foi neste tempo que seu pai chegou a Santos. Alguém fora a Portugal e contara sobre o ocorrido. Ele veio direto à minha casa.

Eu o recebi meio bêbado. Havia adquirido o hábito de beber muita aguardente para aliviar minha consciência. Afinal, era de fato uma criança ainda.

Poderia ter cometido algum deslize sem maiores conseqüências. Falei pouco com seu pai.

- Conte-me o que houve com minha filha, senhor barão.

- Vou falar-lhe, senhor ministro, mas não muito, pois não quero expor minha dor.

- Eu vim aqui para ouvir a verdade não sua dor, a minha também é muito grande.

Eu olhei para aquele homem. Tinha um ar nobre e leal. Quase lhe contei a verdade. Devia ter feito isto, pois teria evitado um problema muito grande no futuro mas não tive coragem suficiente e contei-lhe minha versão do ocorrido.

Quando terminei, vi um homem digno conter seu pranto. Nos seus olhos cheios de lágrimas eu vi o tamanho de sua dor.

- Como pode uma coisa destas acontecer na vida de uma pessoa como minha filha? Jamais iria me passar pela cabeça que ela fosse mudar tanto em tão pouco tempo. Não uma menina como ela, que sonhava em entrar para um convento desde que era uma criancinha.

Como pode ter mudado em tão pouco tempo?

- Eu não sei dizer, pois aqui ela tinha todo conforto que tinha quando estava em sua casa, senhor.

- Não duvido disto, pois estou vendo o luxo de sua residência.

- Talvez uma separação tão brusca tenha alterado a sua formação.

- Isto nunca. A formação dela foi ministrada desde o berço, não mudaria somente por causa da separação.

- Quem sabe ela não gostava de mim e procurou vingar-se traindo-me com um negro.

- Isto é possível, desde que o senhor a tratasse mal.

- Eu nunca a tratei mal, gostava muito dela.

- Então, é um mistério que só terá uma boa explicação quando nós a encontrarmos.

- Já a procuramos por todos os lugares possíveis, ninguém a viu.

- O senhor não teria nada a ver com o seu desaparecimento, não senhor barão?

- Deus me livre disto. Não teria coragem de tirar-lhe a vida por nada deste mundo.

- Assim espero, senhor barão. Até logo.

- O senhor não quer ficar hospedado em minha casa?

- Não. Depois de tudo que houve não tenho condições de aceitar o seu convite, obrigado.

- Caso mude de idéia, minha casa está às suas ordens.

E ele foi embora. Lá cabisbaixo, mil idéias deviam estar lhe passando pela cabeça, pensei. O fato é que nunca mais o vi. Alguns dias depois voltou para Portugal, sem notícias de sua filha.

A BUSCA

Nestes dias, minha consciência acusava-me intensamente. Os empregados já haviam suspenso as buscas. Não encontravam o menor vestígio.

Eu me recolhi de vez. Nada saíra como eu havia planejado. O tempo foi passando, e eu, cada vez mais, fui me isolando. Os amigos se afastaram de mim, eu não era mais a boa companhia de outrora. Resolvi me mudar para o planalto. Lá não seria melhor que aqui, mas ao menos poderia ficar isolado que ninguém iria reparar.

Assim que cheguei ao planalto, um explorador do interior me procurou.

- Senhor barão, eu soube que uma tribo no interior tem diversas mulheres brancas

prisioneiras. Caso queira, podemos ir até lá para ver se encontramos sua esposa.

- Porque eles aprisionam mulheres brancas?

- Vingança, senhor barão. Há muito tempo atrás sua aldeia foi saqueada por mercadores de escravos. Aprisionaram muitas índias. Hoje eles se vingam levando nossas mulheres como escravas.

- Entendo, mas como iriam chegar até Santos e raptar minha esposa?

- Talvez tenham ido atrás de seus irmãos prisioneiros.

- Poderia organizar um grupo de homens para tal empreitada.

- Se o senhor custear as despesas, isso será fácil.
- Eu custearei. Providencie o mais rápido possível, sim?
- Esta bem, senhor barão. Em quinze dias partiremos.

E o homem providenciou uma grande expedição.

Partimos num dia ensolarado, mas dois dias depois começou a chover, e a viagem se tornou uma odisséia. Eram muitas as dificuldades. Os rios transbordaram, e a navegação teve que ser interrompida até que as águas baixassem. Perdemos muitos dias, até que tornassem navegáveis. Logo que isso aconteceu, retomamos a viagem. Quinze dias após a partida, fomos atacados por uma tribo hostil.

Estávamos bem armados, e isto nos ajudou muito. Após dois dias de lutas esporádicas, pudemos seguir viagem, não sem antes termos que enterrar três de nossos homens. Índios, haviam muitos, mas não os enterramos. Que os seus viessem fazer tal serviço. Quando nos aproximamos da tal aldeia, ocultamos os nossos barcos. Iríamos o resto do caminho através da mata, não poderíamos ser vistos. Nós nos aproximamos da aldeia, revisamos nossas armas de fogo, espadas e punhais. Caso houvesse luta, estaríamos preparados. Ao chegarmos numa clareira, avistamos a aldeia. Um homem foi destacado para ir observar qual seria a maneira de nos aproximarmos. Voltou algumas horas depois.

-É melhor entrarmos na aldeia bem cedo, assim que o sol nascer. Nesta hora, a maioria estará dormindo, e será fácil de dominá-los.

Ficou decidido que faríamos isto. Alimentamo-nos sem fazer fogueira para não sermos vistos. Foi uma longa noite. Até hoje lembro bem. Ao amanhecer, levamos só o essencial, logo

estávamos na aldeia. Procuramos não fazer muito alarde em nossa entrada. Capturamos o chefe, e o obrigamos a chamar os outros.

Cercamos os guerreiros num círculo, e alguns homens foram colocando as mulheres em outro. Quando já estavam todos ali, comecei a procurar por minha esposa. Havia diversas mulheres brancas, mas ela não estava ali. Foi uma decepção para mim.

Procurei me informar, com elas, se não tinham visto minha esposa. Tudo inútil, ninguém tinha visto mulher alguma parecida com ela.

O explorador conversou com o cacique sobre minha esposa e conseguiu informações sobre uma mulher parecida, que estava em outra aldeia, mais além.

Levamos as mulheres brancas conosco, e fomos à procura da tal aldeia. Ao chegarmos nas proximidades, fomos recebidos por um bando de índios enfurecidos. Foi uma luta feroz. Matamos muitos índios. Foi uma carnificina, pois nossas armas eram superiores. Quando cessaram o ataque, invadimos a aldeia, e novamente o sangue correu. Com nossas armas de fogo já havíamos matado muitos deles. Depois, com nossas longas espadas, completamos o ataque. Os nossos homens eram mestres no uso das espadas. Quando já não opunham mais resistência, reunimos todos no meio da aldeia, e começamos a procurar a mulher branca.

Não a encontramos em lugar algum. Após ameaçarmos alguns de morte, disseram que ela fugiu assim que soube da nossa aproximação. Um deles se aproximou de mim e, muito altivo, me perguntou:

- O senhor é o barão?

- Sim, por que?

- Ela disse que caso fosse o senhor, era para dizer que ela não quer vê-lo nunca mais.

- Onde está ela agora?

Ordenei que alguns homens saíssem à sua procura. Ficamos uma semana na aldeia, até que cessamos as buscas. Ninguém conseguiu encontrá-la. Chamei o índio e ordenei:

- Caso queira que o resto da aldeia viva, saiam alguns de vocês e tragam-na até aqui. Do contrario mataremos a todos.

- Até mulher e criança o senhor mata?

- Sim não restará ninguém, caso vocês não voltem com ela.

- o senhor é pior do que ela falou!

- Ande logo! Esperaremos por três dias, nenhum a mais.

O índio ficou assustado com minhas palavras. Já havíamos matado muitos deles, não duvidava que eu seria capaz e repetir a matança.

Embrenharam-se, vários índios, nas matas cada um para uma direção. Naquela noite alguns dos homens estavam de folga, ou seja, aqueles que não haviam sido escalados para vigiar os índios cometeram alguns atos indecentes. Violaram diversas mulheres índias. Até algumas mulheres brancas que havíamos libertado na outra aldeia foram incomodadas. Eu não participei da algazarra, mas também nada fiz para impedi-los. Quando fui falar com o explorador que comandava a expedição, ele me respondeu:

- Ora senhor barão! Estes homens já estão longe de suas casas há dias. Só tem lutado, matado e sofrido nesta expedição. Deixemos que se divirtam um pouco, assim não se cansarão com a longa duração desta louca aventura.

- Como louca aventura?

- Sim, uma louca aventura. Imagine que, por causa de uma mulher que o traiu com um negro já tenhamos matado quase duas dezenas de índios nestes últimos dias. E muitos mais ainda morrerão, caso não a tragam de volta. Tudo isto parece um absurdo.

- Pois eu lhe digo que não é absurdo algum. Eu saí com uma finalidade e vou realizá-la, custe o que custar.

- Então não se incomode com os meus homens, se quer tê-los junto por muito mais tempo. Caso contrário, acabarão desistindo desta expedição.

Vi que não adiantava argumentar com aquele homem, calei-me e fui me deitar afastado dos homens.

Tudo aquilo me enjoava, mas nada podia fazer. Tarde da noite, a algazarra cessou. Eu consegui dormir um pouco depois disso. O dia seguinte chegou logo, meu corpo doía muito. Foi um longo e enervante dia. Todos estávamos tensos. Alguns indígenas tentaram fugir em desabalada carreira e as armas de fogo voltaram a vomitar a morte pelo seus bocais. Se alguns conseguiram fugir, foram poucos, pois a maioria foi morta pelas costas.

A barbárie tomava conta dos homens da expedição. Já não haviam mais regras de decência nem lei de conduta. Algum espírito maligno se impunha no meio de todos. À noite, nova algazarra. Todas as mulheres brancas participaram desta vez. A moral havia sido banida de vez naquelas pessoas.

Mais um erro iria se juntar aos muitos que eu havia cometido, desde que um dia confidenciara a um amigo que pretendia me casar. Fiz mentalmente uma lista e vi que era longa. Eu, que sempre havia tido uma conduta moral e ilibada reputação, já há alguns anos não

honrava ao meu título de nobreza. Fiquei meditando sobre isto até altas horas da noite: a que absurdo eu havia chegado nos últimos anos! Que Deus se apiedasse de minha alma. Orei para que Ele assim o fizesse e assim foi chegando o segundo dia do prazo final. Alguns índios se rebelaram com nossa conduta e foram mortos na frente de todos. O horror imperava naquela clareira. Duas das mulheres brancas fugiram. Alguns homens foram atrás delas. Voltaram mais tarde dizendo que não haviam sido encontradas, mas eu vi sangue no punhal de um dos homens. Presumi o que havia acontecido: foram mortas. Para eles, uma mulher branca que tinha sido prisioneira dos índios não valia nada. A tudo eu assisti sem tomar providência alguma. Eu também havia me bestializado. No entardecer do terceiro dia eu estava ansioso. Não aparecera nenhum dos índios que saíram em busca de minha jovem esposa. Falou sarcástico o comandante:

- Creio que terá que cumprir o prometido, senhor barão. Duvido que aqueles selvagens voltem com sua esposa.

- Dê ordens aos homens para partimos ao amanhecer. Quero que fiquem alertas para o caso de alguém se aproximar durante a noite. Não quero que disparem naqueles que foram em busca dela.

- Sim, senhor barão. Vejo que o senhor não vai cumprir sua palavra de matar todos na aldeia, caso não a tragam de volta.

- Só falei aquilo para impressioná-los. Não acha que eu iria matar crianças, mulheres e velhos apenas por vingança, não?

- Eu achei que um barão sustentaria sua palavra, mas me enganei a esse respeito.

- Isto é um ato de loucura. Nada justificaria um massacre destes. Estas pessoas são inocentes!

- Eram inocentes quando aprisionaram sua esposa? Acaso sabiam que era uma branca?

- Isto não é nada excepcional para os índios, comandante.

- È por isso que eles continuam fazendo estas coisas ainda hoje, não temem represálias por parte dos brancos.

- Maior represália que esta que estão sofrendo nestes últimos dias? Impossível imaginar coisa pior.

- É possível coisa pior, sim senhor. Basta eliminarmos toda aldeia que temerão aos brancos.

- Talvez fosse melhor termos conquistado a amizade deles ao invés do seu ódio.

- Eles nos odeiam há séculos, não iriam acreditar em nossas intenções. Eu já vi muitos homens brancos serem esfolados vivos porque imaginavam que poderiam conquistá-los com boas palavras. Só compreendem a linguagem do arcabuz e das espadas.

- É um modo cruel esse que utilizamos para conquistá-los não, comandante?

- Eu acho que é só mais um dos muitos modos de se conquistar algo.

- Vejo que é um homem muito cruel.

- Eu, cruel? Não! Sou um explorador lúcido, conhecedor desses silvícolas. O senhor também é igual a mim, apenas não percebe isso ou tenta parecer diferente por ser um nobre. Nada mais tinha a falar com aquele homem. Nossas diferenças eram muitas e caso continuássemos com a discussão acabaríamos brigando. Eu sentia nojo dele, depois que o vi violar uma garotinha indígena. Era uma

criança ainda, não tinha mais que dez anos de idade. Novamente pedi a piedade de Deus pelos meus erros. Eu era o culpado por todo aquele horror. Se não tivesse vindo à procura de minha esposa nada disso estaria acontecendo. Não consegui dormir a noite inteira. Já era madrugada quando o cansaço me venceu. Acordei de sobressalto com o barulho de uma saraivada de tiros. Dei um pulo com o

barulho. Corri até o centro da aldeia e o que vi revirou o meu estômago. Minha cabeça dava voltas, qual um redemoinho. Pensei que ia perder a consciência.

O horror estava à minha frente. Os indígenas haviam sido assassinados a sangue frio pelo comandante. Aqueles que ainda viviam eram assassinados pelas espadas dos homens transformados em bestas-feras. Corri em direção ao comandante e gritei que parasse com aquilo.

- Pare imediatamente com este morticínio, homem. Isto é um ato de selvageria inominável. Que Deus se apiede de nossas almas.

- Cale-se, barão, Deus não se apiedou de minha mulher e filhos quando estes miseráveis atacaram o lugar em que morávamos. Chacinaram a todos.

- Isto não justifica o que outros fizeram à sua família.

- É a vingança, barão. Apenas sacio o ódio que sinto por eles.

- Não foi para isto que te paguei. O meu trato foi para que o senhor me conduzisse até minha esposa, não para praticar sua vingança pessoal.

- Acha que eu viria até aqui somente para procurar uma vagabunda que dormia com um negro? O senhor é um tolo, barão?

- Não chame a minha esposa de vagabunda. O senhor não tem este direito. Eu não permitirei!

- Vai negar o que é corrente na boca de todos? Acaso pensa em ser mais um dos muitos traídos conformados?

Eu o esbofetei com força. Era um desafio à honra dele, caso tivesse alguma ainda. Ele soltou uma gargalhada bestial.

- Então o nobre barão me desafia para um duelo?

- Sim, caso seja um homem de honra, me dará o prazer de matá-lo.

- O senhor matar-me? Pois então, desembainhe a sua espada, nobre barão.

Ao dizer isto, ele puxou de sua espada. Eu fiz o mesmo. Os homens já haviam acabado com o morticínio dos indígenas e agora faziam um círculo à nossa volta. Gritavam palavras de incentivo à luta. Começamos a duelar. O comandante era bom espadachim, mas eu também o era. A luta transcorria com violência. Sofremos vários pequenos cortes, nada que decidisse a

luta. Distraí-me por um instante com a chegada dos índios acompanhados de uma mulher. Não pude ver quem era, porque sofri um corte profundo devido àquela distração momentânea. Voltei toda minha atenção para o duelo. Lutei com um empenho muito maior, pois, se a mulher que não pude ver fosse minha esposa, eu não iria morrer agora.

Consegui, após um momento de indecisão dele, atingir-lhe o braço que empunhava a espada. Eu estava sangrando muito e também enfurecido.

Quando ele sacou o seu longo punhal e saltou sobre mim, aparei-o com minha espada. Vareei seu estômago e ele caiu à minha frente.

Não conseguia emitir som algum de tanta dor.

Eu, na minha loucura, golpeei-o várias vezes. Quando já não restava o menor vestígio de vida, vareei-lhe o coração com minha espada e deixei-a ali enfiada em seu peito.

O ENCONTRO

O sol começava a despontar no horizonte. Olhei para o lado em que vira os índios e a mulher para vê-los melhor agora. Lá estava minha esposa aos prantos. Os índios também davam gritos de dor com a visão da chacina.

Aproximei-me dela. Tinha o rosto sofrido, mas ainda era bela. Estava mais amadurecida com o sofrimento que passara.

Eu procurei tocá-la, mas ela me repeliu com um grito de horror.

- Afaste-se de mim, seu assassino!

- Não sou assassino. O homem que causou esta selvageria está morto. Acabei de matá-lo pelo que fez.

- Que adianta tê-lo matado, se os mortos não vão reviver?

- Eu não ordenei isto, acredite-me.

- Pequeno Trovão falou-me que se eu não voltasse, você mataria a todos na aldeia. Por que tenta se justificar agora?

- Aquilo foi somente para assustá-los. Queria que a trouxessem de volta. Eles saberiam como encontrá-la, pois conheciam bem a floresta.

- Sim, eles conhecem muito bem a floresta. Viveram aqui por centenas de anos em paz. Mas não conhecem bem aos brancos, como você. Por que veio procurar-me? Não disse que eu o havia desonrado com um negro? Qual o homem que procuraria pela esposa que o desonrou?

- Prometi a seu pai que a levaria de volta, não importa o tempo que demorasse. Eu vou levá-la de volta !

Eu tentava me justificar diante dela.

- Eu não quero voltar nunca mais para o seu meio. Fui ultrajada, chamada por um nome que até hoje me magoa, sem ter feito nada. Deixe-me em paz, poderoso barão.

- Esta expedição foi um tormento tão grande que agora você vai de qualquer jeito, mesmo que eu tenha que amarrá-la para isto.

- Pois terá que fazer isto, pois eu não irei por livre vontade.

- Não me force a isto. É a última coisa que eu faria para levá-la de volta.

- Eu não vou voltar, prefiro morrer.

Nisto um dos homens aproximou-se e disse:

- Senhor barão, é melhor matarmos estes índios e partirmos logo. Os homens já estão ficando impacientes com sua demora.

- Faça o que achar melhor, homem. Eu já não me incomodo com mais nada.

- Vou assumir o comando da expedição a partir de agora, senhor.

- Como queira, homem.

Ele deu uma ordem e os índios foram amarrados. Iria fuzilá-los ali mesmo. Minha esposa deu um grito.

- Não façam isto, é um crime!

- Eu nada falei, apenas fiquei observando a movimentação dos homens. Ela tornou a falar.

- Não permita isto, eu lhe imploro. Voltarei com você caso deixe que eles vivam.

Ao ouvir isto eu dei um grito:

- Não atirem, deixe que eles vivam. Solte-os, comandante.

- É uma loucura, senhor barão. Irão até alguma outra aldeia. Seremos perseguidos em nosso retorno, após o que lhes fizemos aqui.

- Então, amarre-os bem para que possamos nos afastar desta região sem sermos molestados.

Fizeram isto, depois partimos. O silêncio reinava entre os homens. Penso que eles despertavam do pesadelo em que haviam sido protagonistas. Isto pesava em suas consciências e quebrava a moral de todos.

Eu ia à frente com minha esposa ao lado. Não trocávamos palavras.

Centenas de mortos. Inocentes pagando por um erro estúpido de minha parte.

Tudo era conseqüência de um plano maldito desde o início, engendrado por mim para me vingar de uma esposa não virgem. Que loucuras eu havia cometido por causa de um preconceito mesquinho!

Em breve chegamos ao lugar onde havíamos deixado nossas bagagens. Apanhamos tudo e continuamos a caminhada. Quando chegamos nas canoas fizemos uma rápida refeição e partimos. A volta foi mais difícil, pois agora remávamos contra a correnteza.

Navegamos até o entardecer. Quando o sol já se punha no horizonte, paramos à margem do rio num lugar de fácil acesso.

O cozinheiro preparou o jantar. Todos estávamos em silêncio. Não havia mais as brincadeiras ou as gargalhadas da ida. Todos experimentavam o gosto amargo da louca aventura. Sim, que loucura! O saldo da expedição tinha sido uma aldeia inteira chacinada. Aquilo pesava em minha consciência como nada até aqueles dias. Não conseguia esquecer a cena dos homens varando os corpos dos indígenas já feridos. Matar alguém numa luta, eu aceitava como normal, mas aquilo não! Já era noite quando todos se preparavam para dormir. Alguns ficariam vigiando. Tínhamos que descansar, pois agora era cansativo remar. Já não tínhamos mais tanto peso nas longas canoas, mas isto não facilitava em nada a volta, principalmente porque o rio, naquela região, tinha uma forte correnteza.

Eu, como estava com minha esposa, afastei-me dos homens. Temia que viessem a fazer com ela o que fizeram com outras brancas e índias. Alguns haviam se apossado das poucas brancas que trazíamos de volta e isto deixou os outros com olhos de desejo incontido. Quando estávamos afastados do grupo, estendi uma manta embaixo de uma árvore com galhos até o solo. Poderíamos ficar ali durante a noite, sem sermos vistos do acampamento. Ia deitar-me, quando ela me pediu para acompanhá-la até a margem do rio.

- O que você quer fazer lá?

- Preciso lavar-me. Fazem quatro dias que não passo uma água no corpo, sinto-me imunda.

- Eu não me lavo há semanas também. Vou com você.

- Preferia entrar na água sozinha.

- Fique tranqüila, não vou incomodá-la.

Eu havia entendido sua insinuação.

Como a lua iluminava a tudo com o seu clarão, margeamos o rio até uma curva. Ali não nos veriam tomando banho. Havia levado minhas armas. Tirei-as e as roupas, deixando-as encostadas no tronco de uma árvore. Entrei na água e lavei-me bem. Ela fez o mesmo. Fiquei observando seu corpo. O luar prateado tornava-a mais bela ainda. Apesar de tudo que havia passado, ela estava mais bonita que nunca. A visão me despertou o desejo. Aproximei-me lentamente e a envolvi com os braços.

- Você prometeu não me incomodar.

- Eu não posso conter os meus desejos. Faz tanto tempo que não toco em um corpo feminino que não posso resistir.

- Eu não quero ser incomodada, barão.

- Ao menos deixe-me abraçá-la um pouco, apenas isto e já me darei por satisfeito. Tenho sofrido com sua ausência.

- Agora é muito tarde para lamentar minha ausência. Devia ter acreditado em mim quando falei que não sabia da presença do negro em nosso leito.

- Eu acredito em você agora.

- Agora outros já me possuíram contra a minha vontade. Isto não o incomoda mais?

- Não, tão pouco me incomoda por não ter se casado virgem comigo. Tudo é passado. Ela se ofendeu.

- Mas eu já lhe jurei que era virgem quando casei com você. Homem algum havia tocado em mim até então.

- Como explica então a ausência do sangue?

- Não sei como explicar, apenas posso lhe dizer que assim como o negro não me tocou, outro, além de você, jamais havia me tocado. Agora deixe-me. Não quero continuar com esta conversa.

- Eu não falarei mais nisto, prometo. Agora deixe-me amá-la um pouco.

- Não faça isso. Por favor, não force. Eu não tenho vontade.

Mas mesmo contra sua vontade eu a possuí ali à margem do rio.

Quando eu me separei dela ouvi soluços. Ela chorava baixinho. Tentei consolá-la, sem sucesso. Já nos vestíamos, quando ouvi gritos de guerra misturados a gritos de desespero. Vesti-me o mais rápido possível e apanhei minhas armas. Ela também vestiu-se rapidamente.

- Fique aqui que vou ajudar os homens. Pelos gritos, devem ser muitos índios.

- Eu vou com você, não quero ficar sozinha.

- Está louca! Na luta podem matá-la também.

- Eu não me incomodo de morrer. Seria uma benção divina se isto acontecesse. Não me matei somente porque não tive coragem de fazê-lo.

- Mas eu me incomodo. Não vou permitir que nada de mal lhe aconteça. Fique aqui, em silêncio. Quando tudo estiver calmo, voltarei para apanhá-la.

Saí correndo em direção ao local da luta. Ao chegar próximo, vi corpos boiando no rio. Acautelei-me mais, pois eram corpos de homens da expedição. Quando me aproximei o suficiente, assustei-me com o que vi. Centenas de índios massacravam os meus homens. Fiquei oculto vendo a luta. De nada adiantaria entra, pois já não restavam mais homens lutando, apenas se defendendo dos golpes. Uns dez minutos depois e já não havia mais ninguém vivo. O alarido dos índios era ensurdecedor.

Comemoravam a vitória. Eu me afastei sorrateiro, parei na árvore em que tinha estendido a manta e apanhei-a. Logo estava junto de minha esposa. Agarrei-a pelo braço e tirei-a da margem do rio. O melhor era ficar oculto até que eles se afastassem. Passaram algumas horas até isto acontecer. Do lugar em que estávamos, víamos os corpos dos homens deslizarem sobre as águas do rio.

Quando percebi que tinham se retirado, tornei a me aproximar do local da luta. Dentro em pouco amanheceria e eu esperava que tivessem deixado algo que nos servisse em meio à floresta. Achei algumas bolsas de pólvora e chumbos. Apanhei-os todos e guardei-os numa mochila que haviam deixado para trás. Achei algumas sacolas de alimentos também. Vi arcos e flechas. Seriam úteis para o caso de ter que caçar algum animal sem fazer barulho com a arma de fogo. Ao fim de minha busca achei que daria para voltarmos sem muitos tropeços. Ajeitei tudo num barco e remei até a curva do rio. Encostei-o na margem e fui buscar minha esposa. Ao chegar no local em que a havia deixado não estava mais lá. Assustei-me. Onde teria ido? Procurei ao redor e nada. A manta estava onde eu a havia deixado, mas... E ela, o que teria acontecido? Ainda passei um bom tempo à sua procura. O desespero tomou conta de mim. Depois de todo o esforço, eu a perdia novamente. Será que algum índio a teria capturado?

Foi com isto em mente que arrastei o barco para um lugar seguro e o cobri com galhos. Voltei ao ponto de luta e segui os rastros dos

índios. Não foi difícil segui-los, pois havia uma trilha por onde passaram. Andei uns seis quilômetros e avistei a aldeia. Com muita cautela fui me aproximando. Quando cheguei perto o bastante, comecei a vasculhar com os olhos o seu interior. Não vi minha esposa. No centro da aldeia estava havendo uma festa, comemoravam a vitória contra os brancos. Fiquei um longo tempo vigiando para ver se localizava minha esposa e nem percebi o tempo passar. Somente quando começou escurecer me dei conta do quanto havia ficado ali, sem notar sinal algum de sua presença. Voltei rapidamente ao barco. Uma idéia me passou pela cabeça. E se ela tivesse voltado à aldeia em que eu a resgatara? Tanta pressa eu impus à minha caminhada de volta que, em pouco tempo, tinha percorrido os seis quilômetros. Descobri a canoa e lancei-a na água. Remava com força. Caso ela tivesse voltado à aldeia a pé, eu já estava bem atrasado. Tinha que navegar rapidamente. A canoa deslizava nas águas do rio. Eu procurava as correntezas mais fortes para atingir maior velocidade. Ia fazendo cálculos do quanto ela já tinha caminhado. Andar beirando o rio era a única alternativa para ela, caso contrário se perderia na floresta. Eu ia observando tudo à margem. Apesar de ser noite, a lua cheia clareava as margens. Quando cheguei ao local onde havíamos ocultado os barcos anteriormente, fiquei observando se ela estaria por ali. Nada, nem sinal de sua presença. Escondi a canoa e apanhei minhas armas. Segui a picada que havíamos feito e ao amanhecer, chegava na aldeia. Não entrei em seu interior, apenas me encostei numa árvore para descansar um pouco e fiquei vigiando. Os índios continuavam amarrados no centro da aldeia. Ela não havia chegado ali ainda. Procurei não dormir, pois o cansaço tomava conta do meu corpo. Fiquei umas duas ou três horas vigiando, até que eu vi uma pessoa aproximar-se. Era ela que chegava à aldeia. Armei o arcabuz e fui me aproximando sorrateiro. Quando ela chegou perto dos índios eu a surpreendi por trás.

- Então quer dizer que dezenas de homens morreram por sua causa e você volta para estes miseráveis?

- Você não compreende que eu não quero mais voltar para Santos. Prefiro viver aqui a suportar a humilhação por algo que não cometi.

- Eu sei que você não cometeu erro algum.

Quando me dei conta do que havia dito, ela já me indagava.

- Você sabe que não cometi erro algum? Conte-me como sabe.

- É que eu acredito em sua palavra. Sofri muito com sua partida, não vê isto?

- Não foi isto que entendi em suas palavras, há pouco. Você sabe de algo mais e está escondendo de mim?

- Se eu lhe contar toda a verdade, você volta comigo?

- Conte-me, depois eu decido. Antes deixe-me soltá-los, estão quase mortos.

- Não! Só lhes dê água para matar a sede. Depois nós os soltaremos.

Ela deu água aos índios. De fato, eles estavam em péssimo estado. Permite que os soltasse das estacas.

- Ficarão com as mãos atadas.

- Está bem, assim sofrerão menos.

- Porque se preocupa com eles?

- Eu gosto deles. São amigos meus e me tratam bem.

- Como você veio parar aqui?

- Eu não conseguia dormir após o ocorrido naquela noite horrível.

Levantei-me e saí no quintal da paróquia. Estava absorta em meus pensamentos, quando fui surpreendida por mãos que taparam minha boca. Não pude emitir o menor grito de socorro. Uma pancada na cabeça me desacordou. Quando recobrei os sentidos, já estava no alto da serra, muito longe de Santos. Era dia e eu me assustei quando me vi no meio dos índios.

- Quem são vocês e o que querem comigo? - perguntei.

- Nós viemos em busca de irmãos nossos que foram feitos escravos por bandeirantes. Chegamos tarde, pois já foram levados para longe. Quando voltávamos, vimos você e a trouxemos junto. Não vamos matá-la se ficar quieta.

- Levem-me de volta - pedi.

- Não! Você vai conosco. Caso algum branco se aproxime nós o ameaçamos com a sua vida.

- Mas eu não lhes fiz mal algum. Isto não é justo!.

- Você é uma branca, isto é o bastante. Outras estão indo também.

E assim fui trazida para cá. Foram semanas de viagem até um rio que nasce no planalto. De lá, viemos em canoas até aqui. Eu fui muito maltratada durante a viagem. Disputavam a minha posse como mulher todas as noites. Foi horrível.

Por fim um deles me tomou como esposa. Acabei aceitando a situação, pois não tinha outra alternativa. E, além do mais, minha gravidez de você já estava ameaçada.

- Você estava grávida quando tudo aconteceu naquela noite?

- Até então não sabia de nada, pois nada entendia. Mas quando percebi, comecei a me preocupar. Aceitei a companhia do índio, pois assim poderia ter o meu filho com algum conforto. Há três meses atrás ele nasceu. Eu fugi com ele quando vocês foram vistos se aproximando. Foi por isso que voltei, quero ficar junto do meu filho.

- Onde está ele agora?

- Com uma índia amiga. Ela está tomando conta dele para mim.

- É longe daqui?

- Não. Eu gostaria de ir pegá-lo. Poderia me contar agora como sabe que eu não menti naquela noite?

Enquanto conversávamos achei uma boa história para enganá-la.

- Um dos escravos me contou que, quando meus amigos e eu chegamos em casa, o negro tinha acabado de entrar. Além do mais, você não estava realmente despida quando eu a encontrei. Não poderia ter se vestido em tão pouco tempo e fingido que dormia, pois não fiz barulho ao entrar na casa. É por isto que vim atrás de você. Quero-a de novo comigo. Vá buscar nosso filho para voltarmos ao planalto. De lá voltaremos a Santos e depois partiremos para Portugal. Ela foi atrás do filho. Eu fiquei ali esperando e alimentando os índios. Um deles pediu para libertá-los para que pudessem enterrar seus mortos, que já cheiravam mal. Concordei e logo eles começaram a enterrá-los. Quanta gente morta por um erro meu!

- Meu Deus, perdoe-me por tudo isto. Foi tudo uma loucura, meu Pai! - exclamei ao ver corpos e mais corpos sendo enterrados. Mais tarde, ela voltou com a criança. Era um belo e forte menino. Ela foi

até os índios e se despediu. Um dos corpos enterrados era do índio que havia sido seu companheiro.

Partimos em seguida. Após chegarmos ao local onde estava a canoa, preparei algum alimento. Descansamos até tarde da noite. Mais ou menos duas horas depois, lancei a canoa na água e comecei a remar. Ela me ajudava com o remo.

Navegávamos durante a noite e descansávamos durante o dia, pelo menos até sairmos daquela região hostil. Isto durou duas semanas, quase não rendia navegar à noite. As flechas que eu havia apanhado, ajudaram-nos nestes dias, pois caçava com elas e assim passamos despercebidos pela região toda. Consegui aproximar-me dela novamente. Se antes eu não a amava, agora não podia ficar sem ela. Como era possível isto? Cheguei a odiá-la por não ser uma moça virgem e agora não largaria dela por nada deste mundo. Se ela gostava de mim ou não, nunca o disse, mas acho que me aceitava, afinal. Éramos duas criaturas com uma brutal diferença de idade. Ela com quinze para dezesseis anos, eu com quarenta e tantos. Mas isto só a tornava mais especial para mim. Como eu a amei naqueles dias! Por fim, chegamos ao mais avançado vilarejo de brancos. Todos vieram ver quem éramos. Eu me apresentei:

- Sou o barão de tal e esta é minha esposa.
- Pensávamos que o senhor tivesse morrido.
- Quase, mas por um milagre escapei do massacre de minha expedição.

Contei-lhes mais ou menos o ocorrido. Ficamos ali por dois dias e depois partimos rumo a São Paulo. Fomos acompanhados até lá. Quando já estávamos instalados em minha casa, nosso filho adoeceu, nada cortava sua febre. Três dias depois, ele faleceu. Foi um choque para ela e motivo de tristeza para mim. Eu não

imaginava que fosse amar tão rapidamente aquele filho. Ela vivia desconsolada com sua morte. Achei melhor voltar para Santos. Vendi as propriedades em São Paulo e iniciamos a viagem até a antiga residência. Com o passar dos dias, ela acabou se conformando com a morte da criança.

Quando chegamos a Santos, foi um alvoroço muito grande na vila à beira-mar. Isolamo-nos por alguns dias até tudo se acalmar. Não sei explicar como isto foi acontecer, mas eu a amava cada dia mais. Talvez por tê-la feito sofrer tanto ou por ter agido como um canalha, levando-a a extrema humilhação. Não importava o motivo, só sei que a amava muito. Com ela ao meu lado, eu era feliz. Só não tinha coragem de contar-lhe toda a verdade e isto me incomodava muito.

VOLTA A PORTUGAL

Vendi todos os meus bens e partimos para Portugal. Lá tudo ficaria para trás, o tempo encobriria a tudo. Compramos uma bela propriedade próxima a Lisboa e nos instalamos com muito conforto. O pai dela, devido ao desgosto sofrido com as notícias sobre a sua filha, havia se afastado do cargo de ministro do rei. Era um homem amargurado. Conte-lhe a mesma história que havia contado a ela. Ele comentou:

- Eu sabia que minha filha não seria capaz de cometer um ato desta natureza.
- Foi tudo um lamentável engano, senhor. Mas o tempo vai encobrir esta mágoa.
- Assim espero, senhor barão. Espero que possam viver bem de agora em diante.
- Tenho certeza disto, pois eu a amo e tudo farei para que seja muito feliz.

Ainda ficamos a conversar mais um pouco. Voltei para minha casa, queria ficar próximo a ela o mais possível. Com alguns meses em Portugal, ela engravidou novamente. Eu, às vezes, acordava com pesadelos horríveis. Eram lembranças amargas da expedição. Figuras vingativas se aproximavam de mim e tentavam me matar, isso durante o sono. Acordava transpirando muito e com o coração disparado. Isto foi se tornando rotineiro. Todas as noites eu tinha esses pesadelos horríveis. Outras vezes, era o comandante da expedição tentando matar-me. Eu tinha medo de dormir e definhava a olhos vistos. Minha esposa começou a se preocupar com minha saúde.

- Você tem que procurar um médico para ver qual é o mal que o aflige, barão.

- Não é o mal do corpo que me incomoda, mas sim da alma, minha querida. A consciência me acusa dia e noite e isto está me aniquilando. Tenho medo de dormir, pois quando durmo vejo hordas de índios me perseguindo ou os homens da expedição ou o negro morto no nosso quarto. Todos me acusam de ter provocado suas mortes.

- Mas você não tem culpa alguma. Tudo foi consequência daquela noite horrível.

- Eu sei disto e acredito que sou mesmo culpado por tudo.

- Não se acuse assim. Você também foi mais uma vítima do pesadelo.

- Se eu não tivesse agido com precipitação, nada disto teria acontecido. Estou pagando o preço de meus erros.

- Você não poderia saber da verdade, se outro negro não tivesse lhe contado. Sempre restaria uma dúvida que espero eu, já não exista mais.

- Já não existem mais dúvidas, apenas remorso por tantas mortes que eu causei.

- Não pense mais nisso. Um dia Deus o julgará e você verá, o juízo d'Ele será a seu favor. Ele, em Sua grandeza, mostrará a todos que você não teve culpa alguma, apenas agiu movido pela dúvida. Era um direito seu. Como poderia saber que o tal negro havia entrado em nosso quarto quando você chegou? Além do mais, se mataram o negro não foi culpa sua. Se ele ficasse vivo, poderia ter esclarecido tudo ali mesmo.

- Vou procurar controlar meus pensamentos, querida.

Disse isto mais para ela do que para mim, pois eu sabia de toda a verdade, mas não tinha coragem de contá-la. Quanto ao julgamento de Deus eu o temia muito mais, pois, aos olhos d'Ele eu nada poderia ocultar. O inferno seria o caminho natural para alguém como eu. Este pensamento me incomodava muito mais ainda. Orava muito, pedindo o perdão divino, mas não tinha esperanças de obtê-lo.

A gravidez avançada, e eu me destruía cada dia mais. Quando chegou o dia do nascimento da criança, eu me alegrei um pouco com a emoção da chegada de outro filho. Isto me animou. Os pesadelos diminuíram de intensidade. Talvez, com a vinda de um filho eu esquecesse o passado. Sonhava com esta hipótese, até melhorei de saúde, mas tudo não passou de ilusão de minha parte.

A criança nasceu doente e poucos dias depois veio a falecer. Minha esposa ficou inconsolável quando soube de sua morte. Eu me recolhi mais ainda. Comecei a acreditar num castigo divino. Sim, só podia ser um castigo pelos meus erros. Já havíamos perdido um filho que era saudável até eu chegar na aldeia e causar tantas mortes. Não achava outra explicação para duas crianças morrerem sem motivo algum, que não uma maldição divina.

Este pensamento foi se tornando insuportável. Os pesadelos voltaram com intensidade redobrada. Não me alimentava, nem conseguia dormir mais do que uma hora seguida, sem sofrer acusações dos mortos.

Minha esposa tentou me animar um pouco.

- Vamos querido, não se abata tanto com a morte de nosso filho. Talvez seja o destino. Mais pra frente teremos outro. Muitos casais tiveram filhos que morreram logo após o nascimento, não somos os

únicos. Nada respondi. Não tinha vontade de conversar. Ela ainda insistiu comigo. Resolvi contar-lhe a verdade.

- Vou contar-lhe toda a verdade, querida esposa. Depois verá que sou o causador da morte de nossos filhos e de tantos outros.

- Que verdade? -perguntou curiosa.

- A morte do negro, dos índios e dos homens da expedição.

- Você já falou disto antes.

- Disto sim, mas como tudo começou não.

- Foi só por causa da invasão do nosso quarto por aquele negro.

- Seria bom se fosse só isso. O que você não sabe é que fui eu quem mandou o negro entrar em seu quarto naquela noite.

- Como? Não estou compreendendo.

- Eu lhe contarei tudo, acalme-se. E comecei a falar da minha obsessão por ela não ser mais virgem quando casamos e como encarei a sua recusa e lamentações durante a viagem até chegarmos à colônia. Quando terminei de falar, ela nada disse. Dos seus olhos corriam lágrimas em abundância. Após algum tempo conseguiu falar.

- Eu lhe juro por tudo o que há de mais sagrado que jamais havia sido tocada por homem algum. Eu alimentava o sonho de entrar para um convento da Virgem Maria e ser uma freira Mariana. Foi por isso que chorei antes de me entregar a você. Como pôde duvidar de minha virgindade? Por que não acreditou em mim? Será que eu dava mostras de ser uma esposa leviana?

- Eu sinto muito. Sou o maior culpado por todo o seu sofrimento. Espero que me perdoe algum dia.

- Não é para mim que deve pedir perdão, mas sim para Deus, por ter causado a morte de tantos inocentes.

- É por isso que eu me martirizo tanto. Minha consciência não tem paz, acusa-me a todo instante. Além do mais, após seu desaparecimento naquela noite eu descobri que a amava. Sim, eu a amo muito, minha querida esposa.

- Eu o amei nos últimos tempos. Achei que era um homem bom, mas agora não tenho certeza de nada mais. Por que tinha que me contar tudo isto agora que eu já havia esquecido todo o sofrimento por que passei?

- Eu não consegui ocultar mais. Sou culpado pela maldição que paira sobre essas vidas. Que Deus me perdoe! Com voz dura, ela respondeu:

- Duvido que Ele o faça. Somente o inferno abrirá suas portas para recebê-lo, quando morrer. Do céu não deve esperar nada. Nos seus olhos não havia mais lágrimas apenas frieza e desprezo por mim. Ela apanhou suas roupas, jóias e algumas coisas de uso pessoal e foi para a casa de seus pais: eu havia perdido a única coisa que me importava neste mundo. Sim, ela era tudo para mim e sem sua presença não valeria a pena viver. Tranquei-me no quarto e chorei muito. Estava muito fraco e, em poucos dias não tinha mais forças para me mover. Sentia-me um morto vivo com a consciência a acusar-me dos crimes cometidos por uma desconfiança idiota. Sabia agora que ela era pura quando se casou comigo. Sabia também que a amava muito. Foi o destino que me conduziu até Portugal para torná-la minha esposa. Não tive dignidade de acreditar nela quando me jurou ser virgem. Não tinha mais noção do tempo. Sabia que estava trancado no quarto há muitos dias. Não

sabia se era dia ou noite e nem conseguia me mover na cama. Sentia dores em todo o corpo. Lentamente uma lassidão foi me envolvendo. Consegui dormir um pouco, mas logo acordei com pancadas na porta e com gritos que me mandavam abri-la.

- Senhor barão, abra esta porta, por favor.

Ouvi também a voz de minha esposa pedindo-me que fosse abrir a porta.

Animei-me com sua presença. Tentei me levantar, mas não consegui me mover. Estava paralisado pela fraqueza.

- Vamos derrubar a porta - falou alguém.

As portas eram muito resistentes, tinham um grande ferrolho atravessado no meio. Com um machado, começaram a despedaçá-la e eu nada podia fazer para ajudá-los. Por mais que me esforçasse não conseguia mover um dedo. Mil pensamentos passaram pela minha mente. Talvez Deus tivesse me castigado e paralisado meu corpo. Sim, só podia ser isto! Por fim a porta foi derrubada. Vi meu sogro e minha esposa com alguns empregados. Quando entraram no quarto, taparam as narinas.

- Meu Deus, ele está morto há dias - falou ela.

- Sim, o cheiro está muito forte. Acho melhor providenciarmos um enterro o mais breve possível.

Eu ouvia, mas não acreditava no que diziam. Comecei a falar também:

- Não estou morto querida. Ajude-me a me levantar, ainda posso caminhar, só estou muito fraco.

Ela olhava em meus olhos. Ainda falou:

- É uma pena não ter se confessado antes de morrer...
- Sim, filha. Acho que sua alma vagará por muito tempo no purgatório.
- Papai, ele deve ter sofrido muito por causa do remorso que o atormentava.
- Foi um castigo justo, minha filha. Alguém que fez tudo o que ele fez só pode ter o inferno como morada eterna.
- Não diga isto papai ele já sofreu bastante por ter errado.
- Duvido. E quanto aos inocentes que morreram por sua estupidez? Terá que pagar por isto também. Deus nunca o perdoara pelo que fez. Vamos embora, vou mandar que enterrem logo o corpo, pois o mau cheiro está insuportável.
- Como deve ter sofrido, papai. Olhe seu corpo está em pele e osso, morreu de fome e de sede.
- Pagou um pouco do que devia. O resto o inferno se encarregará de cobrar.

Ele saiu na frente. Ela ainda olhou meus olhos. Neste instante, eu tornei a falar:

- Querida, não estou morto, só estou muito fraco e não posso me mover. Ajude-me a me levantar, por favor!

Ela estendeu sua mão direita em direção ao meu rosto. Pensei que iria me ajudar, mas não, apenas tocou meus olhos. Senti um incomodo quando seus dedos foram colocados sobre os meus olhos. Instintivamente eu os fechei e abri. Ainda ouvi ela dizer:

- Durma seu sono agora, barão. Chega de ficar com os olhos abertos com medo de seus pesadelos.

- Eu não quero dormir! Preciso de ajuda.

Ela virou as costas e saiu do quarto. Eu gritava seu nome. Creio que tive uma crise nervosa e comecei a chorar. Não era possível que ela fosse tão cruel a ponto de não me ajudar agora. Algum tempo depois, controlei-me afinal, era um direito dela não me ajudar. Eu a havia feito sofrer tanto e injustamente. Quando já estava conformado com a situação, levei outro susto. Dois homens com lenços no rosto entraram com um caixão tosco no quarto.

Tiraram a tampa e um comentou com o outro:

- Quem diria, hem? Um barão rico como ele morrer desta forma.

- Sim, deve ter sido horrível não?

- É, morrer assim abandonado deve ser a pior das mortes.

- Porque será que ninguém o ajudou?

- Ouvi dizer que ele se trancou no quarto após a morte do filho recém-nascido. Dizem que sua esposa vai entrar para um convento de tanto desgosto.

- É uma pena, pois ela é uma mulher muito bonita e ainda jovem. Eu teria coragem de me casar com ela ainda mais com a fortuna que vai herdar com a morte do barão.

- Sim, eu a consolaria com muito prazer - e deu uma gargalhada.

- Ah! Como eu gostaria de passar uma noite com ela. Garanto que ai sim, ela veria o que é um homem, não um velho como este barão. Ela não deve ter sido muito feliz como mulher.

- Sim, isto é verdade. Já pensou, uma beleza como ela tendo que suportar as carícias de um bode velho como este?

- Nunca conheceu o prazer que um homem de verdade poderia ter lhe proporcionado. Caíram na gargalhada. Eu comecei a xingá-los de todos os nomes chulos que conhecia, mas eles nem prestavam atenção em mim. Quando olharam novamente para mim foi para me segurar, um pelos braços e outro pelas pernas e enfiar-me no caixão.

-Não façam isto! - gritei desesperado- Cuidado, pois meus ossos doem muito. De nada adiantaram meus gritos, fui jogado sem piedade no caixão. Puseram a tampa sobre ele e começaram a pregá-la. Continuei gritando, mas não ligavam para meus gritos. Logo, senti que era arrastado para fora do quarto. Fui mentalmente acompanhando o percurso. Pouco depois, senti dores horríveis quando desceram os degraus de escada. Gritei muito por socorro, mas parece que ninguém ligava para mim. Senti quando jogaram o caixão sobre uma carroça.

- Parem, seus assassinos! O que vão fazer comigo? Para onde estão me levando?

Uma idéia temerária tomou conta de mim. E se o pai de minha esposa tivesse mandado os seus empregados sumirem comigo somente por vingança? Talvez quisesse se vingar pelo mal que eu havia causado à sua família e também a ele próprio, pois deixou de ser ministro do rei por causa do desgosto que eu havia lhes causado. Sim, só podia ser isto! No mínimo iriam sumir comigo porque eu não podia reagir devido à fraqueza que se apossara do meu corpo. Ainda pensava nisto quando percebi que pararam a carroça. O caixão comigo dentro foi colocado no chão e comecei a ouvir o som do solo sendo escavado.

- O que vão fazer comigo? Vamos, canalhas, digam o que pretendem!

Faziam-se de surdos, pois não respondiam às minhas indagações. Logo o barulho cessou e o caixão foi colocado numa vala, isto eu percebi claramente. Apesar de fraco, tinha todos os sentidos alertas.

Que horror! Começaram a cobri-lo com terra. Eu ouvia o som da terra caindo sobre o caixão.

- Parem com isto, vamos, seus cães imundos! Não podem fazer isto, é uma desumanidade enterrar um homem vivo!

De nada adiantaram as minhas palavras. Ouvi quando fincaram algo que não pude precisar o que era. Ainda ouvi quando um deles falou:

- Adeus barão. Que a terra o acolha para todo o sempre.

“Malditos”, pensei eu. Quem iria saber que eu havia sido enterrado vivo? Somente eles saberiam onde me encontrar e na certa não iriam contar para mais ninguém. Sim, meu sogro havia se vingado de uma forma diferente. Aproveitara-se de minha paralisia e sumira com o meu corpo.

E minha esposa? Como poderia ter concordado com tal plano? Na certa queria ficar com minha fortuna e longe de mim. Eu achava que tinha sido um tolo em contar-lhe que desconfiava de sua virgindade, agora pagava o preço da sinceridade. Na certa, ela falou com o pai e os dois resolveram enterrar-me vivo para ficarem com a minha fortuna. Que imbecil eu havia sido! Ela, jovem, bonita e riquíssima iria se divertir de agora em diante. É isto! Como não imaginei esta possibilidade? Ela já devia ter alguém a quem amava em Portugal. E eu tinha voltado para perto de seu amado. Além do mais, como ela mesma havia dito, os malditos índios a disputavam todas as noites. Que estúpido era eu! Ela conhecia outros homens e sabia

como era o prazer. Com minha fortuna iria tornar-se uma messalina em Lisboa. Quanto ao seu pai, deveria reconquistar seu ponto de ministro de rei. Tudo isso graças à minha fortuna. Sim, deviam ter arquitetado um belo plano para se livrarem de mim. Afinal eu não era mais necessário, já estava velho mesmo. O que uma jovem de dezessete para dezoito anos, muito bela, iria querer com um homem de quase cinquenta anos? Talvez preferisse ser disputada por muitos rapazes, tal como quando estive entre os índios.

Para eles, seria muito fácil dizerem que eu havia falecido de desgosto pela morte do filho recém nascido. Sim, nem filhos para atrapalhá-la tinha agora. Era totalmente livre e eu facilitara tudo ao ficar paralisado pela fraqueza. Como podiam dizer que eu estava morto?

Na certa, disseram aos conhecidos que eu já estava morto há muitos dias, como eu os ouvira dizer, apenas para não terem que me mostrar a ninguém. Sim, tiveram uma idéia perfeita para se livrarem de mim. Eu os amaldiçoei com todo o meu ódio. Que traição eu havia sofrido! A mesma falsidade de antes do casamento. No mínimo, o pai consentiu em dá-la a mim em casamento porque sabia que ela já não era mais uma virgem. O tolo e rico barão apareceu para salvar as aparências.

Chamei-me de idiota muitas vezes. Porque fui me meter em tamanha enrascada? Não podia ter continuado no Brasil, e usufruído tranqüilamente dos encantos das jovens que eram minhas amantes? Estúpido barão, dizia eu. Mas... e agora? Como sair dali, se não tenho forças para me mover?

Alem do mais, o caixão era espesso e forte, eu não conseguiria quebrá-lo, ainda mais que estava enterrado a uma boa profundidade. O ódio foi tomando conta de todo meu ser. Cadê o negro e os índios que antes não me davam paz? Onde estariam

eles agora? Tudo não passara de uma ilusão de minha mente por causa de um remorso estúpido. Sim, era isto mesmo!

Eu fiquei com a consciência a me cobrar pela morte de uns miseráveis e só arruinei minha vida com isto. Que tolo havia sido! E não havia meios de me livrar daquela situação.

Quem sabe, se eu orasse a Deus pelo Seu socorro! Sim, Deus é bom e iria se compadecer do meu sofrimento. Não iria concordar em Sua infinita bondade com tamanho crime praticado por parte daqueles dois.

Não! No mínimo Ele me salvaria daquela situação horrível.

Comecei a orar com grande fervor. Fiz todas as preces que conhecia, por muitas vezes. Orei também a todos os santos e santas que conhecia. Sim, alguns deles poderiam, num ato de misericórdia, fazer com que alguém cavasse ali e encontrasse o caixão. Depois de muito tempo orando, ouvi alguém cavar o solo. Não era perto ou acima, mas estavam cavando. Sim! Deus e os santos haviam ouvido minhas preces. Uma alma piedosa, guiada por mãos divinas, vinha em meu socorro. Na certa iria cavar todo o lugar até me encontrar. Isto era certo, pois Deus ouvira minhas preces. Algum tempo depois cessaram os golpes no solo. Achei que não iriam me encontrar. Ouvi alguém falando algo, mas a distancia não me permitia entender o que falavam. Gritei bem alto, quem sabe ouviriam, apesar de eu saber que o som não chegaria até eles, pois o caixão fazia um eco muito forte. Isto significava que o som não se propagaria. As vozes cessaram. Achei que haviam desistido de procurar por mim. Continuei orando e orando sem parar.

Como eu amava a Deus e aos santos! Às vezes eu tinha crises de desespero e chorava muito. Não conseguia conter o pranto naquela situação. As dores aumentaram muito. Começaram a surgir feridas em meu corpo, tinham aspecto horrível. Aos poucos, foram

aumentando de tamanho. Eu podia senti-las crescendo. Quantas dores eu sentia! Gritava por socorro e ninguém me ouvia. Já não conseguia orar a Deus. Sentia minha carne sendo devorada por vermes. Que horror!

Eu os sentia andando por minha pele. Entrei em choque. Aquilo era algo que eu não havia imaginado. Sim, eu estava isolado em um caixão. Os vermes iriam me deixar igual a um cadáver, todo carcomido. As dores foram aumentando de intensidade. Mas o pior ainda estava para vir.

CONTINUA A TRAGÉDIA

Comecei a ouvir barulhos de algo roendo o caixão. O que seria?

Ratos! Só podiam ser ratos! Sim, eles deviam ter cavado um buraco sobre o caixão. Eu me apavorei com a idéia.

- Meu Deus!- gritei eu - Acuda-me !!!

Mas de nada adiantou meu pedido de socorro. Ninguém me ouvia, nem Deus. Senti caírem sobre minhas feridas, farelos de madeira apodrecida. Estavam quase furando o caixão, logo entrariam em seu interior. E isto aconteceu. Foi um horror!

Eles estavam famintos e eram muitos. Lançaram sobre mim com uma fúria indescritível. Eram dezenas deles. Sentia minhas carnes sendo arrancadas pelos dentes afiados. Aquilo era o inferno! Se ele realmente existia eu estava vivendo os seus horrores. Clamava a Deus que me matasse de uma vez. Não sabia como ainda estava vivo. Clamei e não fui ouvido. Desisti de clamar por Deus e pelos santos.

Para que, se não era ouvido?

Uma revolta intensa tomou conta de mim. A dor insuportável não era menor que o ódio. Odiava minha esposa, meu sogro, os índios, o negro, a tudo eu odiava. Maldita humanidade que permitia tal sofrimento a um ser humano.

Os ratos se fartaram em meu corpo. Sentia suas presas rasparem meus ossos para lhes arrancarem até as ultimas lascas de carne. Como doía! Quantas lágrimas eu derramei de dor, desespero e pavor. Eu já sentia todos os meus ossos expostos e eles insistiam em roê-los. Quanto desespero, meu amigo. Já não pensava em

mais nada além do meu estado. Cheguei a blasfemar contra Deus e os santos por me deixarem ali, preso e paralisado. Quando as presas dos ratos, todos insaciáveis, tocavam em meus ossos eu urrava de dor. Sim, no desespero, eu gritei com toda minha voz que se Deus não me ajudava, então que o demônio viesse em meu auxílio. Porque fui falar uma coisa dessas naquele momento? Pouco depois eu vi todos os ratos guincharem horrivelmente.

Não atinei com o pavor dos ratos até ver uma enorme cobra no meio deles. Muitos conseguiram fugir pelo buraco por onde haviam entrado, mas outros eram picados pela cobra. Logo, uma outra cobra da mesma espécie começou a descer pelo buraco. Era um pouco maior que a anterior. Os ratos que conseguiram subir pelas paredes do caixão até a saída, saíam guinchando de medo. Não voltavam mais. Quanto aos que ficavam, as cobras iam matando-os. Eram um horror as cenas a que eu assistia. E aquelas cobras rastejando sobre meu esqueleto, então?

Como era tétrico este contato com elas! Quanto medo eu sentia! Já não ligava mais para a dor, o pavor era maior. O que mais restava me acontecer?

Malditos, sogro e esposa que haviam me enterrado vivo!

Eu via as cobras comerem alguns ratos, depois se enrolarem uma de cada lado de mim e dormirem. Por quanto tempo não dizer até hoje. Uma delas começou a se rastejar rumo ao buraco de saída. Passou sobre meu esqueleto. Já estava paralisado há tempos e procurei não me mover mais ainda, se é que isto seria possível, pois eu era só ossos. Não havia roupa alguma a cobrir-me, tudo havia sido roído pelos ratos. Mais tarde a outra cobra saiu também. "Melhor assim", pensei. Engano meu, pois os ratos voltaram. Não tantos como da outra vez. O desespero tomou conta de mim novamente. Aquilo foi uma armadilha das duas cobras, pois pouco depois elas voltaram e atacaram os ratos. Tinham, nova

refeição fresca, pensei eu. Depois da refeição dormiram sobre meu esqueleto. Uma delas se aninhou entre minhas pernas, a outra sobre meu tórax. Aquilo era o pavor extremo que se poderia sentir. Estava a um palmo de minha boca. Minhas narinas sentiam os seus cheiro peçonhento. Fechei os olhos, mas de nada adiantou pois continuei vendo-^a A proximidade era tanta que eu temia respirar muito forte e acorda-la. Mais tarde, não sei quanto tempo depois, ela começou a mover-se. Passou sobre minha cabeça. Senti seu corpo escamoso deslizar sobre meu rosto. Não movi os lábios para não provocala. Lentamente foi indo para meus pés. A outra cobra começou a mover-se também. Emitiram um som que logo descobri, era um chamado para o acasalamento. E elas iniciaram o seu macabro ato sexual. Eu assistia a tudo estarrecido. Não era possível que tudo isto estivesse acontecendo comigo. As cobras saíam e quando algum rato entrava, elas vinham comê-lo. Isto já havia virado rotina. Algum tempo depois, a fêmea pôs uma ninhada de ovos. Isto me apavorou mais ainda. Aquele buraco iria se transformar em um ninho de cobras. Acho que preferiria os ratos. Logo, os ovos começaram a se partir e saíram pequenos filhotes. Mal haviam nascido e já rastejavam sobre meu esqueleto. Eu vi uma delas se alojar em meu pescoço. Alguns dias depois, famintas, picavam meus ossos na tentativa de comerem algo. Como eram doloridas as picadas! De vez em quando uma delas após muito esforço conseguia sair do buraco. Para mim foi um alívio quando todas saíram. Até as duas grandes se foram. Pude me acalmar um pouco após isto. Consegui mesmo dormir um pouco. Por quanto tempo, não sei, mas acordei assustado quando senti as cobras rastejando sobre mim. Dei um grito de pavor, quando vi a bocarra de uma delas próxima da minha boca. Acho que ela não ligou para meu grito, pois abaixou a cabeça e envolveu meu pescoço. Aquilo era mais do que eu podia suportar. Comecei a sufocar com a pressão.

- Maldita enviada dos infernos! - gritei, cheio de medo e de ódio.

Não podia mais suportar aquilo. Minha revolta tinha uma finalidade. Queria que ela me desse uma picada mortal, somente assim eu poderia me libertar de tão medonho pesadelo. Mas nada ela fez. Isso me revoltou mais ainda.

Voltei a xingar e blasfemar.

- Malditos índios, e maldito casamento dos infernos, que me conduziram a este pesadelo! Os céus me esqueceram, os infernos nem ligam para mim. Clamei por Deus, e não fui ouvido, clamei pelo diabo, e também não fui. Que maldição recaiu sobre mim? E estas serpentes, acaso gostaram do meu inferno pessoal?

Minha revolta levou-me à loucura. Eu gritava em desespero, mas sabia que ninguém me ouviria, seria tudo em vão. De repente, uma voz me assustou:

- Quem está ai embaixo?

- Ajude, por favor! - clamei eu.

- Quem é você, o que faz ai embaixo?

- Eu sou o barão de tal, e fui enterrado vivo aqui.

- Há quanto tempo está ai?

- Não sei, perdi a noção do tempo. Parece uma eternidade. Pode me tirar daqui?

- Sob certas condições, eu o tirarei rapidamente.

- Que condições? - assustei-me com esta frase.

- Você não tinha escravos há tempos atrás?

- Sim, muitos. Mas, o que isto tem a ver com sua ajuda?

- Simples, barão, você será mais um dos meus escravos.
- Eu, um barão, um nobre, ser seu escravo? Nunca! Prefiro conviver com as cobras. - Você é quem sabe, idiota! Não voltarei aqui novamente quando ouvir seus gritos de horror. E olhe que estou vendo chegar mais cobras para entrarem no buraco em que você está prisioneiro. E era verdade! Eu vi entrarem diversas delas naquele instante, cada uma mais horrível que a outra.
- Tire-me daqui pelo amor de Deus! - exclamei eu.
- Não fale este nome, idiota. Não vê, que blasfemou contra Ele. Não tem este direito, esquelético asqueroso.
- Não importa por quem seja, mas tire-me daqui.
- Somente sob aquelas condições. Do contrário, fique ai por toda a eternidade, pois os do alto já o excomungaram há muito tempo.
- Eu aceito suas condições, mas tire-me daqui, por favor.
- Está bem, vou tirá-lo. Segure em minha mão e eu o puxarei para cima.
- Não posso mover-me, estou paralisado.
- Vou agarrá-lo e tira-lo num instante.

Neste momento eu vi uma cara chegar até mim. Era horrível a sua aparência. As unhas eram longas e curvas. Não era uma mão humana, mas sim de um cadáver descarnado. Pegou num dos meus braços e puxou-me num golpe só. Eu atravessei a terra e fui colocado em pé. Estava duplamente paralisado. Uma era a paralisia que me atingira há tempos, a outra provocada pela aparência dele. Era um esqueleto enorme, vestido com um longo pano negro. Tinha na cintura uma longa espada com uma pequena caveira no cabo.

Na cabeça um elmo usado pelos cruzados. Seu rosto era só ossos. Não havia olhos, boca, nada enfim. Eu estava paralisado com tão grotesca figura. Ele deu uma gargalhada cadavérica. Sim, aquela foi mesmo uma gargalhada cadavérica.

- Está assustado com minha aparência, estúpido?

- Sim! Estou sim - disse eu, trêmulo.

- Pois olhe-se neste espelho, idiota!

Dei um grito de horror quando me vi no espelho. Eu também era um cadáver, um esqueleto igual a ele. Demorei um pouco para me reequilibrar.

- O que houve comigo? Quem é você?

- Você não! A partir de agora trate-me por amo ou senhor, eu aceito qualquer um dos dois. Você morreu, estúpido! Não percebeu ainda que é impossível alguém viver sem carne ou vísceras. Sem ar para respirar como você viveu sob o solo? Olhe à sua volta! Eu olhei.

- Estamos num cemitério. Olhe ali no seu túmulo. Virei-me e vi uma placa com meu nome inscrito. “ Barão de tal. Nascido em 1716 e morto em 1764 .”

- Eu morri?

- É mais estúpido do que eu imaginava. Sim idiota você morreu há quatro anos atrás. Já estamos em 1768.

- Impossível você está me iludindo.

- Eu iludindo-o? Como acha que ainda pode falar comigo após tanto tempo sob o túmulo?

Eu comecei a pensar. Sim, isto tinha sentido! Não poderia ter sobrevivido sob aquele túmulo, morreria asfixiado.

- Isto mesmo, idiota, teria morrido asfixiado mesmo. E foi o que aconteceu. Jogaram-no aí e não notaram que ainda vivia. Mas quem morreu foi sua carne não seu espírito.

- Você, digo, o senhor ouve meus pensamentos?

- Sim. Isto é para você saber que eu sou o seu amo e senhor.

- Meu Deus, que horror! Transformei-me num esqueleto.

Ele deu-me uma chicotada violenta. Eu não tinha visto o chicote em sua garra direita.

- Por que me bateu?

- Não vê que nós somos os esquecidos por Ele? Aqui não O aceitamos e não falamos d'Ele em hipótese alguma. Nunca mais pronuncie este nome. Não vê que foi amaldiçoado por Ele? Será que não percebe que foi abandonado por todos? Alguém veio rezar em seu túmulo? Acaso acenderam uma vela em sua intenção?

- Eu nunca ouvi ninguém vir até aqui.

- Onde estava a sua amada ou os outros que herdaram sua fortuna que não se lembraram de você?

- Mas, se eu estava morto...

- Você não mandou rezar missas por seus pais?

- Sim. Foram diversas em intenção de suas almas.

- Então?

- É, acho que fui abandonado.

- Sim, somos os amaldiçoados. Ninguém se lembra de nós.

- E onde estará ela agora, senhor?

- Como vou saber? Não saio daqui do cemitério. Talvez, como agora é noite, ela esteja nos braços de alguém, amando-o, estúpido - e tornou a dar uma de suas gargalhadas tétricas. Eu fiquei a pensar:

Sim, quem sabe se ela tivesse mandando orar uma missa em minha intenção, talvez algum anjo viesse me ajudar.

- Acha mesmo possível isto, idiota? Que anjo se dignaria a vir até esta imundície em que você se achava? Acaso você não orou por isto?

- Sim, orei muito.

- Foi ouvido?

- Não, creio que não. Cansei de rezar a Deus e não fui atendido.

Novas chicotadas.

- Já lhe disse para não pronunciar este nome aqui, idiota. Nós, os abandonados, O detestamos. Se Ele não quis nos amparar após nossa morte, também não O aceitamos como nosso senhor.

- E quem é o senhor aqui?

- Eu sou o senhor aqui e isto é o que lhe interessa saber por enquanto. Agora vamos, pois tenho mais o que fazer, além de ficar conversando com um idiota como você.

- Não sou um idiota. Em vida, fui um barão respeitado.

- Tão respeitado que veio para o inferno quando morreu. É um idiota mesmo. Ainda não tomou consciência do seu estado de escravo.

- Não sou escravo de ninguém. Sou um barão e quero ser tratado como tal.

Ele levantou a mão esquerda, digo a garra e fui lançado novamente na cova, em meio às cobras. Como ele conseguiu isto não sei, mas eu tremia de pavor.

As cobras cravaram suas presas em meus ossos. A dor era tanta que pedi clemência a ele:

- Senhor amo meu, tire-me daqui que serei seu escravo para sempre.

- Jure pelo das Trevas que não irá mais me desobedecer ou desafiar.

- Eu juro pelo que reina nas Trevas que o servirei para sempre.

- Assim é melhor, escravo.

E fui arrancado novamente do túmulo. Uma das cobras ainda veio com suas presas cravadas em meu braço, digo, osso do braço. Ele apanhou-a e ela não lhe fez nada. Enrolou-se em seu braço esquerdo e ficou olhando para mim.

- Agora você sabe quem manda por aqui, idiota. Siga-me!

Eu andava com o esqueleto travado, não conseguia articular os ossos.

- Isto passará com o tempo, escravo.

- Posso fazer uma pergunta, amo?

- Faça escravo.

- Todas as cobras eram como essa, digo, não de carne e ossos?

- Não. Quando você clamou pela ajuda dos infernos, as duas que entraram em sua cova eram vivas, não espíritos caídos.

- Mas como isto foi possível?

- O que queria? Acaso pensa que nas Trevas existem anjos ou socorristas? O inferno respondeu ao seu pedido de ajuda. Enviou as cobras para acabarem com os ratos que o devoravam. Seu pedido foi atendido, escravo.

- Mas por que duas cobras?

- Sim. Isto foi o melhor que tínhamos a oferecer. O que importa é que os ratos não o incomodaram mais e as cobras não tocaram em você. Ficaram ali para protegê-lo.

- Entendo. Mas, e porque desta vez foram estas que vieram?

- Você adormeceu. Poderia ficar dormindo por séculos, mas como alguém das Trevas quis assim, você foi despertado para nos servir. E não adianta tentar fugir, pois você estará sempre nas Trevas. Aonde quer que vá, eu o verei.

- Entendo.

- Assim é melhor. É bom que se mostre menos idiota do que é realmente, pois senão vai ser pior para você, barão.

- O senhor me chamou de barão?

- Sim, você foi um nobre e eu também o fui. Trate-me de Príncipe e nos entenderemos melhor, barão.

- Um príncipe! Isto é ótimo. Nós, os nobres, nos entendemos melhor que a plebe. De onde era, Príncipe?

- De França. Eu em vida fui um príncipe da corte francesa. Morri durante uma cruzada.

- Mas um cruzado que lutava pelos ideais cristãos veio parar nas Trevas. Como isto foi possível?

- Somente porque matei algumas centenas de miseráveis, fui abandonado aos infernos. Não entendi mais nada depois disto. Fui incentivado a ir a terra santa lutar por um ideal e quando morri, fui jogado nas Trevas. Aqui pelo menos, eu sei que luto por um ideal que conheço.

- E qual o ideal?

- Isto você saberá com o tempo, barão! Agora cale-se.

Eu o segui até uma campa. Ao lado havia um mausoléu.

- Você espera aqui nesta campa que eu vou entrar. Mais tarde alguém virá buscá-lo. Fique de guarda.

NA ASSEMBLÉIA SINISTRA

Eu fiquei sem saber o que fazer. Já era madrugada quando um ser de aparência horrível surgiu na porta do mausoléu e chamou-me.

- Siga-me barão, o Príncipe mandou busca-lo.

Eu o acompanhei. Descia os degraus com dificuldade, pois era-me difícil articular as pernas. E a escada era interminável. Algum tempo depois, vi um portal negro guardado por dois antigos soldados romanos. Tinham uma aparência que impunha medo a quem os visse. O meu guia falou algo e um deles, abriu o portal. Entramos e eles fecharam-no às nossas costas com um barulho enorme. Estávamos numa sala escura. Algumas tochas iluminavam o seu interior. Era bem espaçoso o lugar. Caminhamos até uma porta vermelha em que o guia bateu de modo ritmado. Alguém veio e por uma portinha me perguntou:

-Barão, quer entrar na nossa assembleia ou voltar à sua tumba?

Só de pensar no horror que passei em seu interior, gelei.

- Não quero voltar àquele lugar horrível, quero entrar na sua assembleia.

- Lembre-se que, após esta porta não haverá retorno: ou servirá ao Príncipe ou sofrerá as conseqüências.

- Eu já me decidi, quero entrar.

- Não poderá pronunciar nenhum dos nomes lá de cima.

- Eu já sei disso. Já fiz um juramento pelo que reina nas Trevas.

- Pois então, que seja bem vindo à nossa assembléia.

E ele abriu a porta. A visão do grande salão me imobilizou. Aquilo era o inferno e eu ia adentrá-lo. Sem coragem para retornar à minha tumba, fiquei sem saber o que fazer.

- Aproxime-se, barão. Nós estamos ansiosos por conhecê-lo - falou um ser demoníaco sentado num trono.

Como eu não conseguia me mover, fui atirado aos seus pés. Tentei me levantar, mas uma chicotada manteve-me no solo.

- Quietos, idiotas. Você só vai se levantar quando assim for ordenado.

E recebi uma outra chicotada. Os entes infernais se divertiam às custas de minha dor. “Quanta estupidez!”, pensei eu. Isto foi algo que eu não devia ter pensado. As chicotadas foram tantas que nem lembro do quanto apanhei. Quando o carrasco parou de me chicotear o Príncipe falou:

- Eis o novo escravo que adquiri, Maioral. Caso o queira eu lhe dou de presente.

- E para que eu iria querer um inútil como ele? Só sabe chorar e clamar por socorro.

Coragem, não possui e além do mais se julga um infeliz por estar aqui. Para mim não serve, fique com ele para você, Príncipe, eu lhe dou. Faça o que bem entender com este traste inútil.

- Posso oferecê-lo para os outros membros, Maioral?

- Sim Príncipe. Quem sabe alguém possa usá-lo.

- Então vou leiloá-lo, barão! É um escravo mesmo, talvez consiga algo interessante por você.

E ele me ofereceu a todos aqueles seres horríveis. Muitos ofereceram pessoas vivas em troca; outros, riquezas ocultas e muitas outras coisas que eu nem vou citar. A tudo o Príncipe recusava.

Somente quando um ser com a aparência de uma grande cobra ofereceu uma linda jovem em troca, o Príncipe aceitou. Um ser com cabeça de cobra levou-a até o Príncipe e a entregou. Ele agarrou todo feliz. O que fez não vou dizer-lhe, mas fiquei chocado. Foi passada uma corrente em meu pescoço e fui entregue ao ser com aparência de cobra. Gritei que não era justo o que estavam fazendo comigo. Eu havia entrado ali para me livrar das cobras e novamente ia para junto delas. Tornaram a me chicotear. Calei-me por precaução. Era melhor aguardar os acontecimentos. Logo a assembléia terminou e todos foram se retirando.

O Príncipe continuava com a jovem. Ela já não era mais a mesma. Ele havia esgotado toda sua juventude em pouco tempo. Quanto a mim, fui arrastado por meus novos donos. Entraram por uma porta negra e me levaram junto. Não sei quanto tempo demorou, mas quando chegamos a um lugar fétido, fui

acorrentado a uma parede com argolas. O tempo não contava ali. Um dia fui levado até o amo.

- Venha cá, escravo, tenho um trabalho para você. Alguém me pediu ajuda e pagou bem por isto. Você executará a tarefa para mim. Caso falhe, as minhas cobras o atacam. Foi conduzido até onde tinha que fazer o trabalho em poucos instantes, diria em alguns segundos. Um daqueles que me conduziam explicou qual era a tarefa. Teria que induzir uma jovem a se entregar a um homem de aspecto asqueroso. Ou fazia o trabalho, ou as cobras me atacariam. Procurei saber como agir e recebi instruções. Foi até fácil a tarefa. Assisti a tudo, pois eu

agia no subconsciente dela. Não teve forças para resistir aos calafrios do homem. Eu vi tudo e até me excitei com aquelas cenas. Por diversos dias agi daquela forma, até que ela se tornou dependente dele. Quando tinha domínio sobre ela fui levado de volta.

- Muito bem, barão, trabalhou bem. Vamos, hoje iremos receber uma oferenda e você poderá participar. Eu fui acorrentado até o lugar. Novamente chegamos em instantes. Vi uma bruxa velha fazer uns riscos no chão, chamar o meu chefe e dar-lhe uns presentes. Ele colheu no astral a sua parte e o resto os outros pegaram para si. Eu fiquei de fora, pois temia incomodar aos outros.

- Vamos barão, não tema, ninguém irá molestá-lo na minha presença.

Consegui pegar algo para mim sem que ninguém ligasse por eu entrar no meio.

- Venha barão, tenho um trabalho especial para você. Eu o segui. Já não era arrastado, mas ainda continuava com a corrente no pescoço. Pouco depois, não sei como, estávamos em um castelo, num quarto com uma bela moça.

- Olhe barão! Esta jovem tola quer entrar para uma ordem religiosa e o pai dela quer casá-la com um homem de muitas poses. Quero que você faça ela sentir tanto desejo, que acabe desistindo da idéia e aceite se casar com o homem. Se conseguir isto, tirarei a corrente de seu pescoço para sempre. Tal idéia me animou e eu trabalhei com afinco. Em poucas semanas ela aceitava o casamento. Novo presente, a libertação da corrente e ainda um elogio.

- Barão, você é o melhor no assunto, vou promovê-lo entre os que me servem.

E assim foi passando o tempo e eu subindo na hierarquia infernal. Um dia até o Maioral me requisitou para servi-lo. Fiz um ótimo serviço. Em troca ganhei um medalhão para carregar no peito. Outro trabalho bem realizado e novo presente: uma capa preta e um manto para cobrir meu esqueleto. A cada trabalho, novo presente. Botas, espadas, punhais, moedas e até moças para serem minhas escravas. Um dia, o Príncipe veio me pedir ajuda. Eu o servi bem e ele quis que eu escolhesse o presente.

- O que fez daquela jovem que foi trocada por mim, Príncipe?

- Ela tinha praticado diversos abortos e foi lançada nas Trevas por seus crimes. Por que?

- Eu a quero como presente, já que me foi dado escolher.

- Eh, barão! Ela já não é tão linda como naquela época. Duvido que alguém com um gosto refinado como o seu vá querê-la.

- Já escolhi, Príncipe. Cumpra sua promessa.

- Com muito prazer, barão. Achei que iria pedir algo mais valioso por sua ajuda. Até que me saiu barato. Olhe que eu não aceito devoluções.

- Não se preocupe, Príncipe, não a devolverei.

A um gesto dele e ela estava na minha frente.

- Como consegue isto, Príncipe?

- Você não sabe como ter estes poderes, barão?

- Não, ainda não aprendi.

- Pois vou ensiná-lo assim que tiver outro serviço para você.

- Obrigado Príncipe, você é muito generoso comigo.

- Eu gosto de você, barão. Tem classe ao realizar os seus trabalhos.

Eu agradei suas palavras e saí com a jovem. Ela era só pele e ossos. Ele havia subtraído toda sua energia vital. Com o passar dos dias, ela começou a melhorar o aspecto. Foi se refazendo, pouco a pouco. Eu aprendi tudo com o Príncipe. Ele era um mestre em tudo. Em pouco tempo eu conhecia tanto quanto ele. Ainda consegui outras escravas com ele. Com o meu amo, consegui a liberdade e fui admitido na assembléia dos maioraes. Já era aceito como um deles. Formava minha falange, só de moças, uma mais bela que a outra. De fato, eu tinha um gosto refinado. Eles não sabiam, mas eu tentava ajudar aquelas moças para compensar aquelas que um dia eu havia arruinado, quando ainda na carne.

Instalei-me nos subterrâneos de um velho castelo. Ali minha falange crescia. Usufruí os prazeres restritos de um espírito das Trevas, mas também doutrinava a todas elas. Tinha longas conversas e mostrava o porquê de serem escravas das Trevas. Não maltratava nenhuma delas. No fundo, eu tinha pena. Estavam ali por não terem tido uma boa escola, ou uma boa orientação. Eu as ensinava, e comecei a ser chamado de professor. Sim, professor da Meia-Noite, pois eu já era agora um dos guardiões da meia-noite. Nesta hora, nós éramos invocados pelos magos negros, ou bruxas, para realizarmos seus pedidos imundos. Eu os olhava com nojo. Eram piores que nós, servidores das Trevas. Minhas moças só realizavam tarefas limpas. Como eu tinha muitas ao meu lado, eu podia tirar dez de alguém, quando isto era pedido, mas, logo depois, devolvia vinte no lugar das dez. Com isto eu satisfazia o pedinte e, mais à frente, devolvia tudo dobrado a vítima das magias negras. Nunca pegava trabalho sujo, ou seja, que fossem prejudicar seriamente alguém. Armava minhas escravas com tudo do bom e do melhor. À primeira delas, eu elegi como minha princesa. Ela me acompanhava por todos os lugares. Comecei capturar escravos nas covas. Os

esquecidos da Luz, eu os pegava para mim sempre que possível. Em alguns anos, minha falange era enorme. Já era um dos mais respeitados guardiões da meia-noite. Todos os entes das Trevas me temiam, pois eu era muito sério e não tolerava ofensas. Quem tocasse em minha falange, era aniquilado e escravizado. Na assembléia até o Príncipe me respeitava. Só o Maioral era superior a mim, mas também não abusava de minha reputação. Eu era temido, e isto era o que importava. No astral negro, eu era um dos grandes no ponto da meia-noite. Eu era o professor da Meia-Noite, e ponto final! Por volta de 1850, fui informado pela minha princesa que, quem eu procurava se encontrava no Brasil. Instantaneamente vim para cá. Queria vê-la e saber de toda verdade. Quando ela me mostrou o lugar vi que não poderia entrar: era uma igreja. Que azar! Como falar com ela?

Fiquei por perto alguns dias, mas não a vi. Voltei ao meu castelo, para junto de minha falange.

- E então barão conseguiu vê-la?

- Não, Princesa. Não posso entrar numa igreja, isso seria o meu fim como guardião.

- Barão, você me ajudou um dia, quando me tirou das garras do Príncipe, tenho uma dívida com o senhor. Se quiser, eu consigo um encontro com ela.

- Como, princesa?

- Confia em mim?

- Sim. Se não confiasse, não a teria ao meu lado por todo esse tempo.

- Vou me ausentar por uns dias. Quando tiver conseguido o encontro, venho busca-lo. Está bem assim?

- Para mim está ótimo, princesa.

E ela partiu num piscar de olhos. Sim, a princesa era leal. Como ela o conseguiria, eu não sabia, mas confiava nela. A princesa veio para o Brasil, e foi direto ao cemitério levantar um morto recente. Sim, ela sabia onde conseguir o que precisava. Apanhou um velho que não era um grande devedor da Lei Maior, e fez com que ele entrasse na igreja à procura de minha antiga esposa. Levava um recado da princesa.

- Eu fui mandado para convidá-la, senhora. O barão quer vê-la.

- Que barão? Não conheço barão algum.

- Eu não sei quem é este barão, madre. Estou cumprindo ordens de minha senhora.

- Quem é sua senhora, alma pecadora?

- Por que não vai vê-la? Assim saberá quem é o barão.

- Onde está ela?

- Acompanhe-me, madre, eu a conduzirei até ela.

A madre o acompanhou até um cemitério próximo. Foi levada até minha princesa. Quando ela viu a princesa, assustou-se.

- Você, ente das Trevas, é a tal princesa?

- Sim, sou a princesa do barão.

- E que é o tal barão?

- Ele foi o seu marido por algum tempo há muitos anos atrás.

- Ah sim! Agora me lembro. Como está ele?

- Muito bem, ele quer vê-la. Tem muita necessidade de falar com a senhora.

- Então, diga a ele para vir até a igreja falar comigo, pois, se souberam onde estou, ele também deve saber.

- O barão não pode entrar numa igreja. Ele serve ao que reina nas Trevas.

- Vejo que ele não mudou em nada apesar da morte horrível que teve.

- Isso eu não sei, madre, mas ele pensa muito na senhora. Porque não fala com ele?

- Eu o receberei na igreja. Lá poderemos falar à vontade, sem ninguém para o impedir.

- Eu já lhe disse o motivo de ele não poder entrar numa igreja.

- Isto é um problema dele não meu. Além do mais eu não desejo ver ou falar com ele. Adeus, princesa das Trevas. E procure não usar mais aos que caíram para servi-la, eles também são filhos de Deus, apenas não sabem disso. Outra coisa Princesa, não quero mais ser incomodada por você ou pelo barão.

- Ele não vai gostar de saber que eu falhei nesta missão tão importante para ele.

- Isto é um problema de vocês, resolvam-no vocês das Trevas. Adeus!

Minha princesa nada respondeu. Logo estava perto de mim novamente. Após relatar o diálogo do encontro fiquei furioso.

- Então, ela entrou mesmo para um convento! Que estúpida! Não podia ter me esperado?

- Acho melhor esquece-la, barão. Ela esta muito velha não é mais a jovem bonita de que o senhor me falou.

- Não é pela beleza que eu queria vê-la mas, para esclarecer algumas coisas do passado.

- Ela não virá vê-lo em hipótese alguma, barão. A mim, ela pareceu uma mulher triste.

- Você viu alguma auréola sobre a sua cabeça?

- Não senhor, mas o que tem isto a ver?

- somente aqueles que tem uma auréola sobre a cabeça não sofrem por ligações com o plano terrestre. Tome cuidado com aqueles que a tiverem, princesa, pois, se levantarem a mão direita em sua direção você será fulminada por uma luz mil vezes mais quente que o fogo.

- E o porque disto, barão?

- São missionários do terceiro plano. Não os desafie, pois irá se arrepender.

- E se pedirem algo?

- Eles não pedem, ordenam. Faça o que ordenarem e caia fora o quanto antes.

- Vou observar isto de hoje em diante, barão.

- Faça isto e não terá problemas, princesa. Vamos nos divertir um pouco, pois estou magoado com a recusa do encontro por parte da

minha madre. Ela sorriu com minhas palavras.

- Gosto do seu jeito, barão. Tem muita classe e um estilo que ninguém mais possui.

- É a origem nobre, princesa. Tive que levar muitos à morte para adquiri-lo.

Ela não entendeu minhas palavras, mas o que importava isto, afinal? Era só mais uma das muitas vítimas dos erros cometidos por ignorância das leis que regem a criação. Eu também me julgava uma vítima destas leis. Com a recusa da minha esposa em falar comigo eu me transformei para pior. Aproximei-me de outros guardiões das Trevas. Envolvi-me com todos os tipos de rituais negros. Agia com minha falange por todo astral inferior. Atendi pedido de mestres chineses, monges tibetanos, gurus indianos, mulás islâmicos, rabinos iniciados nas magias, magos orientais, padres adeptos dos rituais negros, feiticeiros africanos, chefes de estado, reis e príncipes, grandes mestres da maçonaria e todos que me invocavam. Eu era o senhor do ponto da meia-noite. Em pouco tempo só minha presença já resolvia muitas lutas astrais. Eu era um dos mais temidos guardiões das Trevas. Fui um dos poucos a conseguir descer até o fundo do abismo e tornar a subir com mesma facilidade. Tive acesso aos livros negros das Trevas, conheci a todos os mistérios das trevas. Mesmo eu, o senhor da meia-noite assustava-me com o que lia. Aquilo contrariava a tudo o que eu havia aprendido na carne e em espírito. Descobri que eu, um guardião todo poderoso, não passava de um mero instrumento da Lei Maior. Neste momento interrompi sua fala:

- Espere um instante, meu amigo, poderia falar um pouco sobre esta sua descoberta?

- Posso sim. Quando fui iniciar-me na assembléia dos guardiões, não tinha noção do que significava aquilo. Fui porque não tinha

alternativa. Ou me iniciava ou continuava escravo do ser com cabeça de cobra. Antes ser senhor, que escravo. Nas Trevas só há dois modos de vida: ou você serve ou é servido. Melhor viver assim do que viver no meio termo.

- O que quer dizer com isto?

- O umbral ou purgatório, é um lugar onde não impera lei alguma. Foi ali que eu fiquei por muitos anos até sair da cova.

Eu estava no umbral. Aquilo é o nada. Você não tem noção de tempo ou espaço, nada existe além do tormento do espírito. Como eu era um grande devedor da Lei Maior, não havia retorno: ou descia mais um pouco ou enlouquecia. O umbral é isto, meu amigo, o esquecimento pela Lei. Eu vi espíritos vagando por lá durante séculos. Perdem toda fé e esperança. Ali não vai ninguém para socorrê-los. Cada um tem que achar sua própria saída. Não lhe lançam uma escada para se elevar. Você tem que construir sua própria escada. O que existem são alguns agrupamentos de espíritos socorristas muito fechados. Eu mesmo conheço muitos destes locais.

- Não saem em busca das almas ou espíritos que vagam sem rumo?

- Quem lhe falou isto?

- Eu li em um livro.

- Conversa fiada para iludir incautos. O que falaram ou descreveram não foi um umbral ou purgatório, como nós, os guardiões conhecemos muito bem, mas sim as camadas de atrações de almas pouco devedoras. Esta é uma região onde andam livres todos os tipos de espíritos. Nesta faixa vibratória que chamam de umbral ou

purgatório, o espírito pode ir onde quiser que ninguém o incomoda, ou seja, pode se agregar com quem quiser.

Porém, o acesso ao verdadeiro umbral somente a Lei determina. Para lá você não vai. Aquilo é uma continuação do modo de viver, pensar e agir de quando ainda se estava na carne. Você não percebe que está lá. Ainda pensa que está vivo e não compreende nada do que realmente lhe aconteceu. A zona de atração ou camada 'sobre' e não 'sob' a crosta terrestre é o que descrevem como umbral ou purgatório. No verdadeiro umbral apenas os guardiões penetram, tantos os da Luz como os das Trevas e assim mesmo com certa cautela, pois lá não impera lei alguma. Esta região pertence àqueles que não pertencem nem aos céus nem aos infernos. Ali nem o das Trevas entram, pois não tem direito sobre quem lá esta.

Só os idiotas como eu, que clamam por ele e que são tirados de lá por seus servidores. - Isto quer dizer...

- Sim, se eu tivesse mantido minha fé no Criador, com o tempo seria despertado do meu estado ilusório e seria resgatado para algum lugar adequado.

- Ou seja, tudo ali é uma prova da fé de cada um, não?

- Vejo que você compreendeu o que falei.

- Muito interessante, pois contraria tudo que sei sobre o umbral.

- É isto mesmo. Ali ninguém o ajuda, isto não é permitido. Quem disser o contrario esta mentindo ou não conhece o verdadeiro umbral. O Criador prova a cada um que Ele existe e todos os que têm alguma duvida disto conhecem o umbral ou zona neutra, onde a Lei reina implacável. Você é provado a cada segundo até as raias da loucura. Apenas os que enlouquecem não definem um rumo,

permanecem ali por séculos e perdem a noção de tudo. Há três saídas para aqueles que são condenados ao purgatório: ou sobem ou descem ou permanecem.

De vez em quando uma força misteriosa agita o umbral. Não é visível para o mais iluminado dos espíritos ou o mais poderoso dos seres das Trevas. Sabemos disto porque, numa destas agitações nós estávamos lá. Esta força misteriosa colhe espíritos aos milhares e vai computando-os em um envoltório luminoso para serem levados para algum lugar que eu não conheço. De lá, são imediatamente conduzidos à reencarnação. Não tem noção de nada após o envolvimento pela luz misteriosa.

- Como sabe que vão para o reencarne?

- Eu li isto nos livros negros. É por isto que lhe disse que lá nem o das Trevas manda.

- Como você entra lá?

- Eu não entro, sou chamado ou mandado, não importa. O umbral não é um lugar, é um estado de espírito mental. Ali você ouve de tudo. É uma região alimentada por vibrações mentais. Eu na minha cova estava no umbral e não sabia disto.

- É mais complicado do que parece à primeira vista.

- Muito mais, Taluiá. E verdade, esta região é toda ela pura criação de mentes combalidas pela dor de seus corpos e almas. Imagine um pesadelo e você terá uma noção do que é o umbral. Cada um o vê à sua maneira e encontra nele os monstros particulares que alimentou durante sua passagem pela carne. O umbral é a materialização dos medos do subconsciente de cada um.

Percebe o que estou lhe explicando?

- Melhor impossível. É uma zona em constante mutação.

- Vejo que entendeu o que falei.

- E quanto à minha indagação inicial?

- Sobre minha descoberta? Foi o acaso, se é que ele existe, que me conduziu a esta conclusão. Eu sou um guardião e alguém me é superior na hierarquia depois outro é superior e assim por diante. Conclusão: você em verdade não manda, mas sim é comandado e só faz o que seu superior permite e espera que você faça.

Ainda não ficou claro para mim sua explicação, meu amigo.

- É muito simples. Um dia eu causei muitas mortes e fui imediatamente julgado culpado. Dali em diante tudo foi consequência do meu erro. Alguém lá de cima ou de baixo, já sabia do meu erro e qual a pena apropriada. Eu apenas me guiei no caminho que a Lei Maior me colocou. Não adiantou eu ainda em vida me arrepender. Tinha errado e iria pagar. Fiquei reduzido a este esqueleto atado ao meu corpo. Posso me metamorfosear como um camaleão, mas eu sou uma caveira. Isto não posso negar para mim mesmo. Então, que adianta tentar ocultar? Aqueles que conhecem a verdadeira natureza das almas sabem porque eu fui reduzido a este estado. Meus crimes estão anotados nos dois livros, o branco e o negro e isto é o que importa. É por isto que eu não escondo o que sou.

- Isto é um ato nobre de sua parte, meu amigo.

- Eu diria que simplesmente aceito as coisas como são e não faço nada para dissimular meu estado.

- Bom, acho que já interrompi por demais sua história, meu amigo, mas agora sei um pouco mais sobre o outro lado.

- Então vou continuar com minha história.

Como eu dizia, não passava de um instrumento da Lei. Estudei os livros em sua maioria e vi que nós somos uma sucessão de erros e acertos. Se fizermos o bem, nada de mal nos advém no futuro; mas se erramos, pagaremos. Se fizermos o mal, com o mal seremos pagos e assim por diante.

- Isto eu já conheço.

- Sim, eu sei, mas talvez não saiba que céu e inferno só existem para quem os procura.

- Como assim?

- Eu encontrei nas Trevas, espíritos que já foram grandes luminares da humanidade e que em uma encarnação posterior cometeram uma falha grave e foram purgar o erro nas Trevas. - Isto é o pior que pode acontecer a alguém que já tenha conquistado um alto grau de espiritualização, não?

- Sim, e o inferno está cheio deles. Quantos homens e mulheres não criam um inferno particular a todo o momento?

- É verdade.

- Eu criei o meu por causa de uma mulher. Por isto eu tentei falar-lhe. Se ela tivesse me ouvido eu teria feito de tudo para mudar minha conduta. Mas não, ela não quis me ouvir ou ver. A conseqüência disto foi uma queda maior de minha parte. Eu só queria o seu perdão, nada mais. Será que eu estava querendo muito?

Eu, um ente das Trevas, queria ser perdoado por um ente da Luz e nem isto me foi permitido. Avancei nas Trevas e descobri tudo o que é permitido a alguém saber. Tornei-me um dos grandes nas Trevas.

- Como conseguiu isto em tão pouco tempo?
- Eu me impus uma organização implacável. Não admitia falhas em minhas hostes. Tanto isto é verdade que eu fui um dos maiores guardiões da meia-noite. Ainda hoje, quando já não comando mais o nome 'barão' impõe medo e respeito. Um da minha linha não se mete em enrascada, pois sabe como agir e porque deve agir.
- Tudo por causa de suas descobertas nos livros negros, imagino eu.
- Isto mesmo. Você vê muitos guardiões da meia-noite por aí?
- Não, são muito raros.
- Sim, são muito, mas muito raros porque se o encarnado que for praticar alguma magia com o nosso nome não conhecer bem a quem esta invocando, pode ser envolvido por nós. Quem nos invoca corre um risco duplo: ou é envolvido por nós agora ou será no futuro. É o preço da ignorância.
- Mas isto me deixa preocupado...
- Eu ouvi seu pensamento, Taluiá. Nada tem a temer, pois eu vim para sua esquerda por vontade própria. Vim porque quis, não fui invocado para servi-lo como muitos fazem por aí.
- Isto me tranqüiliza um pouco.
- Bom, vou continuar minha narrativa senão vamos perder o fio da meada.
- Então continue meu amigo, não vou interrompê-lo mais. Sou só ouvido, Guardiã da Meia- Noite.

- Pois bem, eu vi iluminados caídos e cheguei a uma conclusão: só aceitaria trabalhos que tivessem origem na lei do carma.

Com esta decisão tomada, expandi minha falange até a zona do umbral. Conquistei milhares de adeptos ou escravos, como achar melhor, entenda.

CONTATOS COM SERES DE LUZ

Do velho castelo eu reinava absoluto ao lado de minha princesa.

Também ouvi sua indagação mental feita agora. Vou esclarecer: sim, eu escolhi uma mulher que praticou muitos abortos e tinha sido uma rameira quando na carne, somente para continuar com seu trabalho. Havia sido mulher de todos e de ninguém. Não tinha moral nem caráter, não era virgem, pura ou santa, nada disto. Ela não tinha nada a ocultar ou mostrar. Era o que era e fim de conversa. Mas ficou ao meu lado porque eu a tirei das garras do Príncipe. Ela também havia aprendido sua lição. Não queria que a possuíssem. Pois o Príncipe a possuiu e ela odiou isto. Hoje não aceita que ninguém a toque. Aí do idiota que tentar tal coisa! Pagará caro por tentar. Eu, por minha vez, aprendi minha lição. Nada de preconceitos tolos ou de exploração do sexo oposto. Nós dois estávamos conscientes do preço pago e por isto nos demos tão bem. Saiba que encaminhamos milhares de mulheres para o bom caminho, tirando-as do caminho das Trevas.

- Como faziam isto?

- Nós as tirávamos do umbral ou da crosta terrestre e lhes mostrávamos o erro cometido. Alguns anos ou décadas nas hostes eram o suficiente para conseguirem se encaminhar para as regiões de luz.

- Porque fizeram isto?

- Por causa dos livros negros. Se o que estava escrito no livro negro também estava escrito no livro branco, então, que se inscrevesse

nos dois livros que um barão que arruinou algumas mulheres e uma mulher que arruinou alguns homens, levantaram das Trevas e puseram no caminho da evolução milhares dos dois sexos.

- Mas sem ninguém lhes pedir?

- Para que esperar alguém pedir? Isto é hipocrisia, coisa de falso pregador. Quem quer fazer algo é livre para isto, não precisa esperar que alguém lhe peça. Simplesmente o faz e pronto.

- E isto os ajudou?

- Sim e muito. Mas não fizemos ou fazemos isto para sermos pagos por alguém ou receber uma comenda de boa conduta. Apenas achamos que temos uma dívida para com a humanidade e nada mais.

- Vejo que tenho que aprender com você, Professor da Meia-Noite.

- Acho que muitos poderiam aprender comigo. Isto pouparia trabalho, tanto para a Luz como para as Trevas. Mas, como eu dizia, nós fazíamos apenas trabalhos que estivessem de acordo com a lei do carma e isto nos livrou de choques com a Lei. Eu pessoalmente nunca tive problemas com a Lei. Isto me trouxe prestígio entre os guardiões dos outros pontos. Alguns até vinham se aconselhar comigo. Um dia, um ente da Luz se aproximou de mim e pediu para falar comigo. Eu concordei em ouvi-lo, pois não temia à Luz, mas sim respeitava-A. Muitos A temem até hoje, mas eu não.

Ele começou a falar:

-Guardião da Meia-Noite, tenho algo a lhe propor.

- Estou ouvindo-o, ser da Luz.

- Meu nome é Cavaleiro da Estrela da Guia. Sou guardião da lei do símbolo da estrela.

- Eu o saúdo por seu grau, Cavaleiro da Estrela da Guia. Chame-me de professor do livro

negro, pois é assim que os meus me chamam. O que deseja de mim?

- Preciso de auxílio.

- Eu auxiliá-lo Cavaleiro? Como? Está em alguma grande encrenca?

- Não, mas com uma missão das grandes e espero contar com sua ajuda. Eu tenho observado o seu trabalho nas Trevas e acho que é o guardião ideal para tal missão.

- Do que se trata, Cavaleiro?

- Gostaria de me acompanhar em uma viagem?

- Nada tenho a perder ou a temer. Portanto aceito! Mas posso levar minha princesa?

- Sim. Até acho bom ela ver o que tenho a mostrar.

E minha princesa veio para o meu lado. Como ela usava trajes sumários, ele lhe deu um manto para se cobrir. Deu também dois colares com um diadema estranho.

- Isto é para que não sintam a mudança dos planos vibratórios e nem interfiram neles.

- Nós os usaremos, Cavaleiro. Partiremos quando quiser.

- Então vamos, Guardiã da Meia-Noite. Em segundos, estávamos num cômodo pequeno todo cheio de imagens de santos católicos.

Eu conhecia a muitos deles, pois quando na carne via-os nas igrejas.

- O que é este lugar, Cavaleiro da Estrela da Guia?

- A casa de um benzedor. È um homem caridoso e vive por seus semelhantes. Nada pede em troca do que faz. Faz o que faz por prazer de fazer e pronto.

- Onde eu me encaixo na missão dele, Cavaleiro?

- Olhe melhor e verá os que querem barrá-lo em sua tarefa.

Eu olhei. Sim, eu tinha poder e vi diversos entes das Trevas no seu caminho.

- Por que eles o perseguem, Cavaleiro?

- É por causa dos que ele ampara com sua fé.

- Só por causa disto?

- Sim. Não concordam que ele tente ampara-los na dor. Gostariam que caíssem de vez e por isto vivem perseguindo-º Olhe quem foi o homem e verá se merece sua ajuda.

- Vou olhar o seu passado, Cavaleiro.

Eu olhei e vi um caridoso sacerdote no passado. Avancei mais e vi um bom médico.

- É, ele sempre viveu ajudando os semelhantes. Como posso ajudá-lo?

- Vindo aqui de vez em quando e limpando o astral dele para que possamos ajudar aos que aqui acorrem em busca de socorro. São espíritos encarnados que sofrem todo tipo de choques, tanto na

carne como na alma. Se ninguém fizer algo por eles, acabarão trazendo para a vida terrena todas as agruras do inferno. Isto é muito mal. Precisamos de sua ajuda.

- É, acho que isto será fácil. Conheço os tipos que o rondam. Tem alguns que nunca vi, mas sei como agem.

- Posso contar com sua ajuda, não?

- Se um cavaleiro da estrela da guia aceita vir até esta choça para ajudá-los, um guardião da meia-noite também aceitará.

- Não haverá pagamentos ou recompensas, Guardiã.

- Isto não me preocupa, Cavaleiro. Conheço o meu lugar nas Trevas, mas isto não me impede de ajudá-los. Vou dar uma volta por ai e conversar com aqueles que o perseguem. Mais tarde eu volto. Eu e minha princesa saímos ao encontro deles. O diálogo não foi muito amigável.

- Quem são vocês, companheiros das Trevas?

- Que lhe interessa, idiota?

Eu puxei minha espada e encostei-a em seu pescoço.

- Repita o que disse, maldito!

- Calma companheiro, não precisa se alterar tanto.

- Pois saiba que eu vou degolá-lo se não pedir desculpas por ter me chamado de idiota. - Eu não queria ofendê-lo companheiro, peço desculpa por minha ofensa.

Guardei a espada.

- Assim está melhor. Quem é você?

- Eu sou um dos servidores do Grande Rei das Matas, e você?
- Sou o Guardião do Ponto da Meia-Noite.
- Já ouvimos falar de você, Guardião da Meia-Noite. Eu o saúdo. O que quer conosco?
- Quero saber por que estão tentando prejudicar ao homem lá na choça?
- Ele interferiu em um trabalho nosso.
- Entendo. Só que tem um problema.
- Qual é, Guardião?
- Eu prometi a alguém que iria defendê-lo e isto me põe em sua frente. Temos que acertar isto já.
- Nós recebemos a ordem do Rei das Matas. Somente ele pode dizer o que devemos fazer.
- Pois vamos falar com ele agora - e fomos até ele.

Recebeu-me com frieza. Eu já o conhecia da assembléia. Não vou dizer o que discutimos ali, mas chegamos a um acordo. Os seus escravos foram afastados do caminho do benzedor. Quando voltei, o Cavaleiro da Estrela da Guia me agradeceu pela ajuda.

- Não precisa me agradecer, Cavaleiro. Fiz porque achei que devia fazer e pronto. Quando precisar de minha ajuda é só chamar.
- Acho que vamos precisar de sua ajuda, Guardião. Não gostaria de vir aqui mais vezes sem precisarmos ir até você?
- Vou fazer melhor, Cavaleiro. Tenho muitos escravos e vou deixar alguns de guarda aqui. Não entrarão na casa, mas não deixarão que

outros entrem também. Se alguém tentar, eles me chamarão. E a uma ordem mental minha, uma falange surgiu instantaneamente. Ordenei que guardassem a choça e seu morador. Assim foi feito. Ninguém mais incomodou o homem. Está certo que eu deixei uma falange grande, que impunha medo a qualquer um mas este era o meu modo de agir. Acho que solucionei o problema deles e o meu. Afinal eu tinha muitos escravos e tinha que usa-los. Eles, os da Luz, tinham muito trabalho e poucos servidores. Conclusão: meus esqueletos começaram a evoluir. Isto foi no ano de 1864. Hoje, cento e poucos anos depois os entes daquela primeira falange já não existem mais como entes das Trevas, mas como espíritos de luz, trabalhadores incansáveis sobre a crosta terrestre. Têm alguns que, quando precisam de bons auxiliares para poder penetrar nas zonas negras, voltam até a antiga falange a que pertenciam e levam alguns para ajudá-los. É a evolução, meu amigo.

Eles voltaram muitas vezes à minha procura e eu já tinha me acostumado com este procedimento. Eles vinham, eu fornecia escravos, mas não me descuidava dos meus. Até hoje, não existe aquele que saiu das minhas falanges e que tenha sido aprisionado por outras falanges. Muitos foram feridos em choques com forças poderosas, mas nunca aprisionados. Eu era o barão, um dos mais temidos entre os guardiões das Trevas. Se alguém caía prisioneiro de outros, eu ia pessoalmente libertá-lo e ainda escravizava a todos sem pena alguma.

O chicote os cortava fundo, isto quando a espada já não o tinha feito. Por volta de 1880 fui apresentado a dois outros guardiões. Um era o Guardião das Sete Portas, o outro era o Guardião dos Caminhos, o poderoso Tranca Tudo. Hoje eu vejo que eram como eu. Sabiam que haviam caído e aceitavam isto como um fato consumado. Tinham enormes falanges de escravos, maiores até que as minhas. Eu já os vira na assembléia muitas vezes, mas nunca tínhamos nos falado. Eram calados como eu. Quem nos

apresentou foi o mesmo Cavaleiro da Estrela da Guia. Descobri que eles já o auxiliavam há muito tempo. Também enviavam auxiliares quando assim era solicitado. Acabamos por nos tornar bons amigos, ou seja, aliados na assembléia.

Cada um tinha o seu modo de ser e agir, mas éramos leais uns com os outros. Neste tempo um ser iluminado me convidou a conhecer um guardião de linha africana. Eu aceitei, afinal, eu já tivera negros escravos quando na carne. O que vi deixou-me perturbado. Vou dizer agora como foi nosso encontro.

- Venha conosco, Guardiã da Meia-Noite, acho que você ainda não viu tudo que existe no astral.

- Eu não vi tudo, Guardiã dos Caminhos, procurei conhecer apenas o que me interessava.

- Não quer conhecer um lado que ainda está oculto para você?

- O que poderia estar oculto para mim?

- Nós lhe mostraremos. Eu os acompanhei. Fui conduzido a uma localidade estranha. De fato eu nunca tinha visto aquele lugar. Tinha um portal com diversos símbolos. Aos símbolos, eu já conhecia, mas ao portal, não.

Havia dois lanceiros da antiguidade guardando-o. Quando viram os outros dois guardiões chegarem, saudaram com uma continência especial.

- Que lugar é este, Guardiã dos Caminhos?

- Isto é um local pertencente ao Grande Oriente. Existem muitos iguais a este no astral, Guardiã da Meia-Noite.

- Como eu nunca vi antes?

- Estavam ocultos à sua visão. Seus poderes nas Trevas são incontrastáveis, sabemos disto, mas há coisas que ainda estão fora do seu alcance visual. Um dos guardas tocou numa pedra no batente do portal e ele se abriu. Saiu um homem que não reconhecia de imediato. Tinha algo de familiar, mas não consegui atinar para o quê. Convidou-nos a entrar. Entramos e os dois outros guardiões tiraram suas armas que foram guardadas em um compartimento especial. Não pediram as minhas, eu também não as dei! “Vamos por este lado senhores”, falou o homem.

Nós o seguimos por um corredor todo iluminado e pintado com símbolos, um mais estranho que o outro. Quando chegamos ao fim do corredor uma porta verde se abriu. Dela saiu um velho de longas barbas brancas que nos deu três colares com um cristal verde pendurado.

- Para que servem estes colares? - perguntei.

- É para sua própria segurança, Guardiã da Meia-Noite - falou o ancião.

- Já sou conhecido até aqui?

- Sim, nós o conhecemos há muito tempo, Guardiã. Queiram acompanhar-me senhores. Já estão esperando-os há tempos.

- Vocês vêm sempre aqui, Guardiões?

- Não, só em ocasiões especiais.

- Então eu vou ver algo especial hoje? - perguntei sorrindo.

- Você é o especial hoje, barão. Agora é melhor ficarmos em silêncio.

Eu fiquei inquieto com aquelas palavras do Guardião das Sete Portas, mas calei-me. Tinha aprendido a lição na assembléia. Em lugar estranho, eu não abria a boca, ou seja, não falava, só ouvia e observava. Esta conduta foi minha saída para não arranjar encrencas. Entramos em um enorme salão. Tinha em suas paredes símbolos e mais símbolos, insígnias e outras coisas mais que não posso revelar. Fiquei mais perturbado ainda. A que lugar estranho haviam me levado? Meus sentidos estavam todos alertas.

- Acalme-se, barão. Aqui não há o que temer. Não será chicoteado, nem acorrentado como o foi na assembléia.

- Vejo que sabem tudo sobre mim.

O salão estava todo tomado de pessoas. Eu procurava, com os olhos, ver se conhecia alguém. Encontrei bem distante, o Cavaleiro da Estrela da Guia e outros dois que sempre o acompanhavam quando ele vinha me procurar. Havia três lugares vagos ao seu lado. Ele levantou-se e veio ao meu encontro. Saudou-me e convidou a mim e aos seus companheiros, para sentarmos ao seu lado. Era um comportamento digno, muito diferente da assembléia. O silêncio era total. Os assentos estavam dispostos de forma oval. Nós ficamos em uma das extremidades. Na outra havia uma grande mesa com diversos homens e mulheres sentados. Eu observava a tudo e a todos, mas não falava ou pensava nada. Sabia que se pensasse algo todos ouviram meus pensamentos. Acho mesmo que o silêncio tinha esta finalidade: ouvir meus pensamentos. Mas eu era um guardião das Trevas, e sabia controlar-me. Nisto um homem levanto-se da mesa e falou:

- Muito bem, senhores e senhoras. Como todos sabem, temos entre nós um dos maiores guardiões das Trevas. É o Guardião da Meia-Noite. Todos já o conhecem e sabem quem é ele. Eu vi eles assentirem com a cabeça.

- Pois bem, o Cavaleiro da Estrela da Guia falará por ele aos senhores.

O Cavaleiro levantou-se e foi até o meio do salão. Começou a falar sobre minha conduta e dos auxiliares que eu já havia lhe emprestado. Pediu que algum deles, que já haviam conquistado grau de luz, fossem trazidos. Vários deles entraram no salão e ficaram perto do Cavaleiro. Eu não os reconheci, pois já não eram esqueletos. Foram até onde estávamos, e se apresentaram pelos nomes. Eu me lembrei vagamente deles.

- Nós lhe agradecemos a oportunidade que nos deu um dia, barão. Não o esqueceremos por todo o sempre, pois hoje sabemos que era a Lei Maior que nos castigava, e não o senhor. Eu não disse nada, pois nada conseguia dizer. Pediram licença e foram embora. Aquilo tudo estava me deixando mais incomodado ainda. O Cavaleiro mandou que trouxessem as mulheres que a minha princesa e eu havíamos libertado. Não estavam todas ali, mas eu reconheci algumas. Também vieram agradecer-me. Como a princesa não estava comigo, fizeram-me portador do agradecimento a ela. Eu só assenti com a cabeça. Os ossos da garganta estavam sufocando-me. Sim, mesmo uma caveira como eu sente isso!

E o Cavaleiro continuou a falar por mim. Quando terminou, todos se levantaram e aplaudiram. Até o ancião que dirigia a reunião levantou-se. Não sei se uma caveira derrama lágrimas, mas eu senti como se isso estivesse acontecendo. Finalmente, eu recebia aprovação pelo pouco que fizera.

- Acha que foi pouco o que fez, Guardiã da Meia-Noite? -

Perguntou o dirigente da reunião.

- Sim, senhor. Poderia ter feito muito mais, se tivessem me solicitado.

- Gostaria de fazer muito mais?

- A que isto me conduzirá? - perguntei curioso.

- Para onde, não sabemos, mas poderemos unir sua força a nossa, e então veremos o que resultará.

- Talvez eu entre em confronto com o que eu sirvo.

- Acho que não, guardião. No fim da linha os extremos se encontram. O de cima se entrecruza com o de baixo, e formam o Todo. Nós somos aqueles que habitam o meio.

- Isto é interessante, senhor. Continue por favor.

E ele continuou falando do Todo e das partes que o compõem.

- Nós somos a parte visível do Todo, Guardiã da Meia-Noite. Temos acompanhado você desde a sua morte. Vimos seu desespero e sua queda. Vimos também sua ascensão e sua conduta. Vimos quando quis ler os livros negros e conhecer os mistérios que envolvem as Trevas. Também vimos como se conduziu pela lei do carma. Vimos você não negar ajuda a um dos nossos quando esta lhe foi solicitada. Muitos a negaram, outros não e você foi um desses. Tudo esta escrito no seu livro, Guardiã da Meia-Noite. Se hoje nós o temos conosco é porque confiamos em você. Sabemos que é um ente das Trevas totalmente esclarecido e equilibrado. Não queremos que altere sua conduta, mas que nos ajude com suas forças na linha de lei.

- Isto não me colocará em choque com os outros guardiões da assembléia? Não quero encrenca com eles, já chega o erro que cometi na carne. Não quero cometer outro agora que sou só ossos.

- Nada disto acontecerá, Guardiã da Meia-Noite.

- Diga então como poderei ajudá-los.
- Antes você terá que escolher um dos símbolos sagrados para servi-lo.
- Não entendi, senhor.
- Você será um instrumento do símbolo e enquanto agir dentro da Lei, o símbolo o amparará. Não haverá força ou entidade que o subjogue enquanto assim proceder.
- Isto é quase o mesmo que o Príncipe me propôs um dia, não?
- Sim, mas com uma diferença: esta é a porta do retorno ao seio do Criador. Além do mais será muito mais difícil do que com o Príncipe, pois aqui não haverá ninguém para chicoteá-lo. Você é que verá se esta subindo ou caindo. E se cair, a Lei o lançará num abismo muito mais profundo que aquele que você já desceu. Deste não há retorno.
- Compreendo. Posso pensar um pouco?
- Quanto tempo, guardião?
- Alguns dias.
- Não. Só tem agora para pensar amanhã já será muito tarde.
- Foi assim que o Príncipe fez comigo na tumba. Não há escolha nem tempo para pensar.
- Será que você já não escolheu o caminho, Guardião?
- Como assim?
- Quando o Cavaleiro da Estrela da Guia o procurou você lhe deu ajuda. Porque um ser das Trevas iria ajudar a um ser da Luz se não

tivesse algo dentro de si?

- Aquilo foi diferente.

- Pense bem, Guardiã e depois me diga se não há nada em seu interior que o tem movido.

- Não preciso pensar. O senhor já o sabe, certo?

- Sim. É por isto que nós o trouxemos aqui, hoje. Está na hora de se levantar, Guardiã da Meia-Noite. O seu passado pede isto com toda sua força.

- Eu aceito, senhor. Acho que já vi o bastante para saber que não me conduzo, mas sou conduzido.

- Sábia conclusão, Guardiã. Escolha o seu símbolo e será regido pelas leis e mistérios que estão contidos nele.

Eu olhei os símbolos e escolhi o símbolo que tinha três cruces em seu interior. Imediatamente uma luz forte se fez presente e foi tomando forma. Quando esta já estava totalmente plasmada, vi um ancião curvado apoiando-se num cajado com diversos símbolos pendurados. Tinha o corpo todo coberto por uma palha desconhecida para mim. Sua vibração não era contida pela forma plasmada. Eu sentia os meus ossos se deslocarem do lugar tal a intensidade. Quando ele levantou o cajado eu fui puxado ao seu encontro. Pensei que ia me despedaçar todo, pois eu era só ossos. Cai de joelhos aos seus pés. Só então eu vi que ele também era só ossos. A ponta do cajado tocou em minha cabeça e um choque muito forte percorreu todo meu corpo. “Vou morrer outra vez”, pensei quando uma voz gutural respondeu ao meu pensamento:

- Não morremos duas vezes, exu da meia-noite. Eu o marco como um dos meus. Você me serve, eu o amparo. Você me servirá e a Lei viverá em você. Você foi lançado ao solo pelo poder do símbolo da

cruz. Você carregará sua cruz e a Lei o ajudará. Mas se você abandona-la, ela o esmagará. Sua força não é maior que sua cruz, mas ela lhe dará forças para carregá-la. Sirva-a e ela o engrandecerá, mas renegue-a e fraco se tornara. Ame sua cruz e o amor a ela o inundará; mas odeie a ela e o diado será. Louve-a e louvado será; renegue-a e renegado será.

Mas ele não falou. Assim como veio foi-se embora. Levantei –me ainda trêmulo. Tudo foi tão rápido que eu estava apalermado. Novamente todos me aplaudiram. Virei-me para o Cavaleiro e perguntei:

- Porque os aplausos agora?

- É que a partir de hoje você é mais um dos nossos.

- Como uma caveira como eu pode ser um de vocês?

- Nós estamos separados por uma linha muito tênue, Guardiã. Você esta à esquerda da cruz e nós à direita nada mais nos separa.

- Mas, eu ainda sou um esqueleto com um manto negro.

- Caso queira, poderá voltar à forma que tinha quando na carne.

- Isto nunca, sinto vergonha do meu passado.

- Então, escolha a forma que quiser.

- Fico como sou agora assim não serei reconhecido. Quem era o ser de Luz que veio até aqui?

- Ele é o Senhor dos Mortos, Guardiã das almas que passam pelos cemitérios.

- Como? É o maioral lá do cemitério em que eu fui enterrado? Digo, o chefe da região escura?

- Ele é um guardião à esquerda. Reina nas zonas negras, mas há uma outra faixa de atuação que você não conhece. O maioral da assembléia não é o mesmo da linha das almas no ritual africano e nem é o maioral no símbolo da cruz.

- Eu achei que sabia muito, Cavaleiro, mas vejo que ainda não sei nada.

- Pois eu acho que você já sabe o bastante, Guardiã e é hora de aperfeiçoar seu saber.

- Mas porque fui chamado de “exu da meia-noite?”

- É assim que são chamados aqueles que estão à esquerda no ritual antigo.

- Ainda não entendi.

- Vamos deixar o salão agora, pois precisam voltar aos seus lugares de atuação. Você olhou bem para os símbolos?

- Sim. Onde eu os ver saberei reconhecê-los.

- Olhe a sua capa, Guardiã.

Eu tirei minha capa e vi um símbolo gravado nela.

- Quem o fez que eu nem percebi?

- Foi o senhor Abaluaê, ou Senhor dos Mortos, quem o marcou como um à sua esquerda.

- Começo a ver que é muito mais profundo do que eu imaginava no princípio.

- É Guardiã, venha conosco e vocẽ entenderá melhor.

Eu o segui depois de saudarmos aos outros membros da reuniã. Levaram-me a uma biblioteca enorme. Os corredores nã tinham mais fim. A quantidade de livros era tamanha que toda a eternidade nã seria suficiente para ler a todos eles.

-Fantástico! - falei eu - Como conseguiram acumular tantos livros?

- Os milênios fizeram isto. Aqui é somente um dos centros de estudo do Grande Oriente Luminoso. Vou pedir alguns livros para vocẽ, Guardiã. Neles vocẽ poderá tirar todas as suas dũvidas. Uma moça veio ao nosso encontro. Apõs a saudação comum àquele lugar, o Cavaleiro pediu sete livros a jovem. Ela sumiu em um dos corredores e pouco depois voltava com os livros. Eram enormes, ela mal podia com eles.

- Aqui estã, Cavaleiro da Estrela da Guia. Ficarã aos seus cuidados até retornarem aos seus lugares, na biblioteca. Este outro aqui é um presente para o seu amigo - e ela estendeu-me um livro dourado. Era uma condensação da história do Grande Oriente.

- Vou ler primeiro este, Cavaleiro. Quero saber onde me meti desta vez.

- Garanto que vai gostar, Guardiã. Quanto aos outros, cada qual tem um símbolo na capa e um nome. Espero que os compreenda no todo e nas partes, só assim saberá se situar à esquerda da linha de lei.

- Vou estudá-los com atenção. Quando tiver entendido, eu os devolvarei a vocẽ. Onde poderei encontrá-lo?

- Ainda nos veremos muitas vezes, Guardiã. Vamos agora?

- Sim, minha princesa deve estar preocupada com minha ausência. Já íamos saindo do grande recinto, quando vi alguém que não me era estranho. Foi num relance que a vi e isto me deixou confuso.

- O que houve, Guardiã?

- Não foi nada não, Cavaleiro. Tive a impressão de ter visto uma conhecida minha.

- Quer vê-la? Eu o levo até ela.

- Vamos, mas não fale que sou o barão, está bem?

- Sim, respeitarei sua vontade. Fomos até onde estava a mulher. Era uma freira.

- Madre, quero apresentar-lhe o novo membro do Grande Oriente Luminoso. É o Guardiã da Meia-Noite.

- Muito prazer senhor, sou a madre Beatriz.

- Estou honrado por conhecê-la, madre. Se precisar de minha ajuda, é só falar com o Cavaleiro, e ele ordenará o que devo fazer.

- Vejo que quer aprender, senhor...

- Exu da Meia-Noite. É assim que fui denominado pelo senhor Abaluaê, e assim quero ser chamado.

- Então, senhor Meia-Noite, vejo que quer aprender.

- Sim, somente um tolo fica parado no tempo, madre. Vejo que a senhora também gosta de aprender.

- É o que mais gosto de fazer. Procuro me aperfeiçoar com as boas leituras. Pena que tenho pouco tempo para isto.

- Não mora aqui?

- Eu!? Imagine só! Não, senhor Guardiã. Eu venho aqui muito raramente. Trabalho na crosta terrestre. É lá que passo a maior parte do tempo. E o senhor onde mora?

- Não gostaria de saber, madre.

- Eu sou muito curiosa, e tento compreender a tudo, embora isto nem sempre seja possível. Estou curiosa, senhor Guardiã.

- Eu habito os subterrâneos de um castelo na Europa. Mas posso dizer com toda certeza que habito o sétimo plano descendente. É ali que tenho minha força e meu reino, e é também ali que sou chamado de o Guardiã da Meia-Noite.

- Ainda é muito complicado para mim, senhor.

- Não vê minha aparência?

- Sim, eu vejo, mas não compreendo.

- É tudo uma questão de saber o porque das coisas, e isto é o mais difícil para todos.

- Assim mesmo fico contente por ter se tornado mais um membro do Grande Oriente Luminoso. O tempo poderá me ensinar como entender a tudo isto creio eu.

- Também espero entender a muitas coisas que até hoje me atormentam. Foi um prazer conhece-la madre Beatriz. Se precisar de meus serviços o Cavaleiro da Estrela da Guia saberá onde me encontrar.

- Também gostei de conhecê-lo, senhor Guardiã. E a primeira vez que falo com alguém como o senhor. Nunca tinha visto um demo...,

digo um guardião.

- Sim, é isto mesmo Madre. Sou um demônio, não escondo que sou e nem, me envergonho disto. Posso não gostar de ser o que sou, mas não nego nem escondo isto de ninguém.

- É uma escolha sua. Agora peço licença para ir buscar meus livros - falou ela, meio sem jeito.

- Até outro encontro, Madre. Lembre-se de minha oferta de auxílio.

- Lembrarei, senhor guardião.

Eu olhei para os outros e saímos. Quando já estávamos longe o Cavaleiro perguntou-me:

- E então Guardiã, era a sua conhecida?

- Adiantaria tentar mentir?

Os outros dois Guardiões deram uma sonora gargalhada. O Cavaleiro também sorriu.

- Não, acho que não adiantaria, estou vendo isto em seus rostos. Sim, Cavaleiro era ela mesmo. Não mudou muito só esta mais madura.

- Você ainda gosta dela, Guardiã?

- Não, apenas devo algo a ela que nunca poderei pagar. Conhecem a nossa história?

O Guardiã das Sete Portas falou:

- Não companheiro, e nem quero ouvi-la. Não fica bem para um guardião como você começar a chorar por causa do passado, não é mesmo?- e deu outra gargalhada.

- Acho que não, Guardiã das Sete Portas. O que não diriam os meus escravos nas Trevas se soubessem que mesmo eu, tenho uma magoa a ocultar perante todos? O Cavaleiro também falou:

- Pois saiba, Guardiã da Meia –Noite que foi sua magoa que o conduziu ate nós.

- Será que ela me reconheceu?

- Duvido companheiro. Como ela iria ver o velho barão numa caveira horrível como você? -

Falou o Guardiã dos Caminhos.

- É isto mesmo, ela estava assustada com nossa presença, companheiro - falou o outro guardião.

- O que pode me disser, Cavaleiro?

- Ela não o reconheceu. Você estava emocionado e ela assustada. Se não fosse minha presença, creio que ela teria saído da biblioteca em disparada.

- Agora compreendo porque sou tão temido, companheiros. Acho que assustamos mais pela aparência que pelo poder- eu também dei uma gargalhada.

Afinal para que chorar as magoas se as trevas serviam justamente para ocultá-las. Ao chegarmos à saída, devolvemos os colares para o ancião que os guardou novamente. Quando já estávamos na saída do grande templo, um cavaleiro com lança e armadura antiga aproximou-se de nós.

- Guardiã da Meia-Noite, este é o senhor Ogum Megê. No símbolo da espada você saberá como ele trabalha com o senhor Abaluaê.

Logo um igual a ele, pois são milhares, o procurará e o instruirá nos mistérios que envolvem o campo santo.

- Todos eles são iguais?

- Sim, mas aquele que o procurar terá um símbolo quase igual ao de sua capa, apenas que voltado para a Luz.

- Esta certo Cavaleiro, vou me lembrar disto. Até à vista!

- Até a vista, Guardiã da Meia-Noite!

Eu e os outros guardiões partimos. Instantes depois já estávamos no meu castelo. Fiz-lhes tantas perguntas quantas achei necessário. A todas, eles me esclareceram minuciosamente.

CONHECENDO GUARDIÕES

OUTROS

Lentamente fui tomando conhecimento da grandeza do Grande Oriente. Abrangia o planeta todo e influía em todas as religiões. Havia muitos guardiões na Luz e nas Trevas. Fiquei sabendo dos outros membros da assembléia que pertenciam a ele.

- De fato companheiros, eu nada sei ainda. Estava enganado quando pensava que os livros negros haviam me ensinado tudo.

- Nós também lemos os livros negros companheiro, mas isto foi há milênios atrás. De lá para cá nada mudou, o mundo continua o mesmo: uns subindo, outros descendo e todos evoluindo.

- Nem todos, Tranca Tudo. De vez em quando alguém some na Luz ou desaparece das Trevas.

- Sim, isto também, Sete Portas, mas também isto é normal no mundo.

- É, você tem razão companheiro, nada mudou nos últimos milênios.

- Mas, digam-me companheiros. Como após tantos séculos servindo ao Grande Oriente vocês não se iluminaram?

- Eu gosto do jeito que sou, Guardiã da Meia-Noite. Sou muito mais útil à Lei assim. Eu poderia ter mudado minha forma e conquistado a Luz, mas achei melhor continuar como um guardião dos caminhos, pois a Lei precisa de mim para colocar um freio naqueles que ousam ultrapassar os seu limites. Caso eu mude meu estado e queira caminhar na Luz, terei que começar tudo de novo e deixarei os guardiões da Lei sem um bom auxiliar. Então, resolvi continuar

no meu reino. De lá sirvo a lei do carma e aos seus executores, podendo ao mesmo tempo ajudar a todos que um dia eu prejudiquei.

- Isto é muito digno, Guardiã dos Caminhos. Somente um ente poderoso e esclarecido poderia compreender isto, os pequenos não o entenderiam.

- Para que conseguir isto deles? Irei perder meu tempo e o deles também.

Os pequenos se conformam com as coisas simples. Coisas mais complicadas só os confundem. Então, é melhor que não nos compreendam mas que nos temam, assim se conduzirão melhor.

- Vejo que tenho muito que aprender com vocês, companheiros.

- O tempo o ensinará, Guardiã da Meia-Noite.

- Assim espero. Agora eu os convido a irem a uma festa.

- Onde é a festa?

- Em uma mansão próxima daqui. Lá a bebida é farta e poderemos saciar nossa sede.

- Eu aceito, mas só se puder levar minhas meninas - falou o Guardiã dos Caminhos.

- E eu se puder levar meus auxiliares - falou o Guardiã das Sete Portas.

- Então chamem-nos e iremos até lá!

Pouco depois o castelo ficou cheio de gente das Trevas.

O Guardião dos Caminhos tinha uma falange de belas mulheres. Eu perguntei o porque daquilo.

- Eu tenho os escravos também, mas quando vou me divertir levo somente elas. Quanto a eles, que procurem diversão por conta própria.

- Mas para que tantas mulheres?

- Eu tomo conta delas e isto é o que importa. É meu modo de ser não o mudo nunca.

- Entendo. Não vou querer saber mais nada.

- Assim é melhor, companheiro. Também não quero saber porque você manda para a Luz tantas mulheres quanto pode. Assim como você acha um absurdo alguém ter tantas mulheres ao seu lado, eu acho um desperdício mandar tantas para a Luz.

- Cada um de nós tem um modo de ser, não? O que você foi na sua ultima encarnação, Guardião dos Caminhos?

- Fui um soberano persa. Isto foi há séculos atrás, acho que uns três milênios.

- Agora entendo. Isto ai é o seu harém, não?

- Acertou. Como eu disse, o mundo não muda nunca.

- Chega de conversa fiada, vamos ou não para a tal festa, barão? - falou o Guardião das Sete Portas.

- Vamos companheiros!

E fomos a tal festa que estava desanimada até nossa chegada. Mas logo tudo mudou e assim nós saciamos nossa sede de boas

bebidas e outras coisas mais que não vou lhe falar. Minha princesa estava curiosa para saber o que eu havia feito na minha ausência do castelo. Contei-lhe tudo quando voltamos ao castelo.

- Quando você voltar lá outra vez, leve-me junto.

- Eu a levarei, Princesa. Você irá descobrir coisas que nem imagina.

- Estou curiosa de mais.

- Pois eu vou começar a ler os livros que me foram emprestados. Se quiser pode lê-los também.

- Posso mesmo? Não irão achar ruim?

- Creio que não, acho até que esperam isto de você.

- E a assembléia? Como fica agora?

- Nada muda. Lá existe milhares iguais a mim, todos marcados pela Lei. Já sei como reconhece-los. Um não interfere com o outro. Penso que somos todos instrumento do Criador invisível.

- Já está filosofando, Professor da Meia-Noite.- e começou a sorrir.

Eu também sorri. De fato eu já estava ultrapassando os limites do inferno.

- Sabia que falei com minha antiga esposa?

- Não diga! E como isto foi possível?

- Eu a vi na grande biblioteca do Grande Oriente.

- O que falaram? Discutiram as diferenças do passado?

- Não. Ela não me reconheceu como barão. Viu uma caveira horripilante.

- E você não se apresentou?

- Não tive coragem. Acho que isto é um passado dolorido demais e eu não quis mexer na ferida.

- Pois acho que deveria ter falado quem era você.

- Não, você está errada, Princesa. Ela me parece muito equilibrada como freira. Acho que assim se realiza como mulher.

- Não senti amor por ela?

- Está com ciúmes, Princesa?

- Um pouco, meu barão.

- Pois eu não senti amor por ela. Só sinto não poder pedir o seu perdão.

- Quem sabe um dia você possa fazer isto.

- É melhor não mexer no passado. Ele não foi bom e eu prefiro assim.

- Você é quem sabe...

Nada mais falamos sobre o assunto. Eu estudei a fundo os livros e minha princesa também o fez. Em pouco tempo, eu já conhecia muito mais que tudo que eu havia aprendido até então. Coincidência ou não, quando já havia aprendido tudo e gostaria de receber a visita do Cavaleiro da Estrela da Guia, ele chegou ao castelo. Para ele não havia barreiras. Foi logo conduzido até onde eu estava.

Vinha acompanhado de um outro cavaleiro: era um dos Ogum Megê que ele havia me mostrado. Perguntou-me sobre os livros:

- O que achou deles, Guardiã?

- Responderam a tudo que eu queria saber, Cavaleiro.

- A que conclusões chegou?

- Esta tudo de acordo e eu os absorvi por completo.

- Acho que poderá cumprir à risca seus ensinamentos?

- Sim, não me será muito difícil.

- E poderá dentro das limitações, aplicar as deduções deles às suas?

- Farei isto na medida do possível, Cavaleiro. Minha princesa também os estudou. Achei que não havia mal nisto, não?

- Fez o mais correto, Guardiã, assim ela poderá aplicá-las também. O que acha, Princesa?

- O que o barão fizer, eu faço. Se bom para nós muito bem, se for mal também muito bem.

- Admiro sua lealdade para com ele, isto é raro nas Trevas.

- Ele foi o único que me ajudou sem nada pedir em troca, é por isto que eu gosto dele. Enquanto ele me quiser como companhia eu estarei ao seu lado.

- Gostaria de conhecer o Grande Oriente, Princesa?

- Isto é possível para alguém como eu?

- No que é diferente das outras mulheres, Princesa?

- Eu sou um ser das Trevas. Na carne fui uma mulher vadia ou uma prostituta como preferir. Vendi meu corpo, fiz abortos e tirei a oportunidade de virem à carne alguns espíritos. Enfim, fugi ao meu dever de mulher. Como posso ser igual às outras?

- Sabia realmente o que fazia?

- Sim, pois era muito bonita e mexia com os homens. Não continha os meus desejos e vendia meu corpo. Não sabia o erro que cometia e que teria que pagar, mas sabia o que fazia.

- Hoje com o que sabe cometeria o mesmo erro?

- Não. Tanto isto é verdade que com o auxílio do barão, temos amparado a muitas que cometeram o mesmo erro.

- Pois isto quer dizer que aprendeu sua lição, não?

- Sim, Cavaleiro eu aprendi, mas paguei um alto preço por ela.

Hoje não tenho coragem de procurar meus pais, irmãos e irmãs, pois estou nas Trevas. Não ouvi seus conselhos e por isto sofro muito. Sofri na carne e em espírito sofri muito mais. Se não fosse pelo barão hoje eu estaria reduzida a nada. Posso ver o castelo em que ficaram aquelas que não tiveram a mesmo sorte que eu.

- Pois não pense que é diferente de outras mulheres, Princesa apenas se julga assim. Você tem um grau muito alto. Caso queira, o Grande Oriente Luminoso a acolherá como mais uma de suas servidoras.

- Pode fazer isto por mim sem me separar do barão?

- Vejo que gosta muito dele, Princesa.

- Eu gosto, Cavaleiro. Ao lado dele sou tratada como uma princesa, ainda que não o seja. Longe dele nada sou. É o único que me compreende e a quem eu também compreendo. Mesmo nas Trevas, há o amor.

- Isto é muito bom, Princesa. Eu não os separarei caso aceite ser uma servidora do Grande Oriente Luminoso.

- Então eu aceito, Cavaleiro. Diga quando e eu o acompanharei.

- Virei buscá-la em sete dias, Princesa. É o tempo que preciso para resolver outros assuntos urgentes.

- Quem é você afinal, Cavaleiro da Estrela da Guia?

- Eu sou alguém igual a vocês. Procuro ajudar a quem vejo que merece e combato aqueles que agem contra a Lei. Apenas isso, Princesa.

- É um nobre de verdade.

- Quem terá sido este nobre um dia, Princesa? Não terá por acaso o nobre de hoje estado nas Trevas um dia, no passado?

- Isto somente você o saberá, não?

- Sim, eu e os que me estenderam a mão amiga, que me ajudaram a me levantar. Por isso digo que não somos diferentes, apenas estamos de lados diferentes.

- Sabe como cativar alguém, Cavaleiro.

- Só uso o dom da razão, Princesa. Para mim isto é muito importante. Onde impera a razão, não existe a marca da dúvida.

- Não vou mais tomar o seu tempo, Cavaleiro, pois deve ter coisas mais importantes a fazer do que conversar com um ser das Trevas.

- Pois saiba que eu não considero perda de tempo nossa conversa, Princesa. Vou fazer minhas obrigações muito mais feliz agora.

- Fico feliz também, Cavaleiro. É o segundo a me tratar com dignidade e é o primeiro ser da Luz a falar comigo. Isto me torna menos infeliz pelos meus erros.

- O tempo a tudo conserta, Princesa. Com o tempo podemos reparar a tudo, basta para isto começarmos e você já começou. Agora, peço que fiquem com o senhor Ogum Megê. Ele os conduzirá à linha de lei onde o barão receberá instruções. Até a vista, amigos! O Cavaleiro partiu e levou consigo os livros. Nós acompanhamos ao outro cavaleiro, Ogum Megê. Fui levado para um local até então nunca visto por mim. Era um cruzeiro, um imenso cruzeiro cercado por sete cruzeiros menores. Eu tornei a ver o senhor Abaluaê. Encontrei também muitos outros guardiões das Trevas com suas respectivas falanges. Eram todos muito poderosos. Eu os conhecia muito bem. Vi também os guardiões da linha africana.

Foi-me ordenado que trouxesse toda a minha falange. Vou dizer-lhe como tudo se passou, aí você entenderá melhor o que é um cemitério. O maioral do campo santo me chamou:

- Exu da Meia-Noite, venha até aqui.

Pois não, Maioral. O que deseja de mim?

- Traga todos os seus até aqui. Eu os trouxe num segundo. Muitos nem perceberam onde estavam, só quando viram o maioral dos cemitérios é que despertaram.

- Minha legião está toda aqui, Maioral.

- Para todos vocês, sou o Tatá Omulum a partir de agora.

- Sim senhor. Nós o aceitamos como nosso maioral, a partir de hoje.

Exu da Meia-Noite, de agora em diante sua cor é a nossa, a preta e a branca. Integrarão as hostes à esquerda do Senhor dos Mortos; servirão na sétima linha da Quimbanda e acatarão aos orixás. Serão requisitados para a guarda do cruzeiro sagrado e não sairão mais desta linha de ação. Serão guiados pelos fundamentos da sétima linha de força dos orixás e seguirão os senhores do carma. Aqueles que se desviarem, serão responsáveis pelos seus atos e não contarão com o amparo da linha de lei. Só sairão do seu campo de ação quando forem chamados. Não poderão intervir na vida dos mortais, se não for pela magia negra ou pela sétima linha da Quimbanda. Quando surgir uma oportunidade serão usados pelos guardiões da Lei.

Quando isto acontecer terão que honrar sua linha de atuação e o ponto individual que derivará do ponto do guardião. Cada chefe de falange estará submetido ao comando do chefe da legião. Agirão de acordo com a linha a que pertencem e poderão conquistar servidores para sua linha no astral inferior. Seu ponto será à esquerda do cruzeiro central. E falou ainda outras coisas que não posso revelar. Quando terminou de falar, as forças do Guardiã da Meia-Noite estavam integrados à sétima linha de lei. Eu era o chefe desta linha. Eu era o chefe da vigésima primeira linha de ação do maioral do campo santo. Não é como dizem, a primeira ou a segunda, mas a vigésima primeira. Sob o meu comando ela se expandiu tanto que chegou a ser uma das maiores do campo santo. Eu exigia o máximo dos meus. Isto foi conseguido em pouco mais de setenta anos. Pode parecer estranho tudo isto, mas fui um eficiente guardião desde o começo de minha ascensão a esse posto. Por tudo isto, sou um dos mais poderosos exus que existem. Mas voltado ao cruzeiro, fui designado para servir à linha de lei. No princípio, tudo foi fácil, pois não era como ser invocado pelos magos

negros que tinham um outro tipo de comportamento em relação a nós, os guardiões das Trevas. Não! Ali tudo era diferente. Os orixás impunham sua ação sobre nós, os exus. Com o tempo, fomos nos habituando à linha de lei do carma da sétima linha de força. No começo do século xx, surgiu um grande movimento religioso no astral e os orixás se derramaram por todos os lugares. Era a árvore africana dando os seus frutos. Milhares de espíritos de negros reencarnavam em corpos brancos e traziam no subconsciente a última encarnação regida pelos orixás do panteão africano.

A tudo isto eu aceitava. Conhecia e aceitava. Todas as sete linhas de lei foram postas em ação. Tanto à esquerda como a direita, moviam-se de uma forma incontrollável. O dom da mediunidade explodia em todos os lugares surgia em meios até então inimagináveis. E tudo o que era tabu começou a cair. Surgiram pequenos centros em vários lugares, todos amparados pelas sete linhas de lei, ou seja, pelos orixás maiores. Todas as linhas de força das Trevas foram requisitadas pelos seus maiorais. A minha também foi. Tudo que havíamos feito até então, havia sido apenas uma preparação para o movimento das linhas de lei. Tudo havia sido orientado pelos orixás maiores e estava sendo posto em execução pelos menores. A nossa linha, a sétima tanto à direita como à esquerda, saiu em campo. A minha linha em particular era poderosa e eu saí na frente de muitos outros guardiões.

A lei do carma abriu as portas para o reajuste de milhões de almas e isto era do conhecimento dos guardiões dos pontos de força das Trevas. Minha legião foi se fracionando em sete, vinte e um, quarenta e nove ou setenta e sete exus. Acompanhariam os futuros mediadores entre os dois planos, através do dom do oráculo. Era o nascimento do ritual da Umbanda no Brasil. Um movimento místico religioso comandado pelos vinte e um guardiões dos mistérios maiores. Ninguém pôde conte-lo nem a lei dos homens nem os homens dos outros rituais. Sua expansão assustava a todos, mas era subterrânea. Não tinha estrelas visíveis, pois absorvia a muitos de

todos os níveis e isto não podia ser coordenado. Os orixás se derramavam para trazer um pouco de luz em meio a tanta ignorância a respeito dos mistérios sagrados. Era a volta triunfal da lei Maior sobre a lei das igrejas que se tornavam materialistas. A Umbanda lançava sua rede em um mar revolto por espíritos que não se encontravam com o culto estabelecido. Esses espíritos eram de antigos iniciados de místicos e adeptos do culto africano. O ritual estabelecido já não tinha respostas para tantos e ao mesmo tempo, e estas só eram dadas nos pequenos terreiros ou tendas.

O Candomblé estabelecido não agradava aos orixás maiores, pois estava eivado de coisas misteriosas. Queriam uma coisa mais simples e que fosse popular também. Enganam-se aqueles que pensam que há diferença entre os orixás. Um mediador de Umbanda tem orixás iguais aos mediadores do Candomblé. Há apenas uma diferença: tem maior liberdade de ação e não precisam de tantos rituais para servirem aos orixás maiores. Deles, pouco é exigido em relação aos rituais, pois tem que se envolver em muitas frentes ao mesmo tempo e ainda tem que absorver a todos os que surgem à sua frente. Mas os orixás são os mesmos.

As diferenças existem na cabeça dos homens. Por isso, existem certas diferenças entre os dois rituais de origem africana. Nós, os exus, começamos a ser aceitos como parte do Todo. Não éramos mais discriminados. Aqueles que evoluíam muito rápido, foram aceitos em novas sublinhas de ação dentro das sete linhas de força. Eram degraus de ascensão para os mais esforçados e esclarecidos. O objetivo tinha sido alcançado. Da minha linha a dos meia-noite, milhares e milhares de espíritos caídos mas não esquecidos pela Lei, saldaram seus débitos e adquiriram créditos imensos. Ainda hoje, dividem estes créditos com os endividados.

Quando notei que ele tinha fugido à sua história eu o interpelei:

- Está certo, meu amigo, mas e quanto à sua história.

- Minha história? Sim, eu a interrompi um pouco para lhe mostrar que, na verdade, não guiamos, mas somos guiados. Eu comecei a montar guarda em vários templos de Umbanda, comecei a conviver com a linha das almas, a linha exclusiva dos negros.

- Diga-me amigo, por que esta linha, a das almas, é dedicada aos negros?

- É uma escolha dos orixás maiores para aqueles que se purificaram no cativo e souberam conservar o seu culto, quando aqueles que se diziam filhos do Cristo, o crucificado, derramavam seu sangue e suas lágrimas apenas para acumular riquezas. Eu mesmo, como um poderoso barão, acumulei riquezas à custa deles. Já lhe falei sobre isto.

- Sim lembro-me disso. Então, os caboclos também são uma homenagem aos índios, não?

- Sim. Foi uma decisão dos orixás maiores também.

Os índios eram os donos desta terra e foram mortos, expulsos ou escravizados pelos brancos que aqui aportavam. Os escravos ou os índios ignorantes de antes, são os donos das duas linhas mais poderosas do ritual de Umbanda.

Sim amigo, a linha dos caboclos e a dos pretos velhos. Isto só os engrandece e os homenageia diante do Criador. Pois saiba que muitos dos famosos exus que hoje baixam nas tendas de Umbanda, são os senhores de ontem, lançados nas Trevas pela Lei. Eu sou um exemplo disto e é através do auxílio que as linhas de força conseguem resgatar o passado negro, oculto por formas estranhas ao olho comum. Somos todos devedores dos negros e dos índios, meu amigo.

- Qual foi sua reação quando teve que ajudar aos negros da linha das almas?

- No princípio ficava no meu ponto de força e mandava os subchefes.

Um dia isto em 1920, um negro bem idoso, mas bastante iluminado, acompanhando o Cavaleiro da Estrela da Guia em suas andanças pelo astral inferior, foi me visitar.

- Como vai Guardiã?

- Como sempre, Cavaleiro, nada muda no inferno.

- Pois saiba que na terra muita coisa está mudando. Não gostaria de voltar a vê-la?

- Acho que não, Cavaleiro. Aqui no meu ponto de força eu estou sossegado. Tenho alguns problemas, mas nada grave. Além do mais, o que eu iria fazer na crosta?

- Ajudar o velho João de Mina, Guardiã. Ele vem desenvolvendo um grande trabalho e sua presença na tenda que ele dirige dissuadiria os entes infernais que tentam impedi-lo de realizar tal missão.

- Porque tentam impedi-lo?

- Ele está retirando do domínio das Trevas muitas almas. Isto tem enfurecido alguns dos maiores entes infernais.

- Isto está se tornando mais comum, não Cavaleiro?

- Porque diz isto?

- Eu tenho ouvido certos comentários na assembléia. Não são nada animadores para a Umbanda e os mestres da Luz.
- O que dizem, Guardião?
- Quer saber mesmo, Cavaleiro?
- Sim. É muito importante saber disto.
- Gostaria de conhecer a assembléia?
- Como poderíamos entrar nela?
- Eu os guiarei. Estarão sob minha proteção e ninguém os tocará, mas terão que apagar sua luz.
- Isto é fácil. Poderemos plasmar a forma que quisermos e iremos como caveiras iguais a você, Guardião.
- Voltem em três dias, vai haver uma reunião importante e poderão assisti-la comigo.
- Estaremos aqui em três dias, Guardião.

A GRANDE TRAIÇÃO

Eu fiquei pensativo. Aquilo era arriscado, mas seria bom eles conhecerem a assembléia. Veriam como era difícil sobreviver naquele meio. Levaria uma escolta poderosa para qualquer emergência. Três dias depois, eles estavam de volta ao meu ponto de força nas Trevas. Plasmaram a forma de caveiras e vestiram mantos negros. Dei-lhes armas iguais as dos meus escoltas. Não se diferenciavam dos meus em nada.

- Mantenham-se em silencio e não serão notados.

- Está certo, Guardiã. Não criaremos problema. Manteremos absoluto silêncio mental e assim não seremos ouvidos.

- Então vamos!

À medida que descíamos, eles sentiam a diferença de vibração. Eu os observava, pois não queria que lhes acontecesse algo. Diante do portal da assembléia eu ainda perguntei se queriam voltar.

- Não, Guardiã. Resistiremos a esta vibração medonha. Só estamos um pouco arqueados, apenas isso.

- Pois saibam que até se parecem com seres das Trevas, mas lá dentro será pior. Se eu notar que não vão agüentar, tiro-os de lá em segundos.

- Vamos companheiros!

Descemos até a assembléia. Era uma das maiores reuniões que eu já havia visto. Parecia que todo o inferno estava ali reunido, tal a quantidade de seres infernais, os mais poderosos possível. Aquela reunião não me parecia normal. Enfim, era a assembléia dos entes

das Trevas. Tudo transcorria normalmente, ou seja, as reclamações de sempre contra os entes da Luz. Em dado momento, um ar fétido e peçonhento começou a invadir o lugar. Eu, um guardião das Trevas, comecei a me sentir mal. Olhei para o Cavaleiro e seu amigo que estavam sufocados pela bruma peçonhenta que tomava conta do ambiente. Fui até eles para pegá-los e sair dali, mas nem eu, um guardião das Trevas consegui me volatizar no espaço. Estava paralisado no solo. Temi pela sorte dos dois, afinal fui eu quem os havia convidado. Logo a assembléia foi invadida pela descomunal serpente negra. Era o Príncipe das Trevas que vinha até nós pessoalmente. Até este dia eu o vira somente algumas vezes e mesmo assim à distância. Todos recuaram e se espremeram para não serem esmagados Por ele. Quem ficasse na sua frente seria fulminado por sua peçonha: onde pingava o veneno de suas presas, saía uma fumaça com um odor de enxofre horrível. Eu estava gelado! Acredite se quiser, não conseguia me mover. Não sei qual é a sensação de um ser da Luz quando fica próximo do regente da Luz, mas esta era a sensação que eu sentia na presença do regente das Trevas. A serpente negra posicionou-se e virou sua boca medonha na minha direção. Terror é pouco para definir o que eu sentia. Mal conseguia falar.

- Eu o quero, Guardiã da Meia-Noite.

Não entendi a quem ele se referia.

- Eu disse que o quero, miserável. Dê-me, pois sei que ele está com você.

- Quem, Mestre? - balbuciei aterrorizado.

- O Cavaleiro da Estrela da Guia.

- Eu não o tenho, Mestre das Trevas.

Nisto um outro ser das Trevas falou:

- Ele o tem sim, Príncipe das Trevas. Eu vi quando eles plasmaram a forma de caveira.

- Mentira! - exclamei eu.

- Não é mentira, Guardiã da Meia-Noite. Onde está ele?

- Eu não sei, Grande Príncipe.

O que havia falado antes tornou a falar.

- É aquele ali, Príncipe das Trevas. Olhe ele caído no chão, não está acostumado com a vibração das Trevas.

- Dê-me ele, Guardiã da Meia-Noite. Eu ordeno isto a você.

- Eu vou em seu lugar, Grande Príncipe - falei.

- Eu não quero a quem já é meu, quero a ele.

- Leve-me e eu o seguirei sem reclamar, Príncipe. Fui eu quem o convidou a conhecer a assembléia. Portanto sou o culpado de ele estar aqui. Castigue somente a mim.

- Eu quero o Cavaleiro da Estrela da Guia que o acompanha, Guardiã da Meia-Noite. Se insistir eu também o levarei para conhecer do meu reino.

- Diga-me: por que o quer tanto, Príncipe das Trevas?

- Ele me desafiou há milênios atrás, por isso eu o quero. Agora o idiota veio até mim. Vou provar-lhe minha força e meu poder.

- Deve ter sido uma loucura qualquer.

- Não foi loucura, Guardiã. Ele acabou com os meus seguidores. Eu não o esqueci e agora vou mostrar-lhe meu poder.

O outro ente das Trevas parecia à vontade e falou:

- Por que protege um ente da Luz, Guardiã da Meia-Noite?

- Eu o convidei e não posso deixá-lo sofrer por um erro meu.

- Pois eu sofri por um erro seu, Guardiã.

- Não estou entendendo, companheiro. Nunca o prejudiquei e nem a ninguém da assembléia. Se prejudiquei a alguém, digam-me quando.

- Não foi agora, barão. Ele plasmou a sua forma de quando na carne. Eu levei um susto. Era o escravo a quem eu havia prometido liberdade em troca de sua ajuda.

- Você?

- Sim, eu mesmo, barão traidor. Pensa que me esqueci daquela noite?

- Não foi culpa minha você ter sido assassinado. Eu ia libertá-lo. Nem armado eu estava e não imaginava que aquele amigo meu estivesse. Foi tudo um grande engano.

- Sim, um engano meu por ter acreditado em sua palavra, barão. Hoje eu me vingo de sua traição entregando ao Príncipe das Trevas o seu melhor e mais leal amigo.

- Só por vingança você destrói um ser da Luz?

- É seu amigo, não? Então ele pagará por você, barão. Somente assim me sentirei vingado.

- Bela vingança, escravo maldito. Não teve coragem de me atacar antes, covarde!

- Ataca-lo não o atingiria tanto como agora. Sigo-o há décadas, barão. Queria uma vingança perfeita. Perder o único que poderia levá-lo um dia à Luz. Quer melhor vingança do que esta?

- Chega de conversa. Eu o quero agora Guardião ou o levarei também.

la respondendo que poderia me levar também quando o Cavaleiro conseguiu falar:

- Eu vou com você, ente infernal. Se é assim que quer, então leve somente a mim. Ele não o desafiou, não precisa conhecer sua força e poder. Duvido que me vença desta vez, ser infernal. E num esforço supremo, o Cavaleiro conseguiu plasmar sua forma anterior. Mesmo sufocado conseguiu falar; mesmo paralisado conseguiu plasmar sua forma original e tirar a veste negra. Eu vi naquela hora que não tinham luz alguma os símbolos gravados em seu corpo astral. Era um guardião da Luz. Eu fui em sua direção mas ele levantou a mão e conseguiu dizer:

- Afaste-se de mim, Guardião da Meia-Noite. Volte para sua princesa, pois ela está caída no solo. Eu olhei para onde estava ela e vi que realmente estava desacordada no solo. Com dificuldade fui até ela. Nisto, o Cavaleiro falou:

- Prove-me sua força e poder, maldito ente infernal. Mostre-me do que você é capaz, ser imundo. Jamais me vencerá, ainda que se passem outros sete milênios. Ele estava ajoelhado. Havia conseguido erguer-se do solo e teria em pé se uma porção de cobras não avançassem em sua direção, a uma ordem do Príncipe das Trevas. Eu fiquei paralisado e horrorizado com o que vi. Elas o

envolveram e cravaram suas imensas presas em seu corpo. Ele deu um urro de dor e gritou:

- Deus, me ajude pelo seu amor e generosidade! Tombou todo envolto pelas serpentes que o picavam incessantemente. Ainda ouvi-o repetir várias vezes à frase “Deus me Ajude”, até ser envolvido por uma espessa nuvem negra que saiu da boca da grande serpente negra. Uma rede o envolveu depois foi arrastado atrás da grande serpente que ainda falou:

- Isto é o que acontece a quem me desafia.

Assim como chegou, partiu. O odor fétido e peçonhento foi sumindo à medida que ele se afastava. Mal me recuperei, fui socorrer o companheiro do Cavaleiro e à minha princesa. O silêncio reinava absoluto pela primeira vez na assembléia. Assim que consegui, saí dali tão rapidamente que os outros nem notaram minha saída. Nunca mais voltei à assembléia apesar de já ter recebido inúmeros convites. Quando chegamos à crosta, o amigo do Cavaleiro começou a se recuperar. Voltou à sua forma original, mas havia perdido quase toda a sua luz, estava muito fraco.

- Vou levá-lo a um lugar melhor, amigo, assim poderá se recuperar.

- Não é preciso, Guardiã, eu só preciso ficar sozinho por algum tempo. Afastamo-nos dele e à distância eu o vi orar aos céus. Pouco depois uma luz vinda do alto jorrou sobre ele. Em pouco tempo estava iluminado novamente. Aproximou-se de mim com lágrimas nos olhos e ainda chorando, falou:

- Não se preocupe, Guardiã, nós o libertaremos se ele suportar o horror que irá passar.

- Entenda o que digo, amigo, ele não resistirá ao poder do Príncipe das Trevas.

- Só ele sabe se é possível ou não resistir ao horror, mas nós não descansaremos enquanto não o libertarmos.

- Eu fui o culpado por tudo, amigo. Eu é quem deveria ter ido em seu lugar, pois o escravo queria se vingar de mim, não dele.

- Mas o Príncipe das Trevas queria vingar-se dele e não de você, Guardiã. O que está feito está feito, não se culpe. Você foi só um instrumento do Príncipe das trevas.

- Não voltarei mais à assembléia, amigo.

- Se assim o fizer não poderemos saber o que tramam os seres infernais.

- Outros que informem, pois eu não voltarei mais àquele lugar. Fui traído! Ninguém nunca foi incomodado durante suas visitas à assembléia. Esta foi à primeira vez desde que eu a frequento.

- Não vou pedir-lhe isto, Guardiã, mas não desafie o Príncipe das Trevas por causa do Cavaleiro da Estrela da Guia, pois não foi culpa sua. Nós cuidaremos de libertá-lo.

- Ele havia me pedido para ajudá-lo, amigo. Eu o acompanharei quando quiser.

- Eu agradeço sua ajuda, Guardiã, assim terei mais tempo para procurar pelo Cavaleiro.

- Da guarda de sua tenda eu cuido. O maldito que ousar chegar até ela com más intenções eu o degolarei, senhor João de Mina.

- Não precisa ser cruel, Guardiã. Não se combate e vence o mal com o mal, mas com o bem. Esta terá que ser a arma de luta do Cavaleiro da Estrela da Guia se quiser vencer ao Príncipe das Trevas.

- Eu já fui torturado no umbral e não resisti, meu amigo.
- Mas você tinha sua consciência contra você, ele não a tem. Por isto, acredito que ele resistirá.
- Quem era ele, amigo?
- Era um mestre da Luz e um mago das três cruzes. Já foi provado outras vezes e sempre venceu. Quero crer que vencerá esta também. Venha comigo, Guardiã e conhecerá o lugar onde procuro ajudar os que buscam a Luz.
- Eu o acompanharei, amigo. Minha princesa chorava, ele a consolou.
- Não chore, Princesa, tudo já passou.
- O Cavaleiro também passou, mesmo sendo um ser da Luz. Ele foi o único ser da Luz que conversou comigo e me deu uma esperança para o futuro. Eu tinha um ser da Luz e um ser das Trevas a me amparar. Volto a ter somente o das Trevas. Sinto-me abatida com o que aconteceu. Todos nós perdemos com o desaparecimento do Cavaleiro. Sou das trevas, mas também tenho sentimentos de amor, ser da Luz.
- Não posso tomar o lugar do Cavaleiro no seu coração e nem ocupar o seu lugar, mas sou amigo dele também, Princesa. Espero poder ser seu amigo também. Venha comigo e encontrará outros iguais a você que estão bem próximos da Luz e querem conquistá-la ainda que para isto tenham que se esforçar muito.

Ela olhou para mim, eu assenti com a cabeça em sinal de aprovação. Acompanhamos o velho ser da Luz. O tempo ia passando e nós guardávamos o seu templo. Às vezes usávamos a nossa força para desmanchar trabalhos de magia negra ou

trabalhos feitos na linha da Quimbanda, mas alguém não saía de nossa mente: era o Cavaleiro.

Comecei a juntar forças com outros guardiões da Lei nas Trevas. Agíamos na lei da causa e efeito ou na lei do retorno. Eu era ligado aos dois outros guardiões que já citei. Juntos formávamos um trio poderoso, um cobria o outro. Lealdade era o que mais prezávamos. Se alguém nos traía, acabávamos com ele ou ela, não importava quem fosse. Mais tarde, outro grande guardião se juntou a nós, foi o Guardiã das Sete Porteiras. Era leal e esforçado. Tempos depois, outro juntou-se ao grupo. Era o poderoso Exu do Fogo. E mais outro veio juntar-se ao grupo: era o primeiro dos vinte e um exus do poderoso guardião do ponto de força nas trevas do cemitério. Seu nome: Exu do Cruzeiro. O grupo tinha algo em comum: nada de

traições. Algum tempo depois, outro juntou-se aos seis: o guardião das pedreiras, o poderoso Sete Montanhas. Não cobríamos todas as linhas de força, mas éramos intocáveis. Nestes tempos, dávamos guarda a vários templos de Umbanda. Nossas falanges se desdobravam rapidamente. Trabalhávamos sob o comando dos orixás e isto nos evitava problemas maiores. A ordem era cumprir a lei do carma e nós a cumpríamos à risca. O tempo passou e não tivemos notícias do Cavaleiro da Estrela da Guia.

Um dia, um caboclo nos incumbiu da guarda de um novo templo na cidade do Rio de Janeiro. Nós cumpríamos sua ordem com muito esforço. O templo crescia a olhos vistos. Trazia muita força por isto era muito procurado por quem tinha problemas. Em consequência, sofria choques medonhos das Trevas e mesmo de outros guardiões dos pontos de força. Nós lutávamos na retaguarda até recebermos ordens de um orixá maior para que

partíssemos para o ataque. Eu não sei qual foi o mais cruel dos sete, sei apenas que enchi minhas correntes de escravos. A espada cortava de um lado e o chicote cantava do outro. Devastamos três

falsos templos de Umbanda, todos dirigidos na verdade, por magos negros que se aproveitavam das Trevas para explorar os incautos e aqueles que sofriam males muito grandes: a ignorância de como é a verdadeira Umbanda de lei. Dois dos magos negros travestidos de pais de santo foram tirados da carne. Levamos seus espíritos para um local que não vou revelar. Um, está até hoje em minha corrente. Invadimos também uma famosa roça de Candomblé dirigida por uma maga negra travestida de babá. Havia muitos seres infernais defendendo-a, mas mesmo assim, após sete dias de luta,

tiramos ela da face da terra. O Guardiã das Sete Portas, ainda hoje costuma chicoteá-la todas as vezes que ela ousa levantar a cabeça. O astral negro tremeu com nossa ação. Até os seres infernais nos temiam. À nossa chegada, todos se aquietavam. Foi neste tempo que fui convidado a voltar à assembléia. Recusei o convite. Muitos outros guardiões também se afastaram da assembléia. Outros tomavam o lugar daqueles que não mais a freqüentavam, mas não se esqueciam de mim e sempre vinha alguém à minha procura. Eu me mantive irredutível. A captura do Cavaleiro da Estrela da Guia fora uma traição.

Um dia, em uma missão com o caboclo chefe, perguntei-lhe por que era calado quando não estava incorporado no seu médium.

- Não gosto de falar muito, Guardiã.

- E por que é triste?

- Não sou triste, só calado.

- Eu posso ver a tristeza em seus olhos. Tem alguém no astral inferior?

Ele me olhou sério por um instante, mas não falou nada. Continuamos sem nada dizer. Este era o seu, modo de ser e o

melhor seria calar-me.

Quando chegamos ao lugar que pedira ajuda eu me acautelei. Era uma casa simples mas com uma placa que indicava ser um centro espírita. Estava tudo quieto no seu interior. O caboclo entrou e logo me chamou. Entrei também.

O ser da Luz que eu vi me deixou espantado. Era a minha antiga esposa, agora uma freira. Eu a saudei discretamente pois já fazia muito tempo que não a via. Melhor dizendo, eu só a vi uma vez após minha morte e tinha sido na grande biblioteca. Ela se retraiu com minha presença mas o caboclo a tranqüilizou dizendo que eu era um aliado.

- Ele não me é estranho mas não me lembro de onde o conheço.

Adiantei-me um pouco e pedi licença para falar-lhe. Sim, nós temos que pedir licença para falar a um ente de luz.

- Fale, Guardiã! –falou o caboclo.

- Eu a encontrei na grande biblioteca do Grande Oriente Luminoso há muito tempo atrás.

Não se lembra de mim, Madre?

- Agora estou reconhecendo-o, Guardiã.

E dirigindo-se ao caboclo, falou:

- Ele estava com seu filho. Ofereceu-lhe ajuda, caso eu viesse a precisar.

O caboclo nada falou mas notei que sua tristeza aumentou.

- Ainda não o acharam, Caboclo?

- Não Madre, um dia o acharemos, não se preocupe com isto. Qual é o seu problema?

- Estamos sendo atacados por forças das Trevas. Meu pai foi atingido.

- Como está ele?

- Vamos até o seu quarto e poderá ver como está.

Eles foram. Eu estava curioso mas não entrei, continuei por ali dando uma olhada. Logo descobri o que prejudicava. Achei melhor comunicar isto ao caboclo. Entrei no quarto e fiquei triste com a cena que vi. Um homem de cabelos embranquecidos estava sobre o leito. Mal conseguia respirar e a madre irradiava luz sobre sua cabeça para alivia-lo um pouco de seu sofrimento.

- Com sua licença, Caboclo mas eu achei a causa desta perturbação.

- Qual é, Guardião?

- É o Cobra Negra. Eu vi algo que lhe é peculiar: uma vasilha com veneno sob o solo da sala. Creio que embaixo da cama deve haver outro recipiente como o que há sob a sala.

- Pode elimina-los?

- Se me deixar agir à vontade, eu limpo o ambiente e depois vou falar com ele.

- Pode agir, Guardião. Eu mergulhei sob a cama e logo voltei com um vaso que emanava uma substancia negra. Era um dos muitos venenos do Cobra Negra. Fui até a sala e retirei o outro. Com os dois vasos nas mãos, desapareci. Tornei a aparecer no ponto do Cobra Negra e fui mal recebido por ele.

- O que deseja, Guardiã da Meia-Noite?
- Vim devolver-lhe isto. Acho que lhe pertence, não?
- Sim, sã meus. Uns escravos meus colocaram lá na casa daquele idiota.
- Por que, Cobra Negra?
- Fui pago por isto, Guardiã da Meia-Noite. Só faço algo se for pago e muito bem pago.
- Estou encarregado de eliminar o foco de mal-estar naquela casa e quero saber como faze-lo retirar suas forças de lá.
- Assim, sem mais nem menos?
- Não sei, isto depende de você, companheiro. O que quer para cessar com sua ação?
- Uma oferenda igual à que eu ganhei para agir.
- Isto é impossível. Lá eles só trabalham na Fé não na Lei. Temos que achar outra saída.
- Não há outra saída, Guardiã da Meia-Noite.
- Há sim, companheiro. Eu chamei os meus auxiliares mais poderosos e o ponto do Cobra Negra ficou todo cercado.
- O que pretende fazer, Guardiã?
- Aquela casa é dirigida por uma mulher muito especial para mim, Cobra Negra. Por ela eu degolo você e toda sua falange.
- Você enlouqueceu, Guardiã?

- Nunca estive tão lúcido como agora.

- Quem é a dirigente do local?

- Minha antiga esposa.

Ele deu uma gargalhada.

- E a Princesa, Guardiã? Já não liga mais para ela?

Eu puxei a minha longa espada e lê cessou a gargalhada imediatamente.

- Vamos conversar, Guardiã. Podemos nos entender de outra forma, não precisa trazer toda sua legião até aqui. Meus auxiliares continuaram chegando as centenas.

- Assim é melhor, Cobra Negra. O que me oferece para não degola-lo?

- Como? Eu tenho que dar-lhe algo ainda?

- Sim, pois estou irritado, companheiro e minha falange não vai querer voltar de mãos vazias.

- Como posso cumprir com o que me pediram se você entra no meio e ainda me cobra algo?

-Dê-me quem lhe pediu tal coisa e já estarei satisfeito.

- Vamos, vou mostrar-lhe quem foi, apesar de saber que você já sabe.

-Sim, eu já sei. Quero apenas que você vá na frente.

Assim fizemos e logo estávamos com o responsável pelo trabalho de magia negra. Eu coloquei uma falange para dar uma lição na

pessoa. Ela, a pessoa tinha o Cobra Negra como exu guardião. Agora já não o tinha mais pois ele teria que ficar quieto, enquanto os meus quebrariam-na. Destaquei um dos carrascos que serviriam para executar tal tarefa. Sabia que ele logo me daria notícias.

- Vamos Cobra Negra, você vai limpar suas irradiações daquela casa.

Fomos para lá e pouco depois ele limpava toda casa. Do subsolo da casa saíram centenas de cobras. Quando terminou eu ainda o adverti.

- Quando o carrasco largar aquele lixo humano, cuide para que não incomode mais esta casa.

- Fique tranquilo, companheiro, de lá não virá mais preocupações para esta casa.

- Devo-lhe esta, companheiro.

- Um dia desses nós acertamos, Guardiã.

Ele se foi e eu notei que o homem estava quase bom.

- Vejo que já terminei meu trabalho. Vou espera-lo lá fora, caboclo. Se precisar de mim é só chamar. A madre agradeceu-me.

- Obrigada, Guardiã. Não sabia que trabalhava tão rapidamente.

- A senhora disse que era seu pai e eu tratei do caso com mais energia.

- Sim, este homem foi meu pai no passado. Hoje eu o auxilio aqui nesta casa juntamente com outros irmãos de luz.

- Se não se incomodar, de vez em quando passarei por aqui e caso tenha algum problema eu a ajudarei.

- Novamente me oferece ajuda, Guardiã, eu lhe agradeço.

- Com sua licença.

Eu saí e fiquei de guarda até o caboclo sair também.

Quando já estávamos de volta, ele falou:

- Agora já sabe por que sou triste, não?

- Sim, eu fui o causador de tudo. Parece que o destino me marcou com ferro em brasa.

- Ele não marcou apenas a você mas a mim também.

- Sinto por seu filho. Eu tinha um grande respeito por ele.

- Eu sei disto, Guardiã. Não estou culpando-o por nada.

- Mas eu me culpo, Caboclo. Seu filho era bom, não merecia aquele fim.

- Não foi o seu fim, Guardiã, logo o teremos de volta.

- Gostaria de acreditar nisto, Caboclo mas não tenho a sua fé.

Ele não falou mais nada, eu fui para o meu lugar.

O tempo ia passando e eu vigiava a casa da madre. De vez em quando eu me mostrava a ela mas isto era raro. Quando via algo estranho rondando a casa de seu pai, eu arrastava tudo para meu ponto e acabava com o problema.

Às vezes em que me mostrava, só acenava mas não trocava palavra alguma com ela. Talvez ela já soubesse quem eu era e não queria arriscar a jogar-me no passado. Numa de minhas rápidas passagens, ela me chamou.

- Salve, Guardiã da Meia-Noite.

- Salve, Mãe, como vai a sua casa?

- Desde que você começou a ajudar-me tudo tem sido mais fácil. Acho que deveria ter aceito há muito a sua oferta de ajuda.

- Tudo tem sua hora mas nós, os entes das Trevas ligados às leis, temos algo de bom, ainda que isto possa parecer estranho: queremos ajudar à Lei.

- Podia me dizer o por que disto, Guardiã?

- Acho que procuramos mostrar à Luz que não caímos por vontade própria mas que fomos vítimas de nossa própria ignorância; ou talvez para mostrar à Luz que somos poderosos e podemos ser o seu apoio no astral inferior. Quem sabe sejamos exibicionistas e procuremos nos mostrar à Luz; mas também pode ser que tenhamos vergonha de nosso passado e queiramos um contato com a Luz apenas para não cairmos mais ainda. Acho que o contato com a Luz amortece um pouco a nossa brutalidade interior.

- Fala muito bem para um ente das Trevas, Guardiã. Vejo que não é um ignorante do saber.

- Eu o fui quando na carne mas depois aprendi muito, Mãe. Pena que não soubesse de tudo naquele tempo. Hoje eu não estaria nas Trevas.

- Porque anda sozinho, Guardiã?

- Eu não ando sozinho, Madre. Olhe minha falange, é enorme.
- Não foi isto que eu quis dizer. Outros entes das Trevas andam sempre com muitas companheiras mas eu nunca o vi acompanhado por nenhuma.
- Eu só tenho uma companheira e quando eu saio a serviço ela fica em casa tomando conta.
- Isto explica por que anda sempre só.
- Bom madre, já falamos demais, preciso ir agora.
- Eu agradeço sua ajuda, Guardião. Se todos os outros fizessem como você, haveria menos luta entre a Luz e as Trevas.
- Muitos fazem isto, madre. Conheço alguns que já auxiliam a Luz há milênios e nada exigem por isto.
- São muito nobres.
- Nobres? Não! Fazem isto para não viverem com o passado a cobrar-lhes dia e noite, seus erros. Muitos saldaram suas dívidas e passam para a Luz.
- Você nunca pensou em passar para a Luz, Guardião?
- Eu ainda não saldei dívida alguma. Sou guardião há muito pouco tempo. Talvez daqui a alguns milênios eu possa passar para a Luz.
- Foi tão grande assim o seu erro?
- Maior do que possa imaginar mas não gostaria de falar do meu passado. Quem sabe um dia eu não sinta vergonha dele.
- Eu orarei para que consiga isto no menor tempo possível.

- Não ore por mim, pois se soubesse os horrores que cometi, iria me odiar.

- O ódio já não faz morada em meu coração, Guardiã.

- Vejo que é realmente um ser de luz.

- Mas ainda sujeita a recordações do passado. É por isto que voltarei à crosta. Procuo auxiliar aqueles que precisam, para que evoluam o mais rápido possível e assim possam ter um dia o passado como lembrança, não como o presente de suas existências.

- Pois para mim o passado ainda é presente. Agora peço sua licença pois outros afazeres me aguardam. Até a vista, Mãe!

- Até a vista, Guardiã!

Eu saí dali com a nítida impressão de que ela sabia de alguma coisa. Daí em diante, sempre mandava um dos meus melhores auxiliares fazer a ronda na casa dela.

CASTIGO AOS TRAIADORES

Por volta de 1948, o caboclo falou-me que seu filho havia sido libertado pelos magos do Grande Oriente das garras do Príncipe das Trevas.

- Fico feliz com esta vitória, Caboclo. Ele venceu sua prova, então?
- Sim e não, Guardião.
- Como é possível, Caboclo? Venceu ou não venceu? – indaguei eu.
- Venha Guardião, vou leva-lo onde ele está.

Fomos até um grande templo do Grande Oriente. Eu já estivera lá outras vezes, na companhia do velho João de Mina. Sabia qual era a função daquele templo. Ali os mestres da Luz recebiam os casos mais graves. Iam para lá antes da Luz que caíam em combate com as forças das Trevas ou vítimas de magias negras e encantamentos. Quando vi o Cavaleiro da Estrela da Guia, acredite se quiser, novamente senti que lágrimas corriam dos buracos oculares desta caveira. Não se parecia nem um pouco com o cavaleiro que conheci. Não tinha luz alguma e seu corpo astral estava reduzido a um farrapo. Gemia de vez em quando repetindo uma frase: “ Deus me ajude, pois confio em Vós”. Durante o tempo em que ficamos perto dele ouvi várias vezes esta frase. Ou eram as dores ou as lembranças do horror, não sei dizer qual dos dois era pior, que faziam-no dar fortes gemidos e dizer a frase. Uma senhora estava sentada a um canto e chorava muito. Soube depois que era sua última mãe.

- Vê Guardião! Meu filho está alucinado pelo horror e o que mantém é sua fé. Mas a loucura tomou conta do seu mental.

- Eles não podem fazer nada para aliviar seu sofrimento?
- Estão tentando mas está difícil. Já aliviaram um pouco seu mental, porém não podem ir além. Se forçaem ele ficará igual a um débil mental. Sabe por que ficam assim, não?
- Não. Pode me ensinar, Caboclo?
- Sim Guardião. Os débeis que você vê na carne ou no astral sofreram o horror do inferno. Seus mentais foram tomados pelo horror e num ato de desespero se auto-destruíram. Quando voltam à carne não conseguem coordenar as funções dos sete sentidos pois não tem a todos eles completos.
- Isto é eterno?
- Não mas leva muito tempo para que os adquiram de volta.
- O passado é implacável, não Caboclo?
- Sim Guardião. Em muitos casos os reencarnacionistas tem que paralisar o mental para que possam reconstituir, primeiro o espírito destruído e depois em melhores condições, reativar o mental anestesiado. Isto pode demorar séculos para ser conseguido. Você nunca viu pessoas aparentemente perfeitas e normais enlouquecerem na carne?
- Sim, eu já vi vários casos. O porque disto, Caboclo?
- È um mental que estava se recompondo e que trouxe de volta o horror do passado.
- Isto contraria ao médicos da terra, Caboclo?
- O que sabem eles sobre a loucura, se mal conhecem o corpo físico e praticamente nada sabem sobre o corpo mental?

- Mas eu tenho visto alguns gênios no assunto.
- Nada sabem, Guardiã. O que fazem é aliviar o mental com calmantes que paralisam o cérebro. Dessa forma, isolam o mental do cérebro e nada mais. O calmante serve apenas para isto mas o horror continua até que o espírito o esgote todo na carne e na alma.
- Isto é novo para mim, Caboclo.
- Pois isto é o umbral, Guardiã. Uma criação mental onde nem a Luz nem as Trevas pode penetrar. No umbral, somente o Criador modifica um espírito. As luzes que você viu comigo na zona neutra são emanações do Criador que envolvem espíritos que vivem o horror do umbral e são recompostos para o reencarne.
- E estes, como reencarnam?
- Débeis mentais, Guardiã. Mas levam no mental uma centelha do Criador divino que vai expandindo-se com o tempo, voltam ao estado normal.
- Como posso entender melhor sobre tão grande assunto, Caboclo?
- Vá à biblioteca do Grande Oriente e peça livros sobre o mental, logo saberá tudo o que a maioria não sabe.
- Eu irei, Caboclo.
- Está preocupado com meu filho?
- Sim, talvez um dia eu possa auxiliá-lo se ele voltar à carne com alguma anormalidade.
- Isto não acontecerá mas assim mesmo eu lhe agradeço.
- foi tudo minha culpa.

- Não caia no umbral, Guardiã. Você tem criado uma culpa mental que não lhe pertence. O que ele sofreu foi uma cobrança do passado. Excedeu-se quando tinha o poder e agora paga o preço da Lei.

- Não entendo, Caboclo. Poderia me esclarecer?

- Pois não. Num tempo muito antigo, ele foi um grande guardião e se auto-promoveu a juiz de muitos, quando devia combater apenas aos que serviam às Trevas. Não soube poupar aqueles que haviam sido conduzidos a tal situação ou por não terem escolha ou por ignorância. Quem nasce num meio não é culpado por ter sido influenciado por ele. Aqueles que eram nascidos em lugares dominados por mestres das Trevas, quando muito, poderiam ter sido esclarecidos e não castigados. Isso deveria ter sido feito com os chefes e não com os discípulos. O que sofreu foi uma cobrança da lei da causa e efeito. Criou um carma muito forte e sofre as conseqüências disto até hoje.

- Isto me assusta, Caboclo.

- Por que Guardiã?

- Um dia terei que acertar minhas contas também.

- Já não estará pagando-as, Guardiã?

- Duvido. Isto é nada perto do que fiz.

- Lembre-se do que eu falei há pouco. Quem vive num meio não é culpado por agir de acordo com suas regras. Muitas vezes nos excedemos em certos preconceitos que podemos salda-los em pouco tempo.

- Ainda assim eu não estou tranqüilo. Mas diga-me como conseguiram libertar o seu filho?

- Um outro guardião capturou o ser das Trevas que o denunciou ao Príncipe das Trevas e obrigou-o a dizer onde ele se encontrava. Depois disto foi fácil para os magos da Luz libertarem-no.
- Qual foi o guardião? Preciso conhece-lo.
- Foi o Guardião dos Sete Portais das Trevas.
- Já o conheço, não é de muita conversa.
- Cuidado com ele pois não é de muita conversa e não gosta de ser incomodado por coisas banais.
- O que eu quero dele não é coisa banal. Vou procura-lo assim que sairmos daqui, caso não vá precisar de mim.
- Não precisarei mas cuidado pois a cobrança já foi feita e poderá incorrer em novo erro.
- talvez tenha razão mas o perdão só existe na Luz. Nas Trevas o que impera é a vingança e o acerto de contas.
- Vingança não é o melhor remédio para curar as chagas do passado.
- Isto vale para quem habita na Luz, Caboclo. Nós que vivemos nas Trevas ou destruimos ou somos destruídos. Lá não existe humildade, amor ou caridade. A lei do ódio é absoluta. Veja seu filho e depois me condene se achar que estou errado.
- Eu não condeno a ninguém, apenas esclareço as conseqüências dos atos de cada um. Nisto entrou no local uma mulher toda coberta por um manto vermelho e dourado. Eu me recolhi pois nunca havia visto tal figura antes. A curiosidade despertou em mim mas calei-me. Ela se aproximou do leito em que o Cavaleiro estava deitado. Eu

fiquei observando. Ela era imponente. Olhou para ele e acariciou sua cabeça.

- Mais uma vez eu cheguei tarde. Por que tem que ser assim?

- Não adianta lamentar agora, Rainha – falou a mãe do Cavaleiro – Não poderá fazer nada por enquanto. O ar de importância cedeu lugar a uma tristeza profunda. Ela tirou o pano que cobria sua cabeça e eu pude ver o quanto era bela. Pelos símbolos no cetro que carregava, eu vi que era uma servidora da Lei também. Indaguei sobre ela ao caboclo:

- Quem é ela?

- Uma guardiã das Trevas como você, só que trabalha na linha dos encantos e dos elementos. É a guardiã de um dos pontos de força da natureza ligados aos guardiões dos mistérios maiores.

- Isto eu não conheço, Caboclo.

- Ainda é cedo para que possa saber de tudo Guardiã, o tempo o ensinará.

- Por que ela está chorando?

- Você não choraria se algo acontecesse à sua princesa?

- Isto quer dizer...

- Sim, é isto mesmo. Quer que eu o apresente a ela?

- Não, vai que ela saiba que ele está assim por culpa minha e eu terei problemas depois.

- Teme tanto assim a algo que fugiu ao seu controle, Guardiã? Se pensar sempre assim acabará voltando ao umbral.

- É melhor assumir de vez minha responsabilidade.

- Vamos então.

Eu a conheci e ela não me culpou de nada. Aceitava tudo como inevitável.

- São coisas do nosso destino. Isto não muda nunca. Quando um sobe o outro cai. Até quando se repetirá, Caboclo?

- Não sei Rainha. Quem pode responder a essa pergunta não se faz visível a nós. Quem sabe um dia tudo termine.

- Assim espero, pois já estou cansada de tanta luta. Há momentos em que gostaria de largar tudo mas nem isto me é permitido.

- Confie no futuro e terá forças para o presente. Ela nada respondeu. O manto negro do silêncio a envolveu. Despedimo-nos e partimos. O caboclo foi cuidar de seus afazeres e eu fui ao encontro do Guardião dos Sete Portais das Trevas. Procurei o companheiro das Sete Portas pois era nos seus domínios que eu iria adentrar. Ele concordou em me conduzir ao seu chefe, o maioral no seu ponto de força na lei da natureza. Ao entrar nos seus domínios, vi o quanto era poderoso. Quando nos aproximamos de

sua morada, fomos barrados por lanceiros negros. Após algumas palavras com o meu guia naquela região, foi-me permitida a passagem. Percebi que ali só entrava quem obtivesse ordem e também só saía quem a obtivesse. Na assembleia, eu nunca havia desconfiado de tamanho poder por parte do Guardião dos Sete Portais. Ao entrarmos em seu castelo, fui obrigado a deixar minhas armas com um soldado da antiguidade, outro nos conduziu ao seu encontro. Quando estávamos diante dele, perguntou-me:

- O que deseja, senhor da Meia-Noite?

- Vim ao seu encontro porque fiquei sabendo que tem alguém em seu reino que me pertence.

- Todos os que estão nos meus domínios me pertencem, isto é indiscutível. Mas, se eu achar que pode leva-lo, eu o darei de presente. Quem é o infeliz?

- É aquele que denunciou o Cavaleiro da Estrela da Guia ao Príncipe das Trevas. Ele deu uma gargalhada e com os seus olhos frios que pareciam atravessar meus ossos, lançou umas faíscas em minha direção.

- Quem disse que ele lhe pertence?

Eu me assustei com seu tom de voz.

- Tenho contas a ajustar com ele.

- Vou mostrar-lhe onde ele está.

Num relance, estávamos numa localidade infernal.

- Que lugar é este, senhor Guardiã dos Sete Portais?

- Aqui é onde reeduco os traidores.

- Tem até um local para isto?

- Para cada tipo de delito, tenho um lugar para reeducação. Por isto sou o senhor dos Sete Portais das trevas.

- Entendo.

- Ainda não entende, senhor da Meia-Noite, tem apenas uma vaga idéia.

Olhando para um dos guardas do lugar ele falou:

- Traga-me o canalha que servia a Lúcifer.

Num instante ele foi trazido. Tinha uma corrente no pescoço e o corpo reduzido a pele e ossos. Tinha marcas por todo o corpo.

- Ei-lo aí, senhor da Meia-Noite. É isto aí que lhe pertence? Acha que o castigaria melhor do que eu? Duvido.

- Acho que não faria melhor para ele pagar a traição.

- Pois eu não estou cobrando a traição de agora. O que ele está pagando é uma traição cometida há quatro mil anos atrás, quando era um miserável e ganancioso sacerdote. Agora ele vai pagar esta traição. Conseguiu me escapar por muito tempo mas agora vai passar o mesmo tempo em meu reino. Quando eu o soltar, será o mais perfeito dos espíritos pois terá medo até de se olhar.

- Posso falar com ele?

- À vontade, senhor da Meia-Noite.

Eu me aproximei e chamei-o pelo nome.

- Vamos traidor, encare-me agora!

- Ajude-me amo. Eu imploro sua ajuda, estão acabando comigo.

- Que pena, não ? Devia ter pensado nisso antes de me trair. Por que não veio acertar suas contas comigo ao invés de descarregar seu ódio no meu amigo da Luz?

- Ele também era culpado por minha queda. Assim me vinguei dos dois.

- Conte-me sua história cão, depois verei o que posso fazer por você.

- Nós já fomos irmãos num passado longínquo. Não nos demos muito bem e este foi o princípio de toda a discórdia.

- Diga a ele o que você fez naquela época, traidor – falou irado o Guardião dos Portais.

- Eu era um grande mago negro, usei o conhecimento dos mistérios das Trevas para mata-o. Caí muito quando desencarnei. Consegui me integrar às regiões de Lúcifer e de lá comecei a persegui-lo implacavelmente. Quando você reencarnou, logo eu reemcarnei também. Mas eu vim sem poder algum e ainda escravo seu. Na carne, eu não me lembrava de nada mas ainda eu o odiava. Quando me ofereceu a liberdade, vi a oportunidade de ganhar com sua oferta. Eu já vinha trabalhando para virar sua cabeça. Aquilo que aconteceu entre você e sua esposa foi resultado do trabalho de um feiticeiro africano.

- Quer dizer que eu estava sendo obsediado?

- Isto mesmo amo.

- Que imbecil eu fui. Por que só agora eu descubro isto?

- Lúcifer encobriu tudo com sua capa vermelha e negra – falou o Guardião dos Sete Portais

– Ele usou este imbecil para derruba-lo. O assassino que o conduziu até onde estava sua esposa também era um instrumento dele.

- Onde se encontra aquele canalha. Tenho procurado por ele em todos os lugares e não o encontro.

- Ele está integrado às hostes de Lúcifer.

- Diga-me, senhor Guardião dos Sete Portais das Trevas, o que foi que ele fez para traí-lo há milênios atrás?

- O Cavaleiro era seu protetor à direita e eu à esquerda. Por ambição ele praticou uma cerimônia negra que o envolveu em fios tão fortes, que até nós fomos envolvidos. Muitos dos meus caíram nas garras de Lúcifer. Ele me odeia por eu ser um guardião da Lei e tirar-lhe muitos escravos. Você caiu, O Cavaleiro caiu e eu caí, todos vítimas do mesmo canalha, este traidor aí. Falou-me sobre como fora o golpe para se apossar do meu reino. Ao final de tudo eu era outro: agora conhecia todos os fios do destino. Quando já me retirava, ele implorou:

- Irmão, não me deixe aqui.

- Não o deixarei irmão. Assim que você pagar o que deve ao senhor Guardião dos Sete Portais das Trevas, eu virei busca-lo para que me pague também. Ele ficou ali se lamentando de sua falta de sorte.

CONHECENDO A LEI

Quando já estávamos no salão do Guardiã, eu pedi para que revelasse o meu passado. Das coisas que me falou, vou dizer-lhe apenas que eu já havia sido um grande iniciado e que caí por causa do meu irmão. Também disse que o Cavaleiro havia sido meu pai há sete mil anos atrás e que minha esposa, a madre já havia sido uma filha dele, assim como a minha princesa.

- Então é por isso que ele nos conduziu para o serviço da Lei. Queria nos elevar sem que percebêssemos nada.

- Sim. Ele tem passado os últimos milênios ajudando aos seus. Saiba que você foi bisneto dele na última encarnação, senhor da Meia-Noite. A fortuna que herdou provinha do que ele deixou aos filhos e eles aos netos e quando você veio à carne tudo estava preparado para que fosse um grande homem. Mas você enveredou por um caminho estranho e colocou tudo a perder.

- Qual seria o caminho?

- Seu sogro iria indicá-lo para um cargo importante na corte de rei. Lá você poderia usar toda a sua inteligência para coisas boas em relação à colônia. O porque, você já sabe. Só uma coisa boa resultou de todo o esforço do Cavaleiro.

- O que foi?

- Sua antiga esposa usou toda a sua fortuna em benefício daqueles que eram amparados pela ordem que ela abraçou. A fortuna foi diluída entre muitos que nada tinham, além da própria vida.

- Melhor assim.

- Além do mais, imbecil, ela era virgem!

Sua voz trazia um rancor profundo. Eu engoli o “imbecil” como um elogio pois fui muito mais que isso.

Ele bateu o pé e o recinto encheu-se de belas mulheres.

- Olhe idiota. Todas elas são minhas e ainda assim não toco em nenhuma. Mas mesmo que eu escolhesse uma, após minha escolha eu a aceitaria como ela é e não como eu gostaria que fosse.

Novamente engoli a ofensa como uma boa reprimenda.

Eu mereci ouvir aquilo de um ente das Trevas superior a mim.

Ele tornou a bater o pé e as mulheres se foram. “Como era poderoso o Guardião dos Sete Portais das Trevas”, que leu o meu pensamento.

- Não pense que consegui o meu poder sendo um tolo. Sempre dormi com um olho aberto.

Nunca deixei uma ofensa sem resposta, nem um inimigo mais fraco sem conhecer o meu poder. Nunca deixei de respeitar um igual ou de temer a um mais forte. Foi assim que consegui tanto poder. Também nunca saí da lei do carma. Não derrubo quem não merece, nem elevo quem não fizer por merecer. Não traio a ninguém mas também não deixo de castigar um traidor. Leve o tempo que for necessário, eu o castigo. Não castigo um inocente mas não perdôo um culpado. Não dou a um devedor mas não tiro de um credor. Não salvo a quem quer se perder mas não ponho a perder quem quer se salvar. Não ajudo a morrer quem quer viver mas não deixo vivo quem quer se matar. Não tomo de quem achar mas não devolvo a quem perder.

Não pego o poder do senhor da Luz mas não recuso o poder do senhor das Trevas.

Não induzo alguém a abandonar o caminho da Lei mas não culpo quem dele se afastou.

Não ajudo alguém que não queira ser ajudado mas não nego ajuda a quem merecer.

Sirvo à Luz mas também sirvo às Trevas.

No meu reino eu mando e sei me comportar.

Não peço o impossível mas dou apenas o possível.

Nem tudo que me pedem eu dou mas nem tudo que dou é porque me pediram.

Só respeito à Lei do Grande da Luz e das Trevas e nada mais.

É por isso que o Grande exige de mim, portanto é isto que eu exijo dos que habitam o meu reino.

Não faço chorar o inocente mas não deixo sorrir o culpado. Não liberto o condenado mas não aprisiono o inocente. Não revelo o oculto mas não oculto ao que pode ser revelado.

Não infrinjo à Lei e pela Lei não sou incomodado.

Agora sabe de onde vem meu poder, senhor da Meia-Noite. Eu sou um dos sete guardiões da Lei nas Trevas; os outros seis, procure e a Lei lhe mostrará.

- Por que o senhor não socorreu o Cavaleiro em sua queda?

- Foi a Lei Maior que o determinou, por isto eu me calei. Mas quando Ela saiu em seu auxílio, eu arrasei o reino de Lúcifer para

saber onde estava o Cavaleiro e acabei descobrindo pois foi a Lei que me ordenou que assim o fizesse. Ele teve que calar-se e entregar-me o culpado.

- Obrigado, Guardiã dos Sete Portais das Trevas deu-me uma lição sábia. Sou seu devedor.

- Nada me deve, senhor da Meia-Noite. Gosto de ensinar a quem quer aprender mas também gosto de castigar a quem aprende e faz mau uso do saber. Ele bateu o pé esquerdo e o recinto se encheu de entidades que haviam sido religiosos quando na carne.

- Eis aí um exemplo do mau uso do saber. Eles aprenderam tudo o que precisavam para suas missões na terra mas não seguiram o que pregaram. Usaram do que sabiam em benefício próprio ou para arruinar aos que acreditaram neles.

Olhe bem, Guardiã da Meia-Noite e verá que os que se diziam sábios, iluminados, profetas, grandes líderes religiosos ou grandes sacerdotes não passavam de otários, idiotas, tolos, imbecis, cegos e mal intencionados.

Verá entre eles todo tipo de defeito e nenhuma qualidade. Eram lobos uns pois se aproveitavam e comiam suas ovelhas e hienas outro pois se contentavam em consumir os restos deixados pelos lobos. Uns e outros hoje choram pelo erro cometido pela oportunidade perdida e pela luz não conquistada. Viveram do mundo e não pelo mundo. A Lei não os perdoou e os entregou a mim. Eu dou-lhes o que merecem porque sou um guardião da Lei das Trevas e esta é minha função. A Lei não iria colocar um ser bom e iluminado para castigar os canalhas nem colocaria um carrasco como eu para premiar aqueles que venceram suas provas. Não!

Os guardiões da Lei na Luz tem uma função como a minha mas afeta à Luz: não deixam cair quem se fez por merecer à ascensão.

Eu não deixo subir aos que se fizeram por merecer a queda.

Eu sou a mão que castiga, a outra é a que acaricia.

Eu sou a mão que derruba, a outra a que levanta.

Tudo isto eu sou e ainda assim não sou infeliz, triste, arrependido ou ruim. Não sofro de remorso por castigar aquele que a Lei derrubou, assim como um guardião da Lei na Luz nada sente ao premiar a quem merecer.

Eu sou o que sou, um guardião da Lei nas Trevas e me orgulho disto porque sei que sou necessário à Lei.

E tudo isto você também é, ou será se assumir todo o seu passado, resgata-lo e se sentir feliz em servir à Lei. Ela o recompensará quando assim quiser, não porque você peça qualquer recompensa pelo seu trabalho mas porque serve-a sem se lamentar por estar nas Trevas pois Luz e Trevas são os dois lados do Criador.

Há os que trabalham durante o dia e dormem à noite mas também há os que trabalham de noite e dormem durante o dia.

Há os animais que só saem de sua morada sob o sol e aqueles que só o fazem sob o luar.

Há o verão mas há também o inverno. O que um aquece o outro esfria e vice-versa.

Há a primavera mas há também o outono: O que um faz brotar o outro faz se recolher e vice-versa.

Há o fogo para queimar e a água para saciar a sede.

Há a terra para germinar e há o ar para oxigenar.

Há tantas coisas e no fim são somente partes do Um.

Por isto lhe digo, Guardiã da Meia-Noite há os anjos e há os demônios. Os anjos habitam na Luz e os demônios nas Trevas. Uns não condenam aos outros pois sabem que são o que são porque assim quis o Criador.

Aqueles que vivem no meio é que criam tanta confusão com suas descidas na carne.

Do nosso lado não há nada disto. Cada um sabe a que lado pertence. E os que não sabem, são os primeiros de quem nos apossamos.

Esta é a Lei que nos rege e a todo o resto da Criação.

Mais não vou falar pois precisaria de muito tempo para tal coisa. Espero que possa sair daqui melhor servidor da Lei do que quando chegou.

- Eu agradeço suas palavras, Guardiã dos Portais. Pena que eu seja muito pequeno para ajuda-lo, senão eu diria: se precisar de minha ajuda é só pedir!

- Pois ainda lhe digo que a maior das pirâmides não prescinde da menor de suas pedras; a maior das aves de sua menor pena nem o maior teto de sua menor telha; e nem o maior corpo do seu menor dedo.

O maior rio não rejeita a menor gota da chuva nem o maior exercito ao seu mais fraco soldado.

O maior rico é aquele que valoriza o menor dos seus bens.

Muito mais eu poderia dizer mas me satisfaço em dizer-lhe: obrigado Guardiã da Meia- Noite! Se eu precisar de seu auxilio não terei vergonha em lhe pedir pois por terem vergonha muitos morrem. Morrem por terem desejado algo e não terem provado seu gosto.

Vergonha não faz parte do meu vocabulário e a palavra que mais prezo é a que se chama "respeito".

Aja assim e não será traído nem odiado mas respeitado.

Nem os maiores passarão por cima de você e nem os menores lhe escaparão.

Ele parou de falar.

- Até à vista, Guardiã dos Sete Portais das Trevas!

- Até à vista, Guardiã da Meia-Noite!

A saída foi rápida. Quando já estávamos na crosta, agradei ao companheiro que havia me acompanhado.

- Agora você sabe realmente quem é ele e porque é tão calado.

- Comigo não foi calado.

- Ele sabia que devia dizer-lhe tudo aquilo.

- Porque?

- Eu não sei mas ele sabe. Quer voltar lá para perguntar?

- Não, outro dia eu perguntarei. Até a vista, companheiro!

Dali voltei ao meu ponto de força, era exatamente meia-noite.

Quando cheguei, minha princesa estava preocupada.

- Pensei que havia sido preso. Onde estava?

- Vou contar-lhe algo que a deixará estarecida.

E comecei a falar sobre tudo que havia visto e ouvido.

Quando terminei, ela estava mais apagada que nunca.

- Como tudo se encaixa perfeitamente, não?

- Sim, a lógica é perfeita. Não sobra uma única peça fora do tabuleiro. O destino puxa seus fios e nós somos guiados para onde ele quer, Princesa.

- Será que o Cavaleiro se recuperará?

- Isto eu não sei mas os mestres da Luz saberão ajuda-lo.

- A mulher que você viu chegar eu a conheço. Ela é a rainha do ponto de força das trevas do mar. Serve a Lei na segunda linha de força da natureza.

- Mas porque o Cavaleiro não a levou consigo?

- Isto é um mistério para mim. No momento certo eu saberei.

- Quero saber também. Fale-me quando souber.

O tempo corria pois eu me desdobrava no trabalho com os guardiões da Lei na Luz. Muitos de minha linha atingiram o grau de guardiões ou mudavam de lado e passavam para a direita.

O PERDÃO

Um dia eu resolvi ir pessoalmente até à casa de minha antiga esposa, a madre. Quando cheguei não vi movimento algum e estranhei.

A casa que antes era um centro da linha branca estava abandonada. O que teria havido?

Estava triste sim pela ausência da madre. Um exu também sente tristeza. A falta de movimento de pessoas e almas, ali tornava aquela casa triste também. “Pena que eu não tive coragem de lhe contar toda a verdade enquanto podia. Não a verei mais, deve ter se elevado muito”, eu pensava alto.

- O que não teve coragem de me falar, Guardiã da Meia-Noite?

Eu me assustei. Era a madre.

- Eu falava para mim mesmo, Madre. O que aconteceu com seu templo?

- Meu pai terminou sua missão na terra e os que ficaram responsáveis pelo grupo mudaram-se para outro local. Saberia disto se pudesse ter vindo aqui antes.

- Sinto saber disto mas folgo em ver que conseguiu vencer mais uma luta, Madre.

- Vim aqui para ver se havia alguma alma em busca da luz do saber divino e quando o vi, aproximei-me e ouvi seus pensamentos. O que o atormenta tanto, Guardiã? Ainda posso ouvi-lo, caso queira dizer-me algo.

Tomei coragem. Afinal, eu era ou não um guardião?

- Eu sou um canalha, Madre.

- Porque se julga assim? Acaso age como tal?

- Isto eu não sei dizer mas agi assim há muito tempo atrás com a senhora.

- Eu não me lembro de ter tido tal desprazer.

- Pois eu sou o barão que a fez sofrer tanto no passado.

- Você é o Barão?

- Sim. O Cavaleiro não lhe falou quem era eu?

- Não. Ele sempre dizia que você estava bem, quando eu pedia notícia suas.

- Muito nobre da parte dele.

- Sinto pelo seu estado atual, Barão.

- Não sofra por minha causa pois não mereço compaixão alguma.

- Por que diz isto? Todos somos merecedores de compaixão.

- Não alguém como eu. E ainda mais, sendo você a vítima e eu o réu. Até hoje sinto vergonha pelo que...

- Nós sofremos só um pouco e você sofreu demais. Acho que não devia se condenar tanto.

- Eu poderia viver toda a eternidade nas Trevas e ainda assim acharei que é pequeno o castigo que recebi pelo mal que causei a você e a tantos outros.

- Pois eu não guardo mágoas do que houve. Afinal eu pude me realizar como freira e meu pai já o perdoou há muito tempo.

- Eu quero agradecer por ter usado tão bem a minha fortuna. Este é um ponto a meu favor.

Saí da terra e desci ao inferno mas você soube transformar toda ela em paz aos menos favorecidos.

- Achei que você gostaria de saber disto.

- Soube há pouco tempo e foi isto que me deu coragem de vir aqui hoje.

- Espero que me perdoe por não ter sido a esposa que esperava que eu fosse.

- Você foi a melhor esposa que eu poderia ter merecido. Eu é que não me portei como marido nem como homem. Só quero que saiba que eu a amei muito, ainda que ao meu modo.

- Fico feliz em ouvir isto. Eu também o amei e depois que passou a mágoa pela sua desconfiança, senti sua ausência. Foi por isso que eu ingressei numa ordem religiosa. Quero que saiba que eu nunca fui tocada por outro depois de você.

- Eu sei disto. Não estou aqui para acusa-la de nada mas assim para pedir-lhe perdão. Perdão por tê-la tirado de sua família, por não ter sido um marido à altura e por tê-la julgado tão mal. Se não fosse por mim, você teria sido uma mulher feliz.

- Eu não tenho por que perdoá-lo, Barão. Quem sabe qual teria sido o meu destino, se você não tivesse surgido em minha vida? Também tenho que lhe pedir perdão por ter travado sua ascensão devido a uma falha em meu corpo físico. Se não fosse por isso, sua história seria outra.

Eu fui culpada por sua queda.

- Não vim aqui para perdoá-la, Madre mas sim para ser perdoado. Perdoe-me, por favor, só assim terei um pouco de paz.

- Se isto vai alivia-lo, eu o perdôo com toda minha sinceridade. Mas peço também seu perdão pois assim eu terei um pouco de paz, sem julgar-me culpada por sua queda.

- Eu não sou ninguém para perdoá-la. Sou um ser das Trevas e não posso dar nada a um ser da Luz.

Eu soluçava quando disse isto.

- Pois eu lhe peço: se um dia me amou de verdade, então perdoe-me.

Ela estava chorando também.

- Só farei isto se parar de chorar, Madre. Não estou preparado para o pranto.

Ela olhou para mim e disse:

- Então, porque está chorando?

- Eu não choro pois um esqueleto não pode verter lágrimas. São apenas soluços engasgados por séculos que saem de mim.

- Pois eu vejo isto como choro. Perdoe-me por te tirado até isto de você.

- Eu a perdôo se isto a deixa menos triste mas saiba que fui eu mesmo quem tirou isto de mim.

- Penso que agora vamos ter um pouco de paz, não Barão?

- Sim Madre, agora vamos ter paz. Peço sua licença para ir-me embora. Caso algum dia venha a precisar de minha ajuda, ordene e a servirei com prazer.

- Você também Barão, caso precise do meu auxílio é só me chamar e o atenderei no que puder.

- Obrigado Madre. Até a vista.

Envolvi-me com minha capa e saí andando da casa. Não tinha pressa alguma em voltar ao meu ponto de força. Quando saía da casa ainda olhei para trás. Vi lágrimas em seus olhos. Ela era por demais elevada por isto julgava-se culpada pela minha queda. Que pena...eu consegui o seu perdão mas não tirei a dor e a mágoa do seu peito. Já estava distante quando tornei a olhar para trás. Ela estava na calçada olhando para mim. Resolvi acabar com a dor, tanto dela quanto minha e me volatizei no espaço.

A OPÇÃO

Afundi na terra e fui ao mais profundo abismo que conhecia. Quando lá cheguei um urro de dor e mágoa ecoou do interior do meu esqueleto. Era meu remorso que eu colocava para fora. Amaldiçoei a mim com todas as pragas que conhecia, xinguei-me com todos os nomes chulos do meu vocabulário. Eu me sentia o mais vil dos vermes do mundo, não por mim mas por vê-la chorar após mais de duzentos anos que eu a magoara. Então gritei:

- Eu sou o mais vil ser das Trevas. O inferno é pouco como castigo para um ser como eu. O soluço tomou conta do meu ser.

Uma voz profunda me interrompeu:

- Porque se julga tão mal, meu filho?

Eu levantei a cabeça e vi um ente da Luz.

- O que você está fazendo neste abismo, Ser da Luz?

- Eu ouço o lamento daqueles que vem aqui chorar suas dores, filho. Eu posso compreende-lo.

- Ninguém pode me compreender, Ser da Luz.

- Ainda digo que posso compreende-lo pois esta é a minha função neste abismo.

- Como pode entender ou explicar isto? Não é justo que alguém como eu possa despertar compaixão de alguém como ela. Não, você não pode compreender isto, Ser da Luz.

- Pois eu lhe digo, que realmente infeliz é o ser tanto da Luz como das Trevas, que não tem ninguém que se lembre, chore ou sofra por ele. Quando isto acontecer, tudo estará acabado, filho.

Não teríamos mais razão para existir e a corrente que nos une uns aos outros e todos ao divino Criador, se partiria. Isto não pode acontecer, filho. Não é permitido pelo Criador, ninguém se desliga do seu rebanho.

Quem está nas Trevas sempre tem alguém na Luz que se julga culpado por sua queda e tudo faz para eleva-lo; quem está na Luz tem sempre alguém nas Trevas por quem sofre por tê-lo perdido um dia.

É a mãe que chora o filho ou o filho que chora o pai, ou o irmão que chora a irmã, ou a esposa que chora o marido.

A disposição da teia não importa, o que importa é que a teia não deixe nenhuma ponta solta.

- Que outros chorem pelo que perderam, eu não me incomodo, Ser da Luz. Eu sofro porque outros choram por mim sem que eu mereça.

- Como sabe se merece ou não? Está se julgando muito mal, filho.

- É o meu modo de encarar minha tragédia, Ser da Luz. Não sinto pena de mim mas daqueles que sofrem pelos meus erros.

- Qual é o seu símbolo, filho?

- O das três cruzes, Ser da Luz. Por que?

- O que representa ele para você, filho?

- É o calvário, Ser da Luz.

- Pois eu digo que alguém muito acima de tudo o que você possa imaginar, está ouvindo o seu lamento, ainda que tenha vindo ao mais profundo dos abismos para se lamentar. Ele sabe de sua dor e ainda assim não tapa os ouvidos ou fecha os olhos para você pois sabe que você também é parte d'Ele. É uma parte ferida e é por isto que Ele também chora por você.

Não é só ela que lamenta sua queda mas assim como ela espera um dia vê-lo na Luz, Ele espera que você use da sua dor e do seu remorso para não esquecer a sua origem. Este é o meio que Ele usa para tornar o mais iluminado anjo ou o mais terrível demônio dependentes d'Ele.

Todos somos dependentes d'Ele. É por isto que o seu símbolo tem três cruzes e não só uma. Nada sobrevive sozinho no universo. O seu símbolo lhe diz isto. A mais alta das cruzes está no centro mas tanto a da direita como a da esquerda estão na mesma altura e na mesma inclinação em relação a ela. A inclinação é para que as três se toquem no pé, filho.

- Mas ainda assim, eu sou um vil ser das Trevas.

- O que torna uma árvore forte, filho?

- Sua raiz.

- E o que leva da terra, o alimento à árvore?

- Ainda é sua raiz, Ser da Luz.

-E o que é que capta os nutrientes da terra para que ela fique florida?

- A raiz, Ser da Luz.

- E o que é que sustenta a mesma árvore para que ela dê muitos frutos?

- Continua sendo a raiz, Ser da Luz..

- O que aconteceria se arrancássemos a árvore do solo?

- Ela secaria.

- Se quiser, eu posso tira-lo das Trevas e eleva-lo até ela neste instante, filho.

- Como pode fazer isto, Ser da Luz?

- Olhe o meu símbolo, filho.

E ele abriu sua veste na altura do peito: as três cruzeiras estavam lá. Eram douradas e ele era só luz por baixo da veste.

- Acha que pode fazer isto, Ser da Luz?

- Sim pois eu vim até aqui porque Ele me mandou. Ele ouviu seu lamento e quer que não sofra mais.

- Ele o enviou? – falei espantado.

- Se assim fizer, ficará feliz?

- Não sei, Ser da Luz.

- Tem medo que a árvore seque e não dê mais frutos?

- Talvez seja isto, não sei.

- Ou será que é porque terá que deixar sua princesa para trás?

- Creio que é isto mas não tenho certeza.

- O que poderia oferecer a ela? Começaria a sofrer por tê-la deixado para trás, não é isto?

- Sim, Ser da Luz. Ela choraria por não poder me acompanhar e eu gosto dela também.

- Então vamos tentar de outra forma, já que esta não é perfeita. Que tal se eu cortar a árvore?

- Quer dizer que apagaria Beatriz da minha mente e eu da dela?

- Sim, eu posso fazer isto em um instante ou duvida disto, filho?

-Não duvido do seu poder, Ser da Luz mas a árvore secaria do ponto que foi cortada para cima. Só a parte de baixo viveria, o que quer dizer que Beatriz morreria como um ser da Luz?

- Sim, pois ficaria sem você para enviar-lhe o alimento que a torna forte para que dê bons frutos e alimente a muitos.

- Seria uma grande perda,não?

- Faria mais mal a ela sendo esquecido do que lembrado. Enquanto ela souber que está aqui embaixo irá lutar pelos que caíram. Quando isso não acontecer mais, ela não lutará com tanta tenacidade e não dará mais frutos.

- Mas a árvore brotaria novamente, não?

- Há árvores que não brotam mais porque são cortadas rentes ao solo. Suas raízes logo apodrecem pois deixam de ter para onde enviar a seiva que coletam.

- Mas há as que brotam, Ser da Luz.

- Sim, é verdade. Mas muitas tem seus brotos todos retorcidos ou tortos, isto quando não crescem rentes ao solo e não dão fruto algum. Escolha a sua árvore, filho. Aquela que escolher será a sua árvore.

- Eu não quero ir para junto de Beatriz pois amo a Princesa. Portanto, não quero que arranque a árvore. Por outro lado, não quero que corte a árvore pois eu vi quantos frutos Beatriz deu naquela ordem e depois em espírito: foram milhares e milhares. Seria egoísmo meu tirar-lhe a força que a fez lutar tanto pelos semelhantes.

- Está me propondo uma terceira alternativa mas só tenho duas a lhe oferecer.

- Posso recusar sua oferta, Ser da Luz?

- É um direito seu, filho. Mas pense bem antes de fazer sua escolha. Eu vim para consola-lo não para confundi-lo.

- Você já me consolou, Ser da Luz. Eu gostaria que a árvore ficasse como está. Se foi Ele que o enviou para me consolar, deve ter enviado alguém para enxugar o pranto dela também. E se Ele o enviou a mim é porque não sou tão desprezível assim. Estou consolado, Ser da Luz. Gostaria apenas de ter certeza que ela também foi consolada e que é verdade tudo o que me disse sobre o seu poder.

- Então, olhe com atenção para o que você vai ver agora e depois volte ao seu trabalho na crosta pois é isto que Ele espera de você, filho. Eu olhei para o seu peito e as três cruces foram crescendo até se tornarem enormes. Na do centro, formou-se um clarão cristalino e eu vi Beatriz diante de três cruces iguais àquelas que eu vi. Ela olhava para a do meio. Tenho certeza que ela olhava para mim.

- Quem é você, Ser da Luz? – gritei eu.
- Eu sou o Símbolo Vivo, filho. Honre-o nas Trevas que ela o honrará na Luz.
- Obrigado, Consolador. Diga a Ele que eu honrarei o meu símbolo nas Trevas sem reclamar.
- Ele pede que ainda que esteja na pior das trevas, não O renegue ou O esqueça novamente, filho.
- Eu não O reneguei, nem O esquecerei, Ser da Luz. Novamente obrigado.
- De nada, filho. Adeus.
- Adeus Símbolo Vivo. E ele desapareceu mas o símbolo ficou ali. Nunca mais foi apagado. Pode acreditar nisso, amigo Taluiá. Ele ainda está lá até hoje e eu vou de vez em quando até ele para ver se o ser da Luz volta a falar comigo. Eu falo com o símbolo, ele nada me responde mas eu sei que me ouve e isto é o suficiente para mim. Quanto ao resto, eu tiro de letra pois sou chamado de “Professor da Meia-Noite” por minha falange.

Eu me levantei e limpando minha capa negra do limbo, ascendi até a crosta. Estava de volta ao campo de batalha, curado do remorso do passado. Não tenho certeza, amigo mas acho que o caboclo a quem eu servia sabia do meu encontro com o consolador pois eu notei naqueles dias, um ar de alegria nele. Mas como ele nada falava, eu calei-me até hoje sobre aquele encontro. Neste tempo, eu perguntei ao caboclo como estava seu filho e soube que estava numa câmara de recuperação. Pedi para que me levasse até lá mas ele se negou. Lá entravam apenas os mestres da Luz que cuidavam dele. Calei-me pois não queria lembra-lo de sua dor. Nunca mais

perguntei sobre o estado do filho, somente trabalhava, trabalhava e trabalhava.

A GRANDE VITÓRIA

Era o ano de 1983 e fui convidado para um encontro com o Guardião dos Sete Portais das Trevas. Fui imediatamente ao seu encontro. Quando cheguei ele me saudou com um gesto característico.

- Salve Guardião da Meia-Noite! Eu não esqueci de sua oferta da ajuda, estou precisando dela.

- Do que se trata, Guardião?

- Fui designado pela Lei para proteger um encarnado e não posso falhar. Por isto quero sua ajuda na proteção dele.

- Eu o protegerei como se fosse minha responsabilidade.

- Eu agradeço. Não me esquecerei disto, companheiro.

Para o Guardião dos Sete Portais das Trevas chamar alguém de companheiro, deveria querer dizer que ele tinha um bom conceito deste alguém. Isto me deixou feliz.

- Mas não será fácil.

- Não me preocupo com dificuldades.

- Poderá perder o seu pescoço na defesa dele.

- Não me preocupo com isto.

- Poderá ser destituído de seu posto de guardião da meia-noite, se houver alguma falha.

- Serei vigilante.

- Terá que ser discreto, apesar de ser o maior em sua linha.
- Anularei-me por completo.
- Não admitirei traição pois quem me trai eu o degolo.
- Eu odeio os traidores e o senhor sabe disto.
- Terá que combater a outro guardião do ponto de força da sétima linha.
- Eu me arrisco e pagarei o preço do desafio. Apenas não infringirei a Lei.
- Nem eu lhe pedirei isto.
- Então conte comigo, Grande Guardião. Nisto eu ouvi uma grande ovação por parte de muitos guardiões de pontos de força.
- O que é isto, Grande Guardião?
- São aqueles que aceitaram minhas condições para tal empreitada. São os mais poderosos que há no serviço da lei de Umbanda. Estão faltando uns poucos que não farão parte da luta.
- Quem é o protegido?
- Ninguém além de um protegido meu. E quando eu protejo alguém a proteção é total. Além deles eu enviarei meus melhores escravos, quando assim se fizer necessário. E eu vi se levantarem os mais terríveis carrascos da Lei. Aquele salão se parecia com a assembléia. Havia em seu interior apenas guardiões da lei de Umbanda nas Trevas. Todos tão poderosos como eu e muito temidos por sua combatividade no serviço da Lei. O Guardião levantou-se do seu trono e volatizou-se. Nós o seguimos. Quando chegamos ao lugar onde estava o protegido, fiquei decepcionado.

Não era um milionário ou um governante. Enfim, era apenas um ser comum como bilhões de outros seres. À sua esquerda estavam o Sete Portas, o Tranca-Tudo e outro para protegê-lo. O outro não quer que eu o cite. Acato o seu desejo de continuar incógnito. Havia também dois pretos velhos que já conhecia há muito tempo e mais três caboclos muito conhecidos. Um do mar, outro da mata e o terceiro da montanha. O Guardiã dos Sete Portais apresentou todos aos seres da Luz e falou:

- Tudo o que for feito nas linhas deles, será amortecido. Se precisarem de ajuda eles ajudarão. O velho negro respondeu:

- Nós lhe agradecemos, exu guardião. Quando precisarmos nós exigiremos o cumprimento do prometido por você. Dali cada um voltou a seu ponto de força.

O tempo ia passando e eu assim como os outros, passávamos de vez em quando para ver como ia o protegido do Guardiã. Aparentemente tudo ia bem pois os choques eram comuns para aqueles que combatiam as Trevas. Um dia, eu fui desligado de todas as outras funções e mandado dar guarda diuturnamente ao protegido do Guardiã. Eu estava acostumado à liberdade e foi horrível ter sido obrigado a ficar ali, preso. Mas quem ordenara fora o próprio Senhor dos Mortos, o senhor Abaluaê e quem era eu para não cumprir uma ordem direta dele. Junto comigo vieram outros sete segundos Omulu com suas respectivas forças, todos

enviados pelo guardião do ponto de força das trevas do campo santo ou cemitério. Pelo menos tinha com quem conversar nas horas de folga. Foi neste tempo que eu reencontrei a rainha do ponto de força das trevas no mar. Ela era calada e não ligava para nós. Eu estava cansado da rotina e achava o médium um idiota bem intencionado. Só o chamava de idiota azarado. Um dia, ela aproximou-se de mim e fulminou-me com os olhos.

- Escute aqui, esqueleto imundo se o chamar mais uma vez de idiota eu parto todos os seus ossos e os dissolvo no mar.

- Ele não é, por acaso, um idiota? Não vou ficar mais tempo aqui.

Ela levantou o seu cetro e eu fui jogado no chão. Estava sendo triturado. Minha força era nula perto da sua força. O velho negro interviu rapidamente e me salvou do aborrecimento. O poder dela igualava-se ao do grande guardião do cemitério, o poderoso Omulu. Eu é que não sabia de nada. Havia me esquecido que ela era a guardiã do ponto de força das trevas do mar. No mesmo instante, eu descobri tudo. Nós estávamos guardando o Cavaleiro da Estrela da Guia que havia sentido no espírito o poder do Príncipe das Trevas. Levantei-me e falei:

- Desculpe-me Rainha, não sabia que era o ...

Fui interrompido pela voz do velho negro.

- Não fale, Guardiã!

- Eu só queria...

- Não fale, é uma ordem!

- Eu não pensava que ...

- Não pense também. Se não pensava quando podia pensar, agora está proibido de pensar. Não pense e não fale! O ar ouviu tudo e será muito ruim se o seu pensamento for ouvido.

- Não pensarei chefe, nem falarei mais nada. Só peço desculpas pelas minhas palavras, Rainha. Espero que aceite.

- Eu aceito, Guardiã. Mas fica em aviso: se houver traição, o culpado pagará com a própria existência. Não mais o chamei de

idiota azarado. Vigiaava meus pensamentos ao extremo. Além do mais eu também me escoltei com os mais leais e poderosos auxiliares. Toda cautela era pouca. Aprendi a dormir com um olho aberto como havia dito, há muito tempo atrás o Grande Guardiã. As encrências começaram a acontecer algum tempo depois, os choques vinham de todos os lados. O idiota começou a crescer rapidamente. Foi sendo despertado pelos caboclos e pelo velho negro. Nós à esquerda, não pensávamos e nem falávamos. Quando chegou a hora certa entramos no campo da magia pura. Os elementos foram conquistados. Os reinos elementares conheciam o antigo mago e respondiam com todos os seus poderes. Os inimigos começaram a cair, um a um. Legiões inteiras de seres das Trevas desapareciam do mundo subterrâneo para sempre. As seis obrigações haviam se completado, faltava apenas a sétima que era a mais difícil de todas. Era o chamado do ancestral místico à sua emanação. O idiota já não era um idiota mas um poderoso mago que começava a ser despertado pelos mestres do saber da luz divina. Eu assistia a tudo calado mas sabia que o confronto final iria acontecer. Os mestres do Grande Oriente começavam a chegar. A vigilância da Luz era implacável. Não lhe davam um dia sequer de descanso mas ele de nada desconfiava e até se revoltava com o excesso de deveres. Ofendeu-nos várias vezes com sua revolta mas o Cavaleiro puxava o bridão e o cavalo se tornava dócil. Estava indeciso quanto à sétima obrigação, seria o fim do livre arbítrio. Os magos apertavam as cravelhas, ele tinha que decidir-se. Por fim, tomou a decisão: O ancestral místico assumia a sua luta e defesa. Todas as forças estavam à disposição, era só ir lá e levanta-las. Nova indecisão, pois a primeira implicava em unir os dois extremos, o da Luz e o das Trevas. Somente assim poderia lutar de igual para igual com o Príncipe das Trevas. Ele não sabia que a luta já havia começado e outra que estava lutando. De um lado estava o Grande Oriente, do outro o Príncipe das Trevas querendo levar novamente o Cavaleiro da Estrela da Guia. Nós à esquerda nos tornamos cruéis: todos que ultrapassavam certa distancia eram destruídos. O Grande

Rei capitulou quando viu que ia cair também e aceitou o armistício, já havia perdido os seus melhores auxiliares. Lúcifer ainda insistia na luta mas também sofria golpes profundos. O Príncipe das Trevas estava desesperado. Desferia golpes formidáveis e ainda assim o Cavaleiro cavalgava. Os cristais foram abertos ao mago, o tempo também e a luta se equilibrou um pouco. O Príncipe recuou suas hostes e o Cavaleiro pôde respirar um pouco. Quando o Grande Oriente soube dos planos do Príncipe preparou-se para nova investida. Mas desta vez seria pior.

Alguns, tanto da Luz como das Trevas, foram afastados pois corriam perigo. Outros vieram pela direita e a esquerda foi assumida pelo próprio Guardiã dos Sete Portais das Trevas. Eu perguntei-lhe o porque de se expor.

- Eu corro o risco, companheiro. Se ele cair não resistirá à nova prova diante do Príncipe das Trevas e se perderá para todo o sempre.

- Mas você corre o risco de cair junto com ele.

- Se ele cair vou junto na queda. Não me interessa ficar nos Sete Portais das Trevas se a minha parte na Luz não existe.

- Esta eu não entendi.

- Nem eu vou lhe explicar o que significa.

A Rainha também se pronunciou.

- Eu caio junto se o meu Cavaleiro cair. Também não quero ficar só no meu ponto de força. Até o gênio do oráculo se manifestou.

- Eu vejo a vitória se souberem lutar. Eu os ajudarei pois ele é o guardião do meu ponto de força. Eu nunca abandono um dos meus. O seu ancestral místico o conduziu por este caminho mas não quer

perde-lo para as Trevas. Eu assumirei a sua mente e o guiarei à vitória.

- Mas sua vitória tirará uma guardiã de um dos pontos de força.

- Eu sou o gênio do oráculo ou já se esqueceram disto? Eu vejo o passado, o presente e o futuro. De tudo eu já sabia. Já tenho uma outra guardiã que assumirá o meu ponto de força no mar.

Um plano foi traçado pois logo o combate final começaria. Só o mago não sabia de nada e isto complicava um pouco as coisas. Logo o choque terrível começou. O ancestral místico envolveu por inteiro o mago e o conduziu duramente. Era o cavalo sendo puxado pelo freio envolvido pelo ancestral místico que fazia tudo o que era preciso. O Grande Rei pediu paz e ofereceu ajuda. Era o ancestral místico enviando forças ao mago. Um a um, os recalcitrantes foram sendo dobrados pelo Grande Oriente.

O mago buscou aos guardiões dos mistérios tanto da Luz como das Trevas. Nenhum negou ajuda. Ele não sabia de nada mas eles o reconheciam na carne como um dos seus melhores servidores. E o choque começou.

Cada um conhecia agora o outro lado e quais eram os amigos e inimigos. A cada derrota de um servidor do Príncipe das Trevas, milhares de almas eram libertadas e acolhidas pelos mestres da Luz. O porta-estandarte já não vencia marcar o nome dos libertos das Trevas pelo mago cego. Escreveram-se tantos livros com aqueles nomes que o Grande Oriente tem uma estante somente para eles. O mago assumiu seu nome de Cavaleiro da Estrela da Guia. Até este dia, os servos do Príncipe somente o vigiavam. Nem isto passou despercebido. Quando a luta estava no auge, o mago perdeu o seu templo. Houve deserções, à esquerda e à direita. Muitos achavam que ele iria perder a luta e saíram em disparada. O

mago ficou só em sua luta. O Grande Oriente lhe deu poderes maiores ainda e a guerra recomeçou.

Os terríveis cavaleiros das Trevas foram colocados à disposição do mago e degolaram falanges inteiras de servos de Príncipe. Após um breve período o mago reabriu o templo. O Príncipe levantou o que havia de pior nas Trevas e lançou contra o templo. O mago foi obrigado a fecha-lo novamente.

O príncipe sabia como atacar mas já estava se expondo demais. Estava sendo atraído para uma cilada e não sabia. Este tinha sido o plano.

O mago se recolheria para a defesa. O Príncipe pensaria que havia ganho e sairia em campo para buscar a alma do Cavaleiro. Falhou com sua estratégia pois foi enganado pela vitória aparente. Finalmente, houve o confronto entre o Cavaleiro e o Príncipe das Trevas. O Príncipe das Trevas foi subjugado pelo ancestral místico e recebeu a marca do símbolo do Cavaleiro: a estrela e as três cruzes. Foi obrigado a se retirar da luta e a esquecer para sempre o Cavaleiro.

Eu e os que participaram da luta toda sem arredar os pés, temos o sabor da vitória de todos. Afinal, um dia o Cavaleiro desceu até nós e nos encaminhou para servimos à lei de Umbanda e não o deixaríamos sozinho na hora que mais precisava. Todos nós ganhamos estrelas em nossos símbolos. Foi um presente do ancestral místico do Cavaleiro aos que não se acovardaram. Esta estrela nos tornou mais poderosos e aqueles que fugiram na pior hora da luta, estão até hoje com a sensação de derrotados. Isto nós podemos ver nos seus olhos. É uma pena que tenham ficado com medo de cair pois perderam a oportunidade de subirem um pouco. Nós, os da esquerda voltamos à paz. Ainda comentei com os outros que foram mais ativos na luta:

- Quem disse que nunca acontecia nada, tanto na Luz como nas Trevas?

- Fui eu! – disse o Guardião dos Caminhos.

- O que me diz de tudo o que houve?

- Apenas um pequeno alvoroço.

- Ainda diz que foi somente um pequeno alvoroço quando nossos pescoços estavam sob uma guilhotina?

- Sim, isto só serviu para que afiássemos nossas armas, cortássemos alguns canalhas e mostrássemos quem somos realmente. Hoje eles sabem que nas Trevas não há amor mas ódio.

Não há humildade mas soberba; não há compaixão mas somente vingança pura. Quem quiser amor, humildade e compaixão, que vá viver na Luz. Aqui impera a lei dos mais fortes e mais espertos. Não é a própria Lei quem diz que quem deve paga e quem merece recebe?

- Sim, a Lei diz isto mesmo.

- Então vamos esperar que a Lei nos diga quando mereceremos outro combate desses. Isto aqui já está monótono de novo pois nada muda nas Trevas.

- Espero que seja daqui a sete mil anos, seu filho de uma rameira!

Ele nada disse e caiu na gargalhada.

- Mas porque você me contou tudo isto, companheiro da meia-noite? E porque estava feliz quando chegou?

- É que fui convidado a mudar de lado há algum tempo atrás. Tentei me adaptar à Luz mas não deu certo. Cheguei à conclusão de que

nada muda mesmo. Assim como nas Trevas existem aqueles que querem subir e aqueles que querem descer, na Luz também eles existem!

- E o que tem isto demais?

- Apenas que , na Luz temos que tentar impedir os que querem descer e ajudar aos que querem subir.

- Isto é certo mas ainda não entendi o que você está tentando dizer.

- O que eu estou dizendo é que se na Luz existem tantos que querem descer, eu volto para as Trevas para ajuda-los na sua chegada.

- Vai tentar mostrar que estão errados?

- Sim!

- Mas como, se não terá luz para ilumina-los?

-Posso não ter luz para mostrar-lhes que estão errados mas tenho um chicote novo, uma espada nova com uma estrela no cabo, uma grande capa negra para ocultar o meu esqueleto e um enorme tridente pontudo para lembra-los que nas Trevas não há perdão, só castigo, há, há, há ...

Ele saiu gargalhando alto. Eu fiquei a meditar em sua história.

Fim.

Taluiá Heniê, como é conhecido entre seus irmãos da Luz, significa "Filho que caminha sob a luz da justiça divina".